



museu ibérico de arqueologia e arte de abrantés

ANTEVISÃO VII

promotores

câmara municipal  
de abranes

Presidente  
Maria do Céu Albuquerque

fundação ernesto lourenço  
estrada, filhos

museologia e arqueologia

Davide Delfino  
Gustavo Portocarrero

textos

Davide Delfino  
Gustavo Portocarrero  
Ana Cruz  
Filomena Gaspar  
Álvaro Batista  
Nuno Miguel Queiroz

colaboração

Centro de Pré-história / IPT  
CIAAR  
Mestrado de Fotografia / IPT

catálogo

Paulo Passos  
Gabinete de Comunicação / CMA

fotografia

Fernando Sá Baio  
Gabinete de Comunicação / CMA  
Nuno Miguel Queiroz [PÁGINAS 16 / 17 / 19 / 117]  
Centro de Pré-história / IPT [PÁGINAS 20 / 58]

produção de lettering

Gabinete de Comunicação / CMA

impressão

XXXXXXXXXX

isbn

978-972-9133-41-1

depósito legal

311943/10

# O HOMEM E O TERRITÓRIO 7000 ANOS DE ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO DE ABRANTES



# sete mil anos a transformar o barro. cerâmicas do MIAA

O Senhor Deus formou  
o homem do barro da terra,  
inspirou-lhe nas narinas  
um sopro de vida e o homem  
tornou-se um ser vivente.

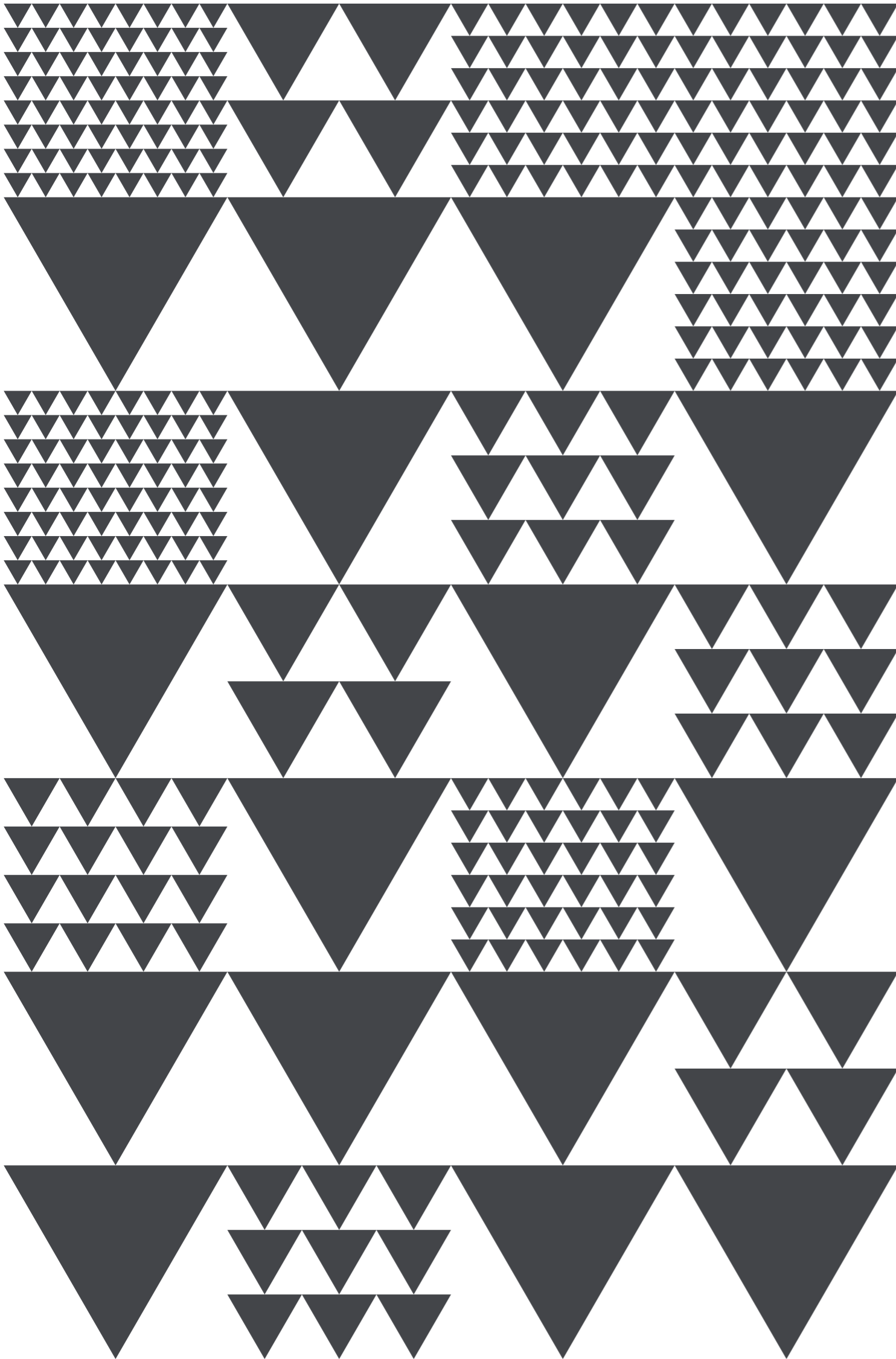
## GÊNESIS

E o homem pegou, nas suas mãos,  
o barro e deu-lhe forma.  
Estava criada a cerâmica.  
A cerâmica nasceu em paralelo  
com o trigo, a espiga, o grão, a ceifa...  
O homem trabalhou o barro,  
modelou-o, decorou-o, pintou-o...  
Criou inúmeras formas.  
Utilizou-o em variadíssimas funções...  
Tecnologia e arte, utilitarismo e  
simbolismo – a história da cerâmica  
funde-se com a História da Humanidade  
e é uma ótima testemunha da vida  
das comunidades humanas. É, por  
isso mesmo, uma poderosa aliada da  
Arqueologia.

“8000 mil anos a transformar o barro:  
Cerâmicas do MIAA” é VI Antevisão  
do Museu Ibérico de Arqueologia e Arte.  
A cerâmica é mais um mote  
para mostrar uma parte significativa  
das coleções do MIAA.

Ao mesmo tempo mostra-se  
o trabalho que o MIAA vem realizando  
– a escavação arqueológica,  
a investigação, o inventário, o restauro  
de peças, o acondicionamento  
de coleções... fazem parte  
de um trabalho silencioso que  
se vem fazendo há anos com a  
colaboração de muitos. Em primeiro  
lugar os colaboradores diretos do  
município, mas existem outros, numa  
teia de relações que se vai multiplicando  
no território e falamos este ano do  
Centro de Pré – História do Instituto  
Politécnico de Tomar, do Laboratório  
Hércules da Universidade de Évora,  
do CIAAR de Vila Nova da Barquinha,  
do Instituto Terra e Memória de Mação.  
Mais uma vez, esta exposição não  
se fecha sobre si própria. Pelo contrário,  
ela é parte inteira de um projeto em  
execução que não é só local e no qual  
a colaboração científica com outros  
centros de investigação é uma  
realidade desde a primeira hora.

MARIA DO CÉU ALBUQUERQUE  
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL  
DE ABRANTES



# o agir estratégico do homem no território através da transformação da paisagem: um olhar sobre o concelho de abrantes nos últimos 7000 anos

DAVIDE DELFINO  
GUSTAVO PORTOCARRERO

A palavra *estratégia* está normalmente ligada ao mundo militar, embora nas últimas décadas tenha sido alargada a outras áreas como a economia e a gestão, chegando mesmo a ser utilizada em estudos de desenvolvimento sustentável do território e de gestão da coesão territorial.

Estratégia, no sentido geral, significa usar os meios à disposição para alcançar objetivos de acordo com as necessidades e as circunstâncias. Reflete uma característica do pensamento humano, sendo o homem um ser estratégico por natureza. O pensamento estratégico é algo que acompanha o homem ao longo da sua história desde o Paleolítico; só varia nas suas diversas aplicações ao longo da história, de acordo com diferentes necessidades e acontecimentos. Em qualquer momento da sua história, o homem enfrentou momentos críticos que levaram a escolhas e decisões que deixaram vestígios ainda visíveis atualmente na paisagem, nos monumentos e na cultura material. Na paisagem que foi moldada e transformada; nos monumentos que a compõem e que testemunham a adaptação que o homem fez do seu território; na cultura material que reflete a exploração das matérias-primas, o desenvolvimento das técnicas ligadas aos materiais, a troca de conhecimentos e elementos culturais através do território. É através destas heranças que é possível ler a história de gestão do território através das diferentes escolhas estratégicas.

O Concelho de Abrantes, rico em vestígios arqueológicos no seu território e em artefactos antigos nas reservas de arqueologia da Câmara Municipal, permite um olhar sobre 7.000 anos de estratégia na gestão do território, desde o Neolítico até à Idade Moderna.

No Neolítico, as comunidades tornam-se cada vez mais estáveis e iniciam a transformação do território, criando uma paisagem exclusivamente antrópica que continua a predominar atualmente.

Na Idade do Bronze e na Idade do Ferro, as comunidades tornam-se cada vez mais numerosas, são exploradas novas matérias-primas (os metais) e formam-se povoados de diferentes dimensões, alguns fortificados, implantados de modo a melhor gerir os recursos naturais e a garantir o controlo e defesa do território.

No período Romano, o território é incorporado numa única entidade estatal, uma única cultura e uma única língua que abrangia grande parte da Europa, com produção de bens quase pré-industrial e onde a urbanização e a gestão dos campos agrícolas moldou a paisagem com consequências visíveis ainda nos nossos dias.

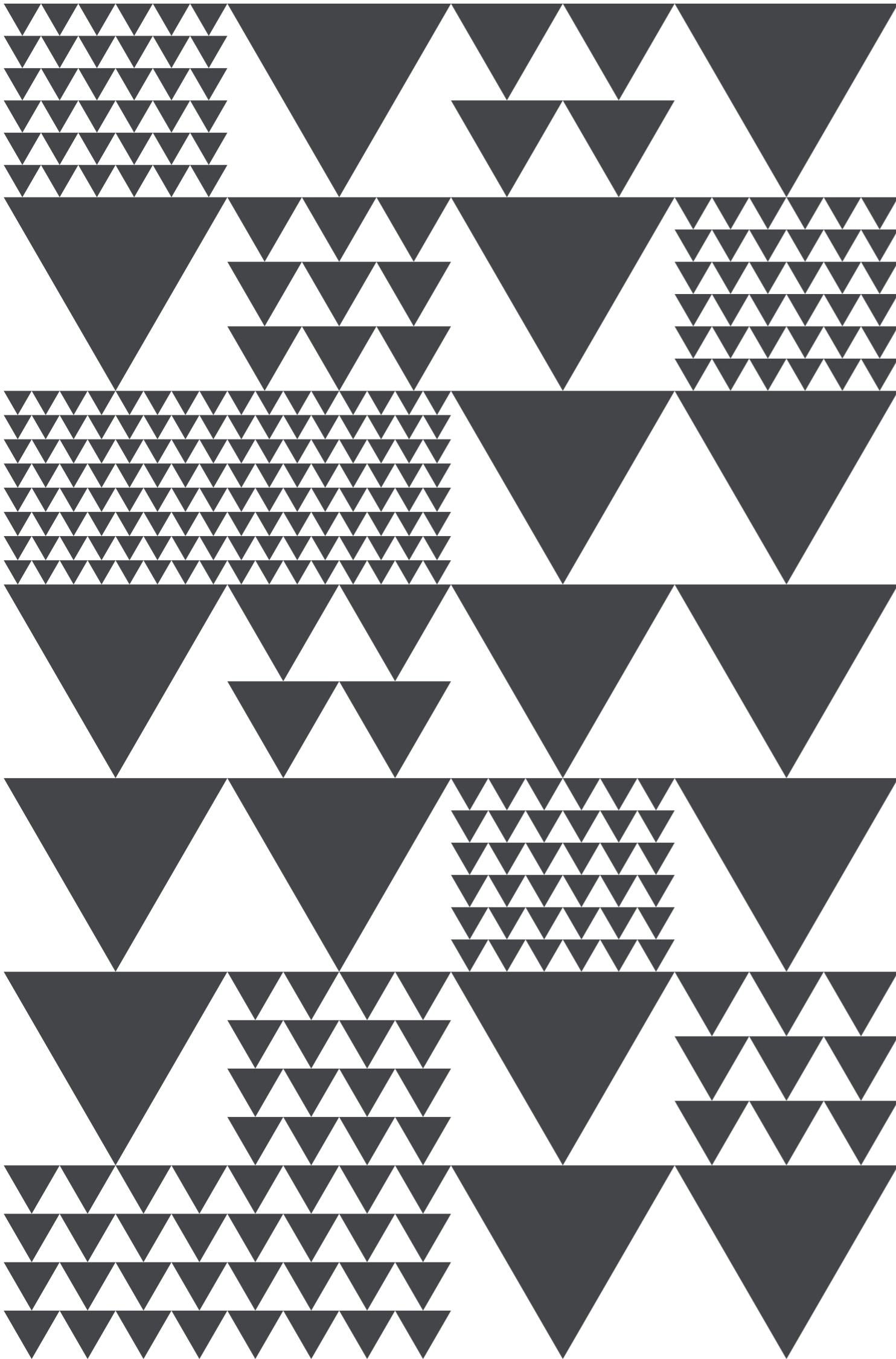
Na Idade Média, com a invasão islâmica da Península Ibérica, ocorre uma militarização do território que se torna uma zona de fronteira entre domínios cristãos e muçulmanos, assistindo-se à construção de castelos para garantir a defesa e controlo do território.

Na Idade Moderna, persiste a militarização do território, dado funcionar em Abrantes a base de apoio ao exército português para fazer face a invasões militares provenientes da fronteira espanhola, assistindo-se à construção de diversas estruturas militares, bem como de pontes para facilitar o movimento das tropas.

O desejo que acompanha este olhar sobre 7.000 anos da história de Abrantes, focado na estratégia de gestão do território, não é só o de perceber melhor como e porquê a paisagem abrantina foi sendo alterada até aos nossos dias, mas também o de aprender com o passado e entender como os nossos predecessores enfrentaram desafios e dificuldades explorando da melhor forma os meios disponíveis, de modo a podermos, atualmente, fazer as escolhas estratégicas mais adequadas para o futuro. Esta é uma temática que vai fazer do MIAA, por meio da Coleção do Museu Lopo de Almeida, rica em cronologias e conexões com o território, um ponto de reflexão sobre o agir estratégico humano ao longo dos milénios e um lugar de encontro de ideias e discussão para o agir futuro.

## BIBLIOGRAFIA

- CAMAGNI, R. (2004) LE RAGIONI DELLA COESIONE TERRITORIALE: CONTENUTI E POSSIBILI STRATEGIE DI POLICY, *SCIENZE REGIONALI*, 2, PP. 97- 111
- DIAMOND, J. (2005) *COLLAPSE. HOW SOCIETIES CHOOSE TO FAIL OR SUCCEED*, NEW YORK: PENGUIN GROUP
- EARLE, T. K. (1997) *HOW CHIEFS COME TO POWER: THE POLITICAL ECONOMY IN PREHISTORY*, STANFORD: STANFORD UNIVERSITY PRESS
- SANTANA DE FIGUEREDO, H.; CAVALCANTI SÁ DE ABREU, M. (2009) MODELO DE CONCEÇÃO E AVALIAÇÃO DA ESTRATÉGIA DE TERRITÓRIOS, *REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA*, 43, 4, PP. 801-836
- SAWYER, W. (1996) *THE COMPLETE ART OF WAR*, BOULDER: WESTVIEW PRESS
- TRAINA, G. (1992) *AMBIENTE E PAESAGGI DI ROMA ANTICA*, ROMA: CAROCCI EDITORE
- TRIGGER, B.G. (1978) STRATEGY IN IROQUIAN PREHISTORY, IN DUNNEL, R.C, EDWIN, H. S. (EDS) *ARCHAEOLOGICAL ESSAYS IN HONOR OF HIRVING.B. ROUSE*, STUDIES IN ANTHROPOLOGY 2, DE GRUYTER, PP. 275-310
- VAN PEER, P. (1992) *THE LEVALLOIS REDUCTION STRATEGY*, MONOGRAPHS IN WORLD ARCHAEOLOGY, 13, LEUVEN: PREHISTORY PRESS.



# a fisiografia do território abrantino

ANA CRUZ

Orlando Ribeiro reflete as suas observações relativamente ao território português da seguinte forma:

*“A montanha quando não domina, avista-se de todos os lugares. As terras baixas, litorais ou várzeas aluviais dos grandes rios, são por toda a parte, limitadas, fragmentadas em compartimentos pequenos entre serras ou planaltos. Mesmo nas zonas de altitude relativamente baixa o relevo é sempre relativamente variado e enérgico, as áreas planas repartem-se por pequenos fundos de vale, minúsculas bacias, retalhos de planície junto de escarpas e ladeiras”.*

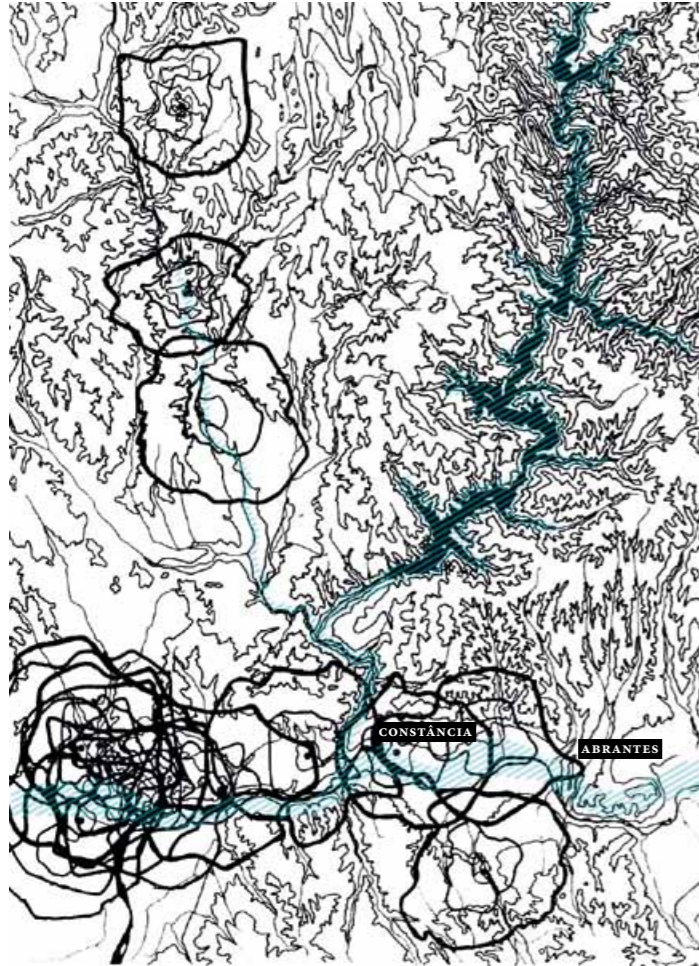
[RIBEIRO, 1987: 2]

Esta reflexão acerca da diversidade fisiográfica do nosso País é um ótimo instrumento de análise relativamente às estratégias de implantação das comunidades humanas do Paleolítico, Epipaleolítico [FIG. 1], Neolítico [FIG. 1 e 2], Calcolítico [FIG. 2], Idade do Bronze [FIG. 3] e Idade do Ferro.

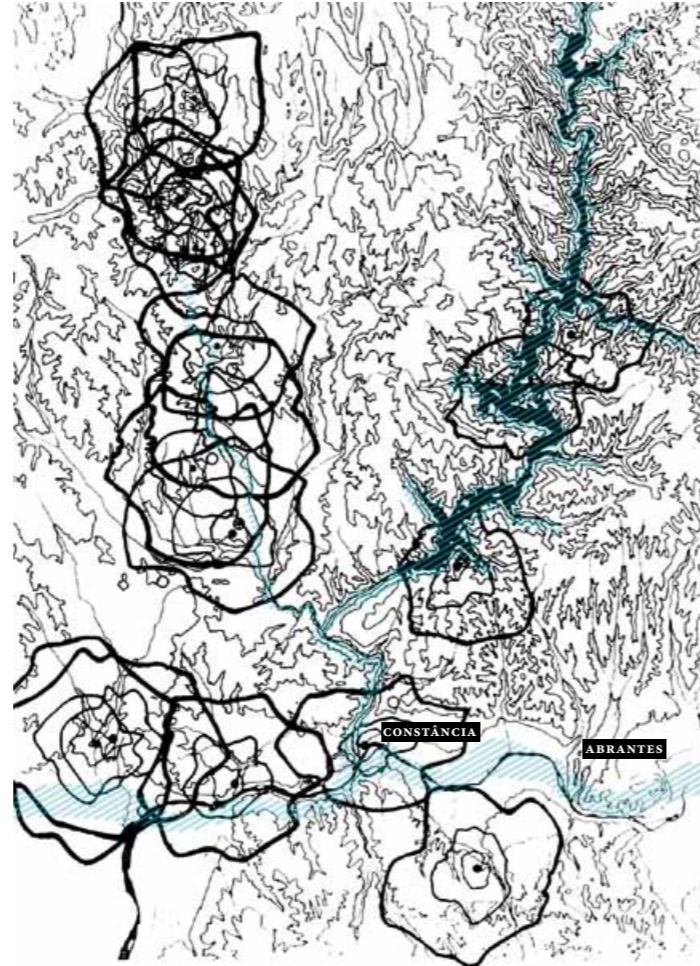
No início do Holocénico as condições de temperatura e de precipitação determinaram as variações climáticas que, por sua vez, condicionaram o coberto vegetal. A conjugação de elementos como a topografia, geologia, litologia, hidrografia e solos, associados aos estudos de flora e fauna, permitiram determinar as opções estratégicas de assentamento no sentido do aproveitamento de solos para a produção agrícola incipiente e para a prática da pastorícia, ainda que os velhos hábitos de caça, pesca e recoleção se tenham mantido como vertentes fundamentais na sobrevivência das comunidades que adotaram o modo de produção.

As estratégias de implantação de habitats, acampamentos, aldeias ou povoados fortificados foram diversas e determinadas pelas características desta área geográfica; de igual forma, a preocupação em procurar lugares onde a disponibilidade de acesso a recursos alimentares, rochas e minerais fosse facilitada, concorreu para uma intensa ocupação humana no concelho de Abrantes, num passado com mais de 40.000 mil anos A.C.

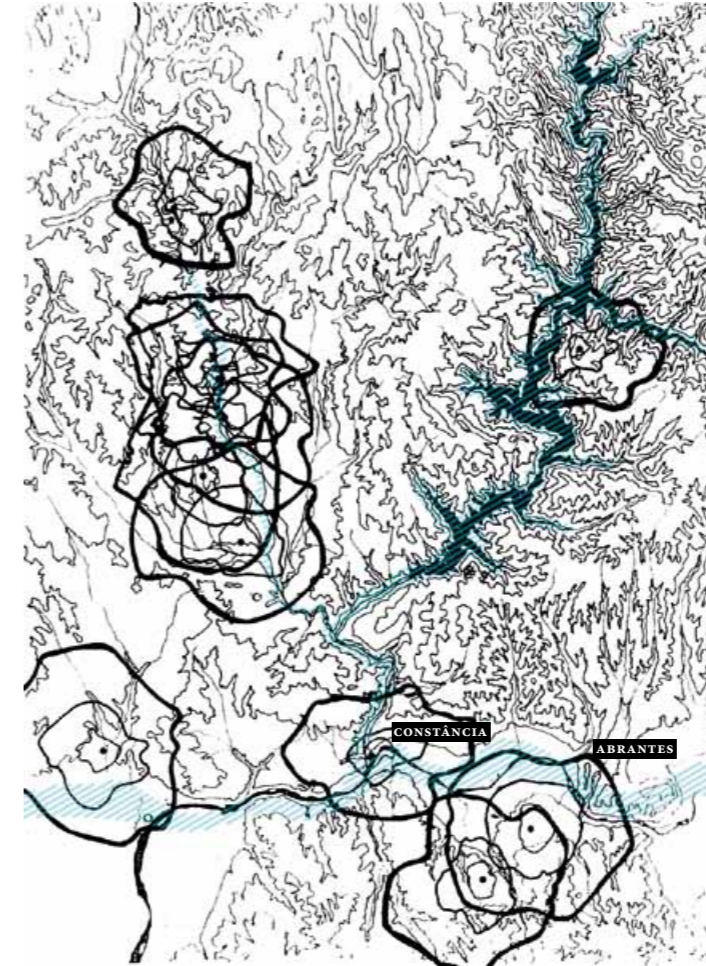
O concelho é abrangido pela bacia hidrográfica do rio Tejo, que o separa ao meio, criando uma fronteira natural entre os terrenos a Norte e a Sul.



1. TERRITÓRIOS TEÓRICOS DE CAPTAÇÃO DE RECURSOS ENTRE 6.000 E 4.500 A.C.  
 FONTE: CRUZ, 1997: 356.  
 TEORETHICAL CATCHMENT LANDSCAPES BETWEEN 6.000 AND 4.500 BC.  
 SOURCE: CRUZ, 1997: 356.



2. TERRITÓRIOS TEÓRICOS DE CAPTAÇÃO DE RECURSOS ENTRE 4.500 E 2.500 A.C.  
 FONTE: CRUZ, 1997: 358.  
 TEORETHICAL CATCHMENT LANDSCAPES BETWEEN 4.500 AND 2.500 BC.  
 SOURCE: CRUZ, 1997: 356.



3. TERRITÓRIOS TEÓRICOS DE CAPTAÇÃO DE RECURSOS ENTRE 2.500 E 1500 A.C.  
 FONTE: CRUZ, 1997: 358.  
 TEORETHICAL CATCHMENT LANDSCAPES BETWEEN 2.500 AND 1500 BC.  
 SOURCE: CRUZ, 1997: 356.



A bacia hidrográfica do Tejo [FIG. 4] possui uma rede complexa que se espalha através de lezírias, terraços quaternários, áreas planas e pouco acidentadas e pequenas serras. É ainda de assinalar uma assimetria na morfologia do terreno entre as áreas da margem esquerda e as da direita; para além das formações recentes aluviais e dos terraços quaternários, registam-se na vertente esquerda, largas formações gresosas, arenosas, argilosas e conglomeráticas, enquanto na vertente direita predominam as formações carbonatadas.

O Rio Zêzere [FIG. 5] percorre o sector oriental do concelho de Abrantes no sentido N-S, formando a albufeira da Barragem de Castelo de Bode, entre Bairrada e Martinchel. Apresentam um perfil em v, devido ao elevado grau de erosão, sendo muito fracas as oportunidades de nos depararmos com depósitos aluvionares. A sub-bacia hidrográfica do rio Zêzere integra-se geologicamente no Maciço Hespérico, representando uma unidade tectono-estratigráfica constituída pelas rochas mais antigas, eruptivas, metamórficas e metassedimentares do Precâmbrico e do Paleozóico. Sendo o limite da zona Centro-Ibérica, encontra-se localmente coberto por depósitos detríticos com predomínio de xistos, granitos, anfíbolitos, grauvaques, quartzitos e de gnaisses. A zona geográfica que converge com a margem esquerda do rio Zêzere é sulcada nos entalhes geomorfológicos por muitas linhas de água pouco hierarquiza-

das, que implicaram o desenvolvimento de vales bastante encaixados e escavados, resultado da proximidade com a Cordilheira Central. Genericamente as formas de relevo são acidentadas, com vertentes abruptas, podendo ocasionalmente observar-se o reduzido desenvolvimento dos solos. Apresenta, na sua grande maioria, solos esqueléticos, pouco evoluídos e plenos de seixos e blocos grandes de gnaisse. Nesta paisagem é ainda muito frequente a ocorrência de grandes afloramentos, que se concentram nas ruturas de pendor mais abruptas e nos vales encaixados. Onde o relevo é mais suave, é possível detectar solos evoluídos, relacionados com acumulações de material nas suas zonas inferiores, por escorrência da zona superior das encostas, são vulgarmente chamados “depósitos de vertente”. Nestas regiões (até ainda há poucos anos) praticava-se a sustentação dos solos com

pequenos socacos, onde se procedia à plantação de oliveira, tentando assim evitar a erosão que se apresenta muito forte nestas vertentes escarpadas. Nesta área geográfica, predomina a cultura do olival, do pinheiro, da vinha e mais recentemente do eucalipto, sendo a exploração hortícola muito restrita e não havendo lugar para culturas intensivas (observações de campo). Sabemos que os recursos hídricos são poucos no Maciço Antigo pois as principais ribeiras afluentes do rio Zêzere são a ribeira da Aldeia do Mato e a ribeira da Brunheta.



4. A PAISAGEM DO VALE DO TEJO  
EM ZONA DE LEZÍRIA  
LANDSCAPE OF TAGUS VALLEY IN FLATLAND

Do ponto de vista ecológico as regiões naturais correspondem às sub-regiões Abrantina e do Baixo Zêzere, conjugando extensas áreas de policultura sub-mediterrânica com áreas de sub-serra herminiana, marcando o limite ocidental das Beiras. Durante o Mesolítico final a paisagem de bosque vai paulatinamente dando lugar a uma paisagem aberta, passando pelo declínio de pinheiros e de *Quercus* durante o Neolítico, até atingir forma de degradação como as clareiras arbustivas do Calcolítico; esta referência paleoecológica indica uma importante influência mediterrânica. Segundo Ethel Allué o aspecto mais relevante desta observação prende-se com a presença de *Olea* sugerindo condições climáticas temperadas, sublinha que estes dados

demonstram a importância da influência da vegetação Mediterrânica neste período. Os registos de *Alnus* são muito importantes pois definem as oscilações de representatividade ao longo desta fase do Holocénico, refletindo a dinâmica do nível das águas e o impacte antropogénico nas zonas de várzea.

No que concerne ao tipo de fauna existente no Neolítico Antigo, ainda que sejam amostras provenientes de contextos cársicos, sabemos da existência de espécies domésticas como o boi, porco, cabra e ovelha e de espécies selvagens como o auroque, veado, javali e corço.



5. A PAISAGEM DO BAIXO VALE DO ZÊZERE  
LANDSCAPE OF LOW ZÊZERE VALLEY

Topograficamente, a Norte do Rio Tejo, verificamos a existência de uma zona planáltica, vulgarmente chamada “charneca”, predominando aí as formações geológicas próprias do Maciço Hespérico. Possui um relevo irregular com altitudes máximas acima dos 300 metros. Os declives são bastante acentuados, em especial nas encostas da área do Baixo Zêzere. Observam-se ainda os afloramentos de outro tipo de formações Pré-Câmbricas e Paleozóicas, onde o melhor exemplo pode ser observado na zona de Abrantes. Reconhece-se o Pré-Câmbrico ao longo de ambas as margens do Rio Tejo na zona a Sudoeste de Rio de Moinhos que se estende até Abrantes (desde a zona de Tancos até Montalvo) e a Nordeste de Alferarede (desde o Arrepiado até Caneiro), o seu prolongamento faz-se até Mouriscas para Sul e engloba a Serra de Tomar, para Norte.

Nestes terrenos acidentados, muito perto da barragem de Castelo do Bode, foi possível compreender os mecanismos relacionados com as práticas funerárias, num universo onde a vida quotidiana e a morte são indissociáveis. Na zona mais a Norte do concelho foi possível identificar exemplares que testemunham a presença humana numa plataforma diacrónica que medeia o Epipaleolítico e o Calcolítico, organizada em arqueossítios domésticos e funerários.

# I. os primeiros interventores na paisagem de abrantes

ANA CRUZ  
DAVIDE DELFINO  
ÁLVARO BAPTISTA

Os períodos cronológicos que medeiam o Epipaleolítico, o Neolítico Antigo-Médio e o Calcolítico estão comprovados no Povoado de Fontes, o Calcolítico está patente no Povoado do Maxial.

Fontes é um povoado de altura [FIG. 1.1], sem qualquer tipo de fortificação, onde foi possível identificar duas estruturas ovaladas constituídas por barro cozido e ainda 6 grandes fossas «de cozinha» plenas de sedimento carbonizado, que aparenta ter tido uma duração de tempo razoável na ocupação humana. Está atestada a presença das comunidades do Epipaleolítico e do Neolítico Antigo-Médio (as amostras recolhidas para análises sedimentológicas, carpológicas e palinológicas ainda estão em estudo). Maxial é um povoado de altura (provavelmente fortificado) mas que se encontra num estado devastado devido à intervenção antrópica na plantação de eucaliptos.

Temos ainda representado períodos cronológicos que medeiam o Neolítico Médio e o Calcolítico Final através da construção de megálitos: o núcleo megalítico dolménico constituído pelas necrópoles de Vale Chãos, Jogada e pela *Pedra da Encavalada* e o megalitismo menírico representado por um grande agrupamento de monólitos cuja tipologia e funcionalidade ainda estão por averiguar e por um menir. A Idade do Bronze Final está representada pelos “tumuli”, lugares funerários de cremação, todos eles implantados na margem esquerda do Zêzere. A *Pedra da Encavalada*, localizada na margem esquerda do rio Zêzere, revelou a presença de vegetação arbustiva como os rododendros, azáleas, torgas, mirtilo, urzes, medronho, erva-de-ovelha, salsa e de vegetação arbórea como o carvalho-de-folha-caduca, a oliveira, o pinheiro, o freixo e o amieiro. Este monumento megalítico é sintomático da marcação do território com arquitetura funerária visível a grande distância, como que afirmando: “este território é nosso porque aqui estão enterrados os nossos antepassados” [FIG. 1.2].

Na génese do grande e rico vale aluvionar do Baixo Tejo (Bacia Terciária) predominam as formações Cenozóicas recobertas pelas formações aluvionares quaternárias - os terraços -, constituídos por areias, conglomerados, argilas, margas, grés e cascalheiras, resultantes do seu arrastamento fluvial. Elas podem ser observadas nas encostas do rio Tejo e de alguns dos seus afluentes; já as formações do Cenozóico moderno são constituídas por areias, arenitos e cascalheiras de planalto, onde por vezes se observam afloramentos graníticos, quartzo-dioríticos e jazidas de barro de formação miocénica. Elas ocupam a área a Sul do Tejo e recobrem o Soco Antigo. Aqui observamos um tipo de relevo de peneplanície suave, de baixas altitudes, com pendentes muito pouco acentuadas, comparativamente com as áreas a Norte do Tejo.

As matérias-primas utilizadas nestes períodos para o fabrico de instrumentos são o sílex, o quartzo, o quartzito, o anfibolito e o xisto.

Pela sua efetiva escassez o sílex poderia ser considerado uma matéria-prima de eleição, quiçá, “exótica”, que só poderia chegar ao território do concelho de Abrantes através de uma rede organizada de trocas de bens, de pessoas e de ideias. Contudo, esta matéria-prima, encontrava-se localizada num espectro geográfico acessível quando falamos em territórios de captação de recursos, no concelho de Ourém, nas aluviões do rio Nabão, na ribeira da Sabacheira, na ressurgência do Agroal, no concelho de Ferreira do Zêzere e também nos concelhos de Alcanena e Rio Maior.

As bacias Cenozóicas do Tejo e do Sado correspondem a potentes depósitos detriticos, eminentemente continentais, de idade Neogénica. Estes depósitos são organizados em terraços, cobertos por coluviões resultantes do desmantelamento dos terraços elevados. Na sua composição estão as argilas ferruginosas e seixos rolados de quartzito e quartzo. Os seixos de quartzito e quartzo presentes nestas bacias são carreados a partir dos afloramentos do interior e obtidos nas cascalheiras dos terraços fluviais, sob a forma de seixos rolados.



I.1 PANORAMA PAISAGÍSTICO ENQUADRANDO O POVOADO DE FONTES.  
O VALE DO ZÊZERE. X-VI MILÉNIO A.C.  
LANDSCAPE PANORAMA FRAMING THE SETTLEMENT OF FONTES.  
THE ZÊZERE VALLEY. X-VI MILLENNIUM BC.



I.2 O MONUMENTO MEGALÍTICO ATÍPICO DA PEDRA DA ENCAVALADA  
(ALDEIA DO MATO), UMA VISÃO NA PAISAGEM. V MILÉNIO A.C.  
THE ATYPICAL MEGALITHIC MONUMENT OF PEDRA ENCAVALADA  
(ALDEIA DO MATO). A VISION IN THE LANDSCAPE. V MILLENNIUM BC.

O quartzo e o quartzito são matérias-primas locais disponíveis nas várzeas fluviais do rio Tejo e nas cascalheiras do Maciço Hespérico. A sua abundância permite-nos pensar no processo de exploração que se sucede numa cadeia interligada entre si: 1. Disponibilidade da matéria-prima; 2. Forma, dimensão e peso; 3. Transporte; 4. Produção; 5. Utilização e Reutilização; 6. Descarte. Relativamente às indústrias macrolíticas pós-glaciares o instrumento mais frequente é o seixo talhado unifacial ou bifacial, alguns discos, os núcleos são maioritariamente informes, resultado de uma estratégia de talhe remontante sem qualquer preocupação na sua preparação ou configuração, o resultado pretendido reflete-se na produção de lascas nos seus vários estádios de talhe através da percussão direta, com o objetivo pragmático de utilização imediata e de descarte posterior. Do ponto de vista do acesso à matéria-prima pensamos ter existido duas formas diferentes de proceder ao aprovisionamento. Considerando que a prática de aprovisionamento local do sílex está fora de questão, as ilações que retiramos deste cenário cartográfico conduzem-nos a concluir a existência de redes de intercâmbio com uma amplitude razoável abrangendo todo o Médio Tejo e para além dele, em qualquer dos períodos cronológicos: 1. obtenção do produto final já acabado, praticando um aprovisionamento oportunístico; 2. obtenção de núcleos previamente preparados; 3. obtenção do sílex em bruto, em nódulos. Quanto à exploração dos quartzitos e dos quartzos constatamos, mesmo a olho nu, a existência de um critério cuidadoso na seleção e na recolha dos seixos de grão fino, bem como uma escolha prévia da forma dos seixos em função do produto final pretendido (produção de suportes e de ferramentas), pelo que podemos falar com segurança de aprovisionamento local destas matérias-primas como sendo de acesso fácil e direto em toda a área onde se identificassem cascalheiras ou depósitos aluvionares, sendo praticado um aprovisionamento local, integrado nos territórios de captação de recursos.

No concelho de Abrantes, no contacto da Zona de Ossa Morena com a Zona Centro Ibérica, afloram as unidades tectonostratigráficas correspondentes à Série Negra, ao Complexo Ígneo e Básico do Sardoal e ao Complexo Ígneo Máfico de Mouriscas. Na sua composição estão os xistos verdes e os anfíbolitos. Daqui resulta que machados, enxós e goivas polidas em anfíbolito, placas de xisto decoradas, típicas dos ambientes funerários megalíticos, seriam também instrumentos de proveniência local, logo, de aprovisionamento local.

Os depósitos de argila cartografados e mais significativos encontram-se em Alcanena (argilas vermelhas) e nos concelhos ribeirinhos (argilas de Tomar). Contudo, pensamos que muitos outros depósitos estão distribuídos nos vários concelhos embora não tenham sido cartografados. São depósitos de dimensões reduzidas mas que resolveriam as necessidades do quotidiano. Não tem significado fazer aqui uma referência particular a sítios-paradigma uma vez que o acesso a esta matéria-prima seria direto e generalizado a partir do Neolítico Inicial.

É nas formações recentes aluvionares da margem esquerda do rio Tejo que se implantou o Povoado da Amoreira [FIG. 1.3], um dos sítios-paradigma sazonal da Pré-História recente do Médio Tejo. Numa cota altimétrica de 60 metros e em plena várzea, possui ocupações humanas sucessivas que se iniciaram no Epipaleolítico e que terminaram na Idade do Bronze Inicial. Está implantado numa zona ecótona por excelência, proporcionando os recursos naturais necessários não somente para solucionar as necessidades quotidianas, como também para o aprovisionamento alimentar (pesca e caça), estando-lhes disponível a matéria-prima local para o fabrico de utensílios “multi-usos”. As análises efetuadas para reconstituição de paleoambientes revelaram, para Povoado da Amoreira, a presença de zimbro, oliveira, pinheiro e leguminosas. Já a análise de sedimentos identificados como aluviais, fazem corresponder o período Neolítico a uma fase climática húmida e propõem um quadro climático pós-glaciário correspondente ao período Atlântico.



1.3 A PAISAGEM VISTA A PARTIR DO POVOADO DE AMOREIRA. A PLANÍCIE DO VALE DO TEJO. X- V MILÉNIO A.C.  
THE LANDSCAPE AS SEEN FROM THE SETTLEMENT OF FONTES. THE PLAIN OF TAGUS VALLEY. X-V MILLENNIUM BC.

1.4 O MONUMENTO FUNERÁRIO DE COLOS (SÃO FACUNDO). UMA VISÃO NA PAISAGEM. V- III MILÉNIO A.C.  
FUNERARY MONUMENT OF COLOS (SÃO FACUNDO). A VISION IN THE LANDSCAPE. V-III MILLENNIUM BC.

A Sul do Tejo, o Povoado de Salvador-Coalhos, apenas prospektado, forneceu recolhas de superfície, as decorações cerâmicas refletem as modas predominantes em cada período cronológico, que se enquadram no Neolítico Antigo, Neolítico Médio-Final e no Calcolítico. O Monumento Funerário de Colos, apresenta-se como uma “antítese megalítica” ocultando as ofertas funerárias, depositadas numa pequena estrutura pétrea protetora, adossada a um grande afloramento de granito [FIG. 1.4].

É precisamente esta principal via fluvial em território português que teria proporcionado a circulação de bens, pessoas e ideias através de redes constituídas para o comércio, por um lado, e para a solução da dieta alimentar das populações, por outro; contudo, a relevância dada ao rio Tejo não exclui quaisquer vantagens e novidades vindas por terra. Esta enorme diversidade de elementos geológicos e litológicos, aliadas às condições climáticas propiciaram às populações ocasiões ideais em ordem à seleção estratégica dos seus assentamentos, em áreas ecótonas, no que concerne à topografia do terreno, ao acesso aos pontos de água, às matérias-primas locais, à disponibilidade de materiais orgânicos apropriados para a construção, combustível e prática da pastorícia e de uma agricultura incipiente.

**ELEMENTOS DE VIDA  
QUOTIDIANA DOS PRIMEIROS  
HOMENS QUE ALTERARAM  
O TERRITÓRIO NO CONCELHO  
DE ABRANTES: O  
EPÍPALEOLÍTICO E O  
NEOLÍTICO ANTIGO E MÉDIO**

1.5 ESTRUTURA OVALADA EM BARRO COZIDO.  
POVOADO DE FONTES.  
OVAL STRUCTURE IN BAKED CLAY.  
SETTLEMENT OF FONTES.



POVOADO DE FONTES  
[FONTES]

No mais antigo povoado sedentário do Concelho foram identificadas duas estruturas ovaladas construídas com argila de revestimento [FIG. 1.5], as quais testemunham a mais antiga modalidade de armazenamento<sup>1</sup> no Epipaleolítico [FIG. 1.6]. O material cerâmico, que testemunha as primeiras formas de guardar e cozer líquidos ou alimentos, é caracterizado por formas com decorações não cardiais e incisas [FIG. 1.7], tendo asas e pegas para poderem ser segurados [FIG. 1.8], juntamente com taças não decoradas [FIG. 1.9]. Em relação à exploração de matérias-primas líticas para a realização de ferramentas, em particular o sílex, podem observar-se lascas residuais [FIG. 1.10] e fragmentos de lâminas [FIG. 1.11].

<sup>1</sup> DATAÇÕES POR  
TERMOLUMINESCÊNCIA  
SOBRE BARRO COZIDO:  
1) ITN- LUM453  
FNT4 9.300±600 BP;  
2) ITN- LUM 451  
FNT2 9200±600 BP;  
ITN- LUM 452 FNT3  
8.900±600 BP ( CRUZ  
2011: 158).

1.6 FRAGMENTOS DE ARGILA DE REVESTIMENTO.  
POVOADO DE FONTES.  
CLAY TOW FRAGMENTS.  
POVOADO DE FONTES.



1.7 FRAGMENTOS DE CONTENTORES DECORADOS COM IMPRESSÕES NÃO CARDIAIS. POVOADO DE FONTES. FINAIS DO VI E PRIMEIRA METADE DO V MILÉNIO A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 3,8 CM; LARGURA 7,5 CM. FRAGMENTS OF WARES WITH NON-CARDIAL IMPRESSIONS. SETTLEMENT OF FONTES. END OF VI-FIRST HALF OF V MILLENNIUM BC. POTTERY. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 3,8 CM; WIDTH 7,5 CM.



1.8 FRAGMENTOS DE ASAS DE RECIPIENTES, SIMPLES OU COM DECORAÇÃO INCISA. POVOADO DE FONTES. FINAIS DO VI E PRIMEIRA METADE DO V MILÉNIO A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 6,3 CM; LARGURA 4,4 CM. FRAGMENTS OF HANDLES, PLAIN OR WITH INCISED DECORATIONS. SETTLEMENT OF FONTES. END OF VI- FIRST HALF OF V MILLENNIUM BC. POTTERY. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 6,3 CM; WIDTH 4,4 CM.



1.9 TAÇA HEMISFÉRICA. POVOADO DE FONTES. FINAIS DO VI E PRIMEIRA METADE DO V MILÉNIO A.C. SÍLEX. DIMENSÕES: COMPRIMENTO 13 CM; LARGURA 8 CM. HEMISPHERIC BOWL. SETTLEMENT OF FONTES. END OF VI-FIRST HALF OF V MILLENNIUM BC. POTTERY. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 13 CM; WIDTH 8 CM.

I.10 LASCAS RESIDUAIS DA EXPLORAÇÃO DE NÚCLEOS. POVOADO DE FONTES.  
FINAIS DO VI E PRIMEIRA METADE DO V MILÉNIO A.C. SÍLEX.  
DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 1,8 CM; LARGURA 1,5 CM.  
RESIDUAL CHIPPINGS. SETTLEMENT OF FONTES.  
END OF VI-FIRST HALF OF V MILLENNIUM BC. FLINT. AVERAGE  
DIMENSIONS: LENGTH 1,8 CM; WIDTH 1,5 CM.



I.11 LASCAS RESIDUAIS E FRAGMENTOS DE LÂMINAS. POVOADO DE FONTES.  
FINAIS DO VI E PRIMEIRA METADE DO V MILÉNIO A.C. QUARTZITO.  
DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 2,1 CM; LARGURA 1,5 CM.  
RESIDUAL CHIPPINGS AND FRAGMENTS OF BLADES. SETTLEMENT OF FONTES.  
END OF VI-FIRST HALF OF V MILLENNIUM BC. QUARTZ.  
AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 2,1 CM; WIDTH 1,5 CM.



I.12 LASCAS RESIDUAIS DA EXPLORAÇÃO DE NÚCLEOS. POVOADO DE AMOREIRA.  
VII- VI MILÉNIO A.C. SÍLEX. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 0,8 CM; LARGURA 0,9 CM.  
RESIDUAL CHIPPINGS. SETTLEMENT OF AMOREIRA.  
VII-VI MILLENNIUM BC. FLINT. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 0,9 CM; WIDTH 0,8 CM.



I.13 FRAGMENTOS DE LÂMINAS. POVOADO DE AMOREIRA. VII- VI MILÉNIO A.C.  
SÍLEX. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 0,8 CM; LARGURA 0,3 CM.  
FRAGMENTS OF BLADES. SETTLEMENT OF AMOREIRA.  
VII- VI MILLENNIUM BC. FLINT. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 0,8 CM. WIDTH 0,3 CM.



POVOADO DE AMOREIRA  
[RIO DE MOINHOS]

Num dos mais antigo povoados de planície do Médio Tejo, a exploração dos recursos líticos da região é testemunhada por algumas lascas residuais [FIG. 1.12] e fragmentos de lâminas [FIG. 1.13] em sílex e fragmentos de quartzitos [FIG. 1.14]. A pouca cerâmica encontrada, usada para consumir ou para guardar líquidos ou alimentos, é representada por um fragmento de uma pequena malga [FIG. 1.15]. Um recurso mineral bastante bem explorado era o ocre [FIG. 1.16], provavelmente para criar pigmentos vermelhos.



I.14 MATÉRIA-PRIMA. POVOADO DE AMOREIRA. VII- VI MILÉNIO A.C.  
QUARTZITO. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 7,1 CM; LARGURA 5,6 CM.  
RAW MATERIAL. SETTLEMENT OF AMOREIRA. VII-VI MILLENNIUM BC.  
QUARTZ. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 7,1 CM; WIDTH 5,6 CM.



I.15 FRAGMENTO DE MALGA. POVOADO DE AMOREIRA. VII-VI MILÉNIO A.C.  
CERÂMICA. DIMENSÕES: COMPRIMENTO 4,4 CM; LARGURA 4 CM.  
FRAGMENT OF BOWL. SETTLEMENT OF AMOREIRA. VII- VI MILLENNIUM BC.  
POTTERY. DIMENSIONS: LENGTH 4,4 CM; WIDTH 4 CM.

I.16 NÓDULOS DE OCRE. POVOADO DE AMOREIRA.  
VII- VI MILÉNIO A.C. OCRE. DIMENSÕES: COMPRIMENTO 0,5 CM; LARGURA 0,3 CM.  
NODULES OF OCHER. SETTLEMENT OF AMOREIRA.  
VII-VI MILLENNIUM BC. OCHER. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 0,5 CM; WIDTH 0,3 CM.



I.17 FRAGMENTOS DE RECIPIENTES COM DECORAÇÃO IMPRESSA, PUNÇIONADA E INCISA. POVOADO DE SALVADOR (PEGO). FINAIS DO VI E PRIMEIRA METADE DO V MILÉNIO A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 4,5 CM; LARGURA 4,4 CM. FRAGMENTS OF WARES WITH IMPRESSED, PUNCTURED AND INCISED DECORATIONS. SETTLEMENT OF SALVADOR (PEGO). END OF VI-FIRST HALF OF V MILLENNIUM BC. POTTERY. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 4,5 CM; WIDTH 4,4 CM.



POVOADO DE SALVADOR  
[PEGO]

Este povoado, embora ainda não tenha sido escavado, forneceu bastantes elementos significativos da vida quotidiana por via de recolhas de superfície: fragmentos de recipientes para guardar alimentos com decorações impressas e incisas [FIG. 1.17] e asas e pegas para segurar grandes recipientes [FIG. 1.18]; a exploração de recursos líticos é visível em lascas residuais e fragmentos de lâminas [FIG. 1.19]. Um exemplo de adaptação do ambiente natural com vista à melhoria das condições de habitabilidade é um fragmento de argila de reboque [FIG. 1.20] que provavelmente fazia parte de um piso de habitação.



I.18 FRAGMENTOS DE ASAS E PEGAS DE RECIPIENTES DE GRANDES DIMENSÕES. POVOADO DE SALVADOR (PEGO). FINAIS DO VI E PRIMEIRA METADE DO V MILÉNIO A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 7,2 CM; LARGURA 6 CM. FRAGMENTS OF HANDLES FROM LARGE WARES. SETTLEMENT OF SALVADOR (PEGO). END OF VI-FIRST HALF OF V MILLENNIUM BC. POTTERY. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 7,2 CM; WIDTH 6 CM



1.19 EXEMPLO DE EXPLORAÇÃO DO SÍLEX: LASCAS RESIDUAIS  
E FRAGMENTOS DE LÂMINAS DE ACORDO COM A CADEIA OPERATÓRIA DE PRODUÇÃO.  
POVOADO DE SALVADOR (PEGO), FINAIS DO VI E PRIMEIRA METADE DO V MILÉNIO A.C.  
EXAMPLES OF FLINT EXPLORATION: RESIDUAL CHIPPING AND FRAGMENTS OF BLADES  
ACCORDING TO THE OPERATORY CHAIN OF PRODUCTION. SETTLEMENT  
OF SALVADOR (PEGO), END OF VI-FIRST HALF OF V MILLENNIUM BC.



1.20 FRAGMENTO DE ARGILA DE REVESTIMENTO COM MARCA DE MATERIAL VEGETAL.  
POVOADO DE SALVADOR (PEGO), FINAIS DO VI E PRIMEIRA METADE DO V MILÉNIO A.C.  
TERRACOTA. DIMENSÕES: COMPRIMENTO 4,3 CM; LARGURA 2,5 CM.  
CLAY TOW FRAGMENT WITH MARKS OF PLANTS. SETTLEMENT OF SALVADOR (PEGO).  
END OF VI-FIRST HALF OF V MILLENNIUM BC. POTTERY.  
AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 4,3 CM; WIDTH 2,5 CM



1.21 FRAGMENTO DE RECIPIENTE OVOIDE. MONUMENTO MEGALÍTICO DA PEDRA ENCAVALADA (ALDEIA DO MATO), V MILÉNIO A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES: COMPRIMENTO 10,8 CM; LARGURA 9,8 CM. FRAGMENT OF OVOID WARE. MEGALITHIC MONUMENT OF PEDRA ENCAVALADA (ALDEIA DO MATO), V MILLENNUM BC. POTTERY. DIMENSIONS: LENGTH 10,8 CM; WIDTH 9,8 CM.

1.22 FRAGMENTOS DE PAREDES EM CERÂMICA MUITO POROSA. MONUMENTO MEGALÍTICO DA PEDRA ENCAVALADA (ALDEIA DO MATO), V MILÉNIO A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 4,7 CM; LARGURA 3,8 CM. FRAGMENTS OF WARE IN POROUS POTTERY. MEGALITHIC MONUMENT OF PEDRA ENCAVALADA (ALDEIA DO MATO), V MILLENNUM BC. POTTERY. DIMENSIONS: LENGTH 4,7 CM; WIDTH 3,8 CM.

MONUMENTO MEGALÍTICO  
DA PEDRA ENCAVALADA  
[ALDEIA DO MATO]

Embora no caso de um monumento funerário pareça pouco apropriado falar de “vida quotidiana”, esta definição não parece tão estranha se pensamos que os artefactos que compõem os adereços funerários podem já ter sido usados na vida quotidiana antes de serem enterrados. São significativos um recipiente ovoide não decorado [FIG. 1.21] e alguns fragmentos de uma cerâmica muito leve e porosa [FIG. 1.22]. Testemunham a produção de artefactos em sílex neste sítio núcleos e lascas residuais, juntamente com pontas de setas que faziam parte do adereço funerário [FIG. 1.23].

*Elementos de vida quotidiana na consolidação do novo território no Concelho de Abrantes: o Neolítico Final e Calcolítico*

Os povoados de Fontes e Salvador continuam a ter uma importante ocupação também entre IV e III milénio a.C., mantendo-se as mesmas escolhas na implantação de povoados nos VII e VI milénios a.C.

A consolidação da paisagem antrópica ocorre com a constante abertura de espaços na vegetação arbórea para obter campos e terrenos de pasto. Sintomáticos desta atividade de modelação da paisagem, são vários machados de pedra polida usados para abater árvores [FIG. 1.24] ou provavelmente para trabalhar a madeira [FIG. 1.25].



L23 EXEMPLO DE EXPLORAÇÃO DO SÍLEX PARA ADEREÇOS FUNERÁRIOS: NÚCLEOS, LASCAS RESIDUAIS E PONTAS DE SETA DE ACORDO COM A CADEIA OPERATÓRIA DE PRODUÇÃO. MONUMENTO MEGALÍTICO DA PEDRA ENCAVALADA (ALDEIA DO MATO). V MILÊNIO A.C. SÍLEX. DIMENSÕES MÉDIAS DAS PONTAS DE SETA: COMPRIMENTO 3,4 CM; LARGURA 1,6 CM. EXAMPLES OF FLINT EXPLORATION FOR GRAVE GOODS: NUCLEUS, RESIDUAL CHIPPING AND ARROW POINTS ACCORDING TO THE OPERATORY CHAIN PRODUCTION. MEGALITHIC MONUMENT OF PEDRA ENCAVALADA (ALDEIA DO MATO). V MILLENNIUM BC. POTTERY. DIMENSIONS: LENGTH 3,4 CM; WIDTH 1,6 CM.





1.24 MACHADOS DE PEDRA POLIDA. BACHAREL (TRAMAGAL), V-III MILÉNIO A.C  
GRAUVAQUE. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 9 CM; LARGURA 4 CM.  
POLISHED STONE AXES. BACHAREL (TRAMAGAL), V-III MILLENNIUM BC. GREYWACKE.  
AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 9 CM; WIDTH 4 CM.



1.25 MACHADO DE PEDRA POLIDA. BACHAREL (TRAMAGAL), V- III MILÉNIO A.C.  
GRAUVAQUE. DIMENSÕES: COMPRIMENTO 11,5 CM; LARGURA 9,5 CM.  
POLISHED STONE AXE. BACHAREL (TRAMAGAL), V-III MILLENNIUM BC.  
GREYWACKE. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 11,5 CM; WIDTH 9,5 CM.

**I.27** FRAGMENTOS DE PAREDE COM PADRÃO DECORATIVO TRIANGULAR.  
POVOADO DE FONTES (FONTES), III MILÊNIO A.C.  
CERÂMICA. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 5,2 CM; LARGURA 2,5 CM.  
FRAGMENTS WITH DECORATIVE TRIANGULAR-SHAPED PATTERN.  
SETTLEMENT OF FONTES (FONTES), III MILLENNIUM BC. POTTERY.  
AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 5,2 CM; WIDTH 2,5 CM.



**I.26** FRAGMENTO DE RECIPIENTE HEMISFÉRICO COM INCISÃO LINEAR PROFUNDA.  
POVOADO DE FONTES (FONTES), III MILÊNIO A.C. CERÂMICA.  
DIMENSÕES: COMPRIMENTO 12,4 CM; LARGURA 10,3 CM.  
FRAGMENT OF HEMISPHERICAL RECIPIENT WITH DEEP INCISIONS.  
SETTLEMENT OF FONTES (FONTES), III MILLENNIUM BC.  
POTTERY. DIMENSIONS: LENGTH 12,4 CM; WIDTH 10,3 CM.



**POVOADO DE FONTES**  
[FONTES]

A cerâmica marca principalmente a cronologia relativa desta segunda frequência do povoado, sendo utilizada sobretudo para guardar líquidos e alimentos, como no caso de um recipiente com decoração incisa [FIG. I.26] ou de outros recipientes decorados com motivos triangulares [FIG. I.27], espinhados [FIG. I.28] e incisos [FIG. I.29].

**I.29** FRAGMENTO DE PAREDE COM MOTIVOS INCISOS LINEARES.  
POVOADO DE FONTES (FONTES), III MILÊNIO A.C. CERÂMICA.  
DIMENSÕES: COMPRIMENTO 4,3 CM; LARGURA 3,1 CM.  
FRAGMENT WITH INCISED LINEAR MOTIFS. SETTLEMENT OF FONTES (FONTES).  
III MILLENNIUM BC. POTTERY. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 4,3 CM. WIDTH 3,1 CM.



**I.28** FRAGMENTOS DE PAREDES COM PADRÃO DECORATIVO ESPINHADO.  
POVOADO DE FONTES (FONTES), III MILÊNIO A.C. CERÂMICA.  
DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 5,8 CM; LARGURA 5 CM.  
FRAGMENTS WITH DECORATIVE HERRINGBONE PATTERN.  
SETTLEMENT OF FONTES (FONTES), III MILLENNIUM BC.  
POTTERY. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 5,8 CM; WIDTH 5 CM.



I.30 FRAGMENTOS DE PAREDE COM PADRÃO DECORATIVO ESPINHADOS.  
POVOADO DE SALVADOR (PEGO). III MILÉNIO A.C. CERÂMICA.  
DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 5,8 CM; LARGURA 4,8 CM.  
FRAGMENTS WITH DECORATIVE HERRINGBONE PATTERN.  
SETTLEMENT OF SALVADOR (PEGO). III MILLENNIUM BC. POTTERY.  
AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 5,8 CM; WIDTH 4,8 CM.



POVOADO DE SALVADOR  
[PEGO]

Os vestígios de vida quotidiana continuam a ser principalmente fragmentos de contentores para alimentos e líquidos, decorados com motivos espinhados [FIG. 1.30] ou pontilhados [FIG. 1.31]. O provável aparecimento da metalurgia na região é testemunhado por um fragmento de um tubo de um fole [FIG. 1.32] usado na fundição do cobre para alimentar a fogueira com oxigénio.

I.31 FRAGMENTO DE PAREDE COM PADRÃO DECORATIVO PONTILHADO.  
POVOADO DE SALVADOR (PEGO). III MILÉNIO A.C. CERÂMICA.  
DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 5,8 CM; LARGURA 4,8 CM.  
FRAGMENTS WITH DOTTED MOTIFS. SETTLEMENT OF SALVADOR (PEGO).  
III MILLENNIUM BC. POTTERY. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 5,8 CM; WIDTH 4,8 CM.



I.32 FRAGMENTO DE TUBO DE FOLE. POVOADO DE SALVADOR (PEGO).  
III MILÉNIO A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 3,2 CM; LARGURA 3 CM.  
FRAGMENT OF BELLOWS'S TUBE. SETTLEMENT OF SALVADOR (PEGO).  
III MILLENNIUM BC. POTTERY. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 3,2 CM; WIDTH 3 CM.



1.33 CONJUNTO DE LÂMINAS. MONUMENTO FUNERÁRIO DE COLOS (SÃO FACUNDO).  
IV MILÊNIO A.C. SÍLEX. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 13,5 CM; LARGURA 2,2 CM.  
BLADES. FUNERARY MONUMENT OF COLOS (SÃO FACUNDO). IV MILLENNIUM BC.  
FLINT. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 13,5 CM; WIDTH 2,2 CM.

MONUMENTO FUNERÁRIO  
DE COLOS  
[SÃO FACUNDO]

Também os adereços do monumento funerário de Colos podem ser considerados parte da vida quotidiana, tendo sido usados antes de serem enterrados, como as numerosas lâminas [FIG. 1.33] e reproduções de armas usadas na vida real como punhais [FIG. 1.34], pontas de seta [FIG. 1.35] e alabardas [FIG. 1.36], embora encontrando-se peças fora deste âmbito quotidiano e que estavam ligadas somente ao mundo do além, como as placas de xisto [FIG. 1.37]. As formas cerâmicas que compõem os adereços funerários podem ser interpretadas quer como materiais quotidianos enterrados com o defunto, quer como testemunhos de rituais funerários coevos do enterro ou de rituais periódicos para honrar a memória dos defuntos: tal explicaria a diferente cronologia entre o Neolítico Final/Calcolítico [FIG. 1.38] e o Calcolítico [FIG. 1.39].

1.34 PUNHAIS. MONUMENTO FUNERÁRIO DE COLOS (SÃO FACUNDO). IV MILÊNIO A.C.  
SÍLEX. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 10,8 CM; LARGURA 3,2 CM.  
DAGGERS. FUNERARY MONUMENT OF COLOS (SÃO FACUNDO). IV MILLENNIUM BC.  
FLINT. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 10,8 CM; WIDTH 3,2 CM.



1,35 PONTAS DE SETA. MONUMENTO FUNERÁRIO DE COLOS (SÃO FACUNDO).  
IV MILÊNIO A.C. SÍLEX. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 3,5 CM; LARGURA 2 CM.  
ARROW POINTS. FUNERARY MONUMENT OF COLOS (SÃO FACUNDO). IV MILLENNIUM BC.  
FLINT. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 3,5 CM; WIDTH 2 CM.





1.36 ALABARDAS. MONUMENTO FUNERÁRIO DE COLOS (SÃO FACUNDO). IV MILÉNIO A.C.  
SÍLEX. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 15,4 CM; LARGURA 14 CM.  
ALLBARDS. FUNERARY MONUMENT OF COLOS (SÃO FACUNDO). IV MILLENNIUM BC.  
FLINT. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 15,4 CM; WIDTH 14 CM.



1.37 PLACAS DE XISTO. MONUMENTO FUNERÁRIO DE COLOS (SÃO FACUNDO). IV MILÉNIO A.C.  
XISTO. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 16,5 CM; LARGURA 10,5 CM.  
SCHIST PLAQUES. FUNERARY MONUMENT OF COLOS (SÃO FACUNDO). IV MILLENNIUM BC.  
SCHIST. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 16,5 CM; WIDTH 10,5 CM.



1.38 TAÇA E COPO. MONUMENTO FUNERÁRIO DE COLOS (SÃO FACUNDO). IV-III MILÊNIO A.C.  
CERÂMICA. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 7,7 CM; LARGURA 6,1 CM.  
BOWL AND GLASS. FUNERARY MONUMENT OF COLOS (SÃO FACUNDO).  
IV-III MILLENNIUM BC. POTTERY. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 7,7 CM; WIDTH 6,1 CM.

1.39 TAÇAS. MONUMENTO FUNERÁRIO DE COLOS (SÃO FACUNDO). III MILÊNIO A.C.  
CERÂMICA. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 7,1 CM; LARGURA 7 CM.  
BOWLS. FUNERARY MONUMENT OF COLOS (SÃO FACUNDO). III MILLENNIUM BC.  
POTTERY. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 7,1 CM; WIDTH 7 CM.



## BIBLIOGRAFIA

ALLUÉ, E. (2000) POLLEN AND CHARCOAL ANALYSES FROM ARCHAEOLOGICAL SITES FROM THE ALTO RIBATEJO (PORTUGAL), IN CRUZ, A. R.; OOSTERBEEK, L. (EDS.) *TERRITÓRIOS, MOBILIDADE E POVOAMENTO NO ALTO RIBATEJO: INDÚSTRIAS E AMBIENTES. ARKEOS, TOMAR: CENTRO EUROPEU DE INVESTIGAÇÃO DA PRÉ-HISTÓRIA DO ALTO RIBATEJO*, 9, p. 37-57.

AUBRY, T.; MANGADO LLACH, X.; SAMPAIO, J. (2009) ESTUDO DO APROVISIONAMENTO EM MATÉRIAS-PRIMAS, IN AUBRY (ED.) *200 SÉCULOS DA HISTÓRIA DO VALE DO CÔA: INCURSÕES NA VIDA QUOTIDIANA DOS CAÇADORES-ARTISTAS DO PALEOLÍTICO. TRABALHOS DE ARQUEOLOGIA*, LISBOA: IGESPAR, 52, p. 147-169.

BICHO, N. F. (1992) *TECHNOLOGICAL CHANGE IN THE FINAL UPPER PALEOLITHIC OF RIO MAIOR, PORTUGUESE EXTREMADURA*, PHD THESIS, DALLAS, TX: SOUTHERN METHODIST UNIVERSITY.

CARVALHO, S.; CUNHA, E.; SOUSA, C.; MATSUZAWA, T. (2008) CHAINES OPÉRATOIRES AND RESOURCE-EXPLOITATION STRATEGIES IN CHIMPANZEE (PAN TROGLodyTES) NUT CRACKING, IN *JOURNAL OF HUMAN EVOLUTION*, 55, p. 148-163.

CRUZ, A. R. (1995) AMOREIRA: TRABALHOS DE EMERGÊNCIA NO IP6, IN *TECHNE*, TOMAR: ARQUEOJOVEM, 1, p. 28-37.

CRUZ, A. R. (1997) *VALE DO NABÃO. DO NEOLÍTICO À ÍDADE DO BRONZE. ARKEOS - PERSPECTIVAS EM DIÁLOGO*, TOMAR: CENTRO EUROPEU DE INVESTIGAÇÃO DA PRÉ-HISTÓRIA DO ALTO RIBATEJO, VOL. 3.

CRUZ, A. R. (2000) *RELATÓRIO TÉCNICO DE TRABALHOS DE PROSPECÇÃO*, LISBOA: INSTITUTO PORTUGUÊS DE ARQUEOLOGIA.

CRUZ, A. R. (2001) CAMPANHA ARQUEOLÓGICA 2000: ANTA 5 DA JOGADA, IN CRUZ, A. R. (DIR.) *TECHNE*, TOMAR: ARQUEOJOVEM, VOL. 7, p. 81-93.

CRUZ, A. R. (2002) CAMPANHA ARQUEOLÓGICA 2001 - MONUMENTO 5 DA JOGADA, IN CRUZ, A. R. (DIR.) *TECHNE*, TOMAR: ARQUEOJOVEM, VOL. 8, p. 9-21.

CRUZ, A. R. (2004) MONUMENTO 5 DA JOGADA - CAMPANHA ARQUEOLÓGICA 2003, IN CRUZ, A. R. (DIR.) *TECHNE*, TOMAR: ARQUEOJOVEM, VOL. 9, p. 89-114.

CRUZ, A. R. (2011) *A PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO VALE DO BAIXO ZÊZERE. ARKEOS - PERSPECTIVAS EM DIÁLOGO*, TOMAR: CENTRO EUROPEU DE INVESTIGAÇÃO DA PRÉ-HISTÓRIA DO ALTO RIBATEJO, VOL. 30.

CRUZ, A. (2013) THE SETTLEMENTS OF FONTES AND PEDRA DA ENCAVALADA – KEY SITES FOR THE NEOLITHIZATION OF NORTH RIBATEJO (PORTUGAL), IN CRUZ, A.; GRAÇA, A.; OOSTERBEEK, L.; ROSINA, P. (EDS.) Iº CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA DO ALTO RIBATEJO – HOMENAGEM A JOSÉ DA SILVA GOMES. *ARKEOS - PERSPECTIVAS EM DIÁLOGO*, TOMAR: CENTRO EUROPEU DE INVESTIGAÇÃO DA PRÉ-HISTÓRIA DO ALTO RIBATEJO, VOL. 34, p. 79-93.

CRUZ, A.; GRAÇA, A.; OOSTERBEEK, L. (2014) CAVES, MEGALITHISM AND TUMULI – THREE DIACHRONIC REALITIES IN FUNERARY ARCHAEOLOGY FROM ALTO RIBATEJO, IN CRUZ, A.; CERRILLO-CUENCA, E.; BUENO RAMIREZ, P.; CANINAS, J.; BATATA, C. (EDS.) *RENDERING DEATH: IDEOLOGICAL AND ARCHAEOLOGICAL NARRATIVES FROM RECENT PREHISTORY (IBERIA)*. PROCEEDINGS OF THE CONFERENCE HELD IN ABRANTES, PORTUGAL, 11 MAY 2013. ARCHAEOPRESS, BAR INTERNATIONAL SERIES, 2648, OXFORD: HADRIAN BOOKS, LTD, p. 61-75.

CRUZ, A.; GRAÇA, A. (2013) A VIDA E A MORTE NA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO CONCELHO DE ABRANTES, IN *ACTAS II E III JORNADAS INTERNACIONAIS DO MIAA*, ABRANTES: CÂMARA MUNICIPAL DE ABRANTES, p. 137-145.

CRUZ, A.; DELFINO, D.; GRAÇA, A. (2013) PENSAR A MORTE NO ALTO RIBATEJO: TUMULUS 1 DO SOUTO (ABRANTES, PORTUGAL), IN ALBUQUERQUE, M.; BORGES, S.; OOSTERBEEK, L. (ORGS.) *IDENTIDADES E DIVERSIDADE CULTURAL – PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO E ANTROPOLÓGICO DO PIAUÍ-BRASIL E DO ALTO RIBATEJO-PORTUGAL*, TERESINA-TOMAR: FUNDAC – CEIPHAR/ ITM, p. 49-65.

CRUZ, A.; GRAÇA, A.; BATISTA, A. (2011) RECENT PREHISTORY AND PROTOHISTORY IN ABRANTES AND CONSTÂNCIA COUNCIL (PORTUGUESE MIDDLE TAGUS) – THE RESEARCH PRELIMINARY STATE, IN BUENO RAMIREZ, P.; CERRILLO CUENCA, E.; GONZALEZ CORDERO, A. (EDS.) *FROM THE ORIGINS: THE PREHISTORY OF THE INNER TAGUS REGION*, ARCHAEOPRESS. BRITISH ARCHAEOLOGICAL REPORTS, INTERNATIONAL SERIES, 2219, OXFORD: HADRIAN BOOKS, p. 93-109.

CRUZ, A.; DELFINO, D.; GRAÇA, A.; GASPAR, F.; BAPTISTA, A. (2015, NO PRELO) - THE MEGALITHIC ANTI-THESIS; THE CASE STUDY OF THE FUNERARY MONUMENT OF COLOS (ABRANTES, PORTUGAL), *TIME AND MIND*, VOL. 8, ISS. 3

CRUZ, A. R.; OOSTERBEEK, L. (1998) ANTA 5 DA JOGADA (ABRANTES), IN CRUZ, A. R. (DIR.) *TECHNE*. TOMAR: ARQUEOJOVEM, VOL. 4, p. 42-48.

CURA, S.; CRUZ, A. R.; ROSINA, P. (2006) AS INDÚSTRIAS MACROLÍTICAS DO ALTO RIBATEJO – ALGUNS EXEMPLOS, IN *PALEONTOLOGIA E ARQUEOLOGIA DO ESTUÁRIO DO TEJO. ACTA DO I SEMINÁRIO. MONTIJO. 28-30 DE MAIO DE 2004*, LISBOA: EDIÇÕES COLIBRI, p. 71-80.

FERREIRA, C. (2010) *CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DAS TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS NA TRANSIÇÃO PARA O ÁGRO-PASTORALISMO NO ALTO RIBATEJO*, DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO E AO INSTITUTO POLITÉCNICO DE TOMAR PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE, VILA REAL/TOMAR.

GASPAR, F.; BATISTA, Á. (2001) *RELATÓRIO TÉCNICO DA INTERVENÇÃO DE EMERGÊNCIA DO MONUMENTO FUNERÁRIO DE COLOS*, LISBOA: IGESPAR.

GOMES, H.; FERREIRA, C.; ROSINA, P. (2013) DEPÓSITOS SEDIMENTARES E VARIAÇÕES PALEOAMBIENTAIS NO PLEISTOCÉNICO FINAL E HOLOCÉNICO DO ALTO RIBATEJO (PORTUGAL). IN *Têxvi*, 1, p. 51-60.

HENRIQUES, S. (2013) *MAGMATITOS E METAMORFITOS DE ALTO GRAU NO CONTACTO ENTRE AS ZONAS DE OSSA MORENA E CENTRO IBÉRICA: SIGNIFICADO GEODINÂMICO*, DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR, COIMBRA.

MARKS, A. E.; SHOKLER, J.; ZILHÃO, J. (1991) RAW MATERIAL USAGE IN THE PALEOLITHIC: THE EFFECT OF LOCAL AVAILABILITY ON SELECTION AND ECONOMY, IN MONTET-WHITE, A.; HOLEN, S. (EDS.) *RAW MATERIAL ECONOMIES AMONG PREHISTORIC HUNTER-GATHERERS*, LAWRENCE, KA: UNIVERSITY OF KANSAS, p. 127-139.

MATEUS, J. E.; QUERIROZ, P. F. (1993) *OS ESTUDOS DA VEGETAÇÃO QUATERNÁRIA EM PORTUGAL: CONTEXTOS, BALANÇOS E PERSPECTIVAS*, LISBOA: EDIÇÕES COLIBRI, p. 105-131.

OOSTERBEEK, L.; CRUZ, A. R. (1998) POVOADO DO MAXIAL (ABRANTES), IN CRUZ, A. R. (DIR.) *TECHNE*. TOMAR: ARQUEOJOVEM, VOL. 4, p. 67-79.

PEREIRA, T. (2010) *A EXPLORAÇÃO DO QUARTZITO NA FAIXA ATLÂNTICA PENINSULAR NO FINAL DO PLEISTOCÉNICO*, DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DO ALGARVE PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR, FARO.

SHOKLER, J. E. (2002) APPROACHES TO THE SOURCING OF FLINT IN ARCHAEOLOGICAL CONTEXTS: RESULTS OF RESEARCH FROM PORTUGUESE ESTREMADURA, IN HERMANN, J. J.; HERZ, N.; NEWMAN, R. (EDS.) *ASMOSIA 5: INTERDISCIPLINARY STUDIES ON ANCIENT STONE*, LONDRES: ARCHETYPE PUBLICATIONS, p. 176-187.

THACKER, P. T. (2000) THE RELEVANCE OF REGIONAL ANALYSIS FOR UPPER PALEOLITHIC ARCHAEOLOGY: A CASE STUDY FROM PORTUGAL, IN: G.L. PETERKIN, G. L.; PRICE, H. A. (EDS.) *REGIONAL APPROACHES TO ADAPTATION IN LATE PLEISTOCENE WESTERN EUROPE*, OXFORD: ARCHAEOPRESS, p. 25-45.

ZILHÃO, J. (1997) *O PALEOLÍTICO SUPERIOR DA ESTREMADURA PORTUGUESA*, LISBOA: COLIBRI.

## CARTOGRAFIA

CARTA LITOLÓGICA DE PORTUGAL: FOLHA L13 [MATERIAL CARTOGRÁFICO] / ATLAS DO AMBIENTE. IMPRESSA PELO INSTITUTO HIDROGRÁFICO – ESCALA 1: 1.000.000 – LISBOA, 1982.



## II. controlo do território, exploração agrícola e mineira e gestão de redes de intercâmbio: a estratégia de gestão do território entre os II e I milénio A.C.

DAVIDE DELFINO

O II milénio A.C. é caracterizado na Europa por uma hierarquização geral das sociedades, pelo uso cada vez maior dos metais, sobretudo do bronze, e pelo aparecimento de elites guerreiras. As necessidades das comunidades humanas neste período prendiam-se com o acesso aos novos recursos estratégicos (os metais), ao controlo dos caminhos de troca, à proteção dos pontos onde eram guardados bens fundamentais como os metais, ao abastecimento de comunidades cada vez maiores, compostas, em parte, por uma população que não estava diretamente ligada à produção de alimentos. Estas são as características da Idade do Bronze na Europa, que se refletem também no Médio Tejo e no Concelho de Abrantes.



II.1 TAÇA CARENADA. MONUMENTO FUNERÁRIO DE COLOS (SÃO FACUNDO). PRIMEIRA METADE DO II MILÉNIO A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES: ALTURA 7 CM; DIÂMETRO 6,1 CM  
SHROUDED CUP. FUNERARY MONUMENT OF COLOS. FIRST HALF OF II MILLENNIUM BC. POTTERY. DIMENSIONS: HEIGHT 7 CM; DIAMETER 6,1 CM.

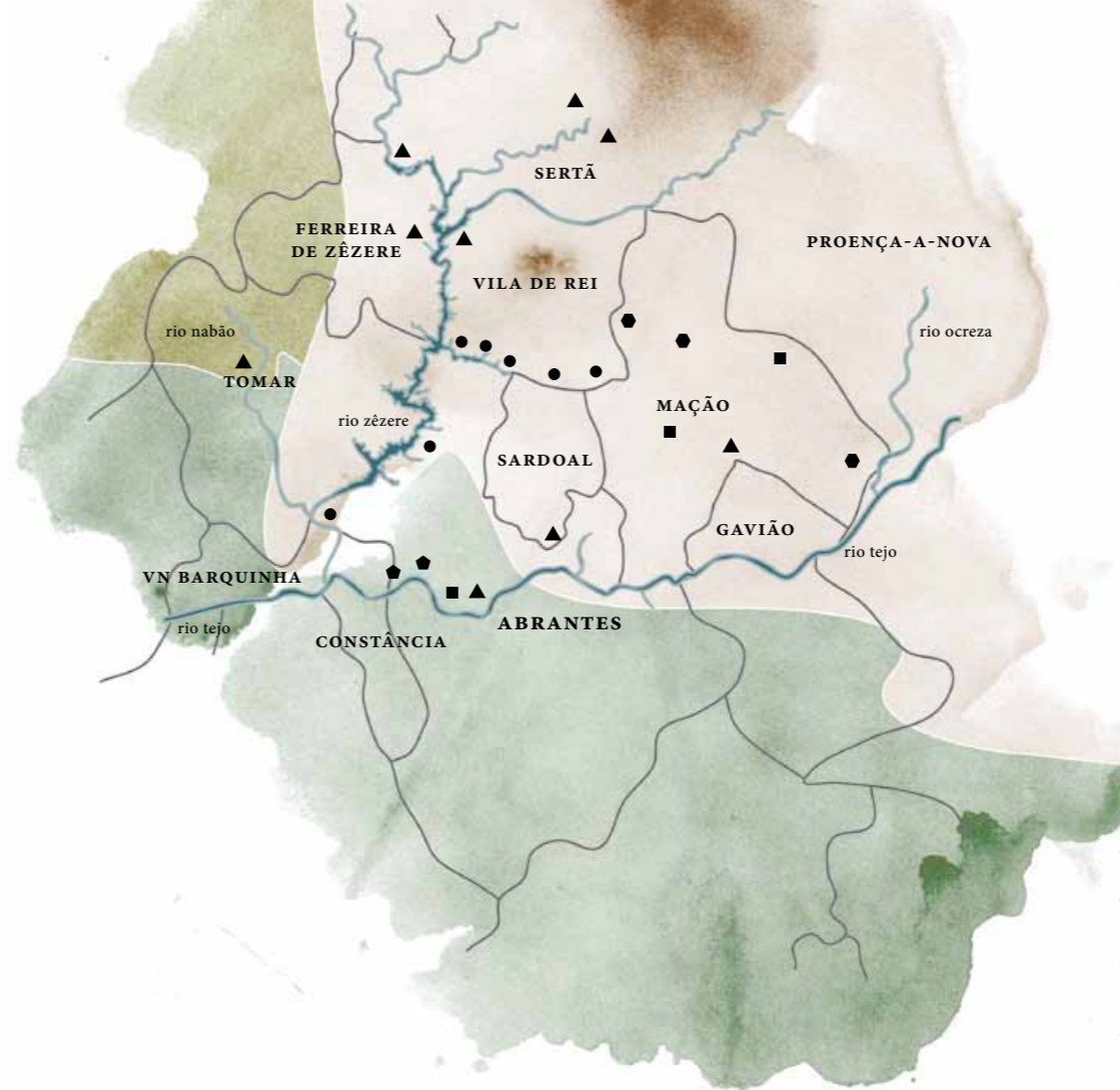
### A IDADE DO BRONZE PLENO (SÉCS. XX- XIII A.C.): EM CONTINUIDADE COM O CALCOLÍTICO

O período que na Europa Central se designa de Idade do Bronze Antigo e Médio, no Centro de Portugal não é caracterizado por uma mudança semelhante na cultura material ou na estratégia de ocupação do território para se poder justificar uma marcada descontinuidade com o Calcolítico. Tal é bem visível, por exemplo, no uso continuado da metalurgia do cobre, provavelmente em ligação com o arsénico, na ausência de decorações particulares na cerâmica, na continuidade de ocupação dos mesmos ambientes, quer de povoados, quer de necrópoles no Neolítico/Calcolítico. Paradigmático deste último caso, é parte do espólio cerâmico do monumento funerário de Colos [FIG. II.1 E II.2], caso único no Concelho de Abrantes de contexto escavado contendo algum material do Bronze Pleno como as formas carenadas, única verdadeira novidade relativamente ao Calcolítico.



II.2 TAÇA CARENADA. MONUMENTO FUNERÁRIO DE COLOS (SÃO FACUNDO). PRIMEIRA METADE DO II MILÉNIO A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES: ALTURA 8,7 CM; DIÂMETRO 7,4 CM.  
SHROUDED CUP. FUNERARY MONUMENT OF COLOS. FIRST HALF OF II MILLENNIUM BC. POTTERY. DIMENSIONS: HEIGHT 8,7 CM; DIAMETER 7,4 CM.

II.3 MACHADO. CASTELO DE ABRANTES. PRIMEIRA METADE DO II MILÉNIO A.C.  
 PEDRA VERDE. DIMENSÕES: COMPRIMENTO 11 CM; LARGURA 5 CM.  
 AXE. CASTLE OF ABRANTES. FIRST HALF OF II MILLENNIUM BC.  
 PEDRA VERDE. DIMENSIONS: LENGTH 11 CM; WIDTH 5 CM.



II.4 MAPA DOS POVOADOS E ESCONDERIJOS DE BRONZES DA IDADE DO BRONZE FINAL E DAS EVIDÊNCIAS DE MINERAÇÃO DE OURO ANTIGA NO MÉDIO TEJO  
 MAP OF THE SETTLEMENTS AND BRONZE HOARDS IN THE LATE BRONZE AGE AND EVIDENCES OF ANCIENT MINING OF AURIFEROUS RESOURCES IN THE MIDDLE TAGUS

- MACIÇO ANTIGO
- ORLA OCIDENTAL
- BACIA TEJO-SADO
- ÁREAS DE EXPLORAÇÃO DE OURO
- POVOADOS AGRÍCOLAS
- DEPÓSITOS DE BRONZE
- ESTAÇÕES AMURALHADAS DE ALTURA
- POVOADOS AMURALHADOS DE ALTURA

**A PRIMEIRA PARTE DA IDADE BRONZE FINAL NO MÉDIO TEJO (SÉCS. XII- IX A.C.): CONTROLO E DEFESA DO TERRITÓRIO PARA A TROCA DE BRONZE E DE OURO AO LONGO DO TEJO E EXPLORAÇÃO AGRÍCOLA DA PLANÍCIE ALUVIAL**

Não se pode analisar exaustivamente a estratégia de gestão do território antigo restringindo o assunto aos atuais limites do Concelho de Abrantes, pelo que a região do Médio Tejo será igualmente considerada [FIG. II.4].

Esta região é extremamente pobre em dois recursos minerais fundamentais para o desenvolvimento das sociedades humanas da Idade do Bronze: o cobre e o estanho que permitiam obter a liga de bronze. Mas, por outro lado, era riquíssima num outro metal igualmente importante na altura: o ouro. Escombreiras de exploração de ouro de época romana [FIG. II.5] enchem a paisagem entre o rio Zêzere (Concelhos de Vila de Rei e de Abrantes), a Ribeira de Codes (no Concelho de Vila de Rei), a Ribeira do Caratão (no Concelho de Mação) e o rio Tejo (Concelhos de Mação e de Abrantes), sendo bastante provável que este metal tenha sido explorado, de forma menos radical, antes dos Romanos.

A nível cultural, é possível definir este período por uma mudança radical com o Calcolítico/Bronze Pleno por causa da simbologia refletida nos monumentos funerários, o início da implantação de povoados amuralhados de altura e a instalação de povoados abertos agrícolas em proximidade da planície aluvial do Tejo.

Um machado de pedra verde encontrado no Castelo de Abrantes [FIG. II.3] pode revelar uma ocupação deste morro já no arranque da Idade do Bronze, embora seja problemática a datação exata deste artefacto, pelo que não há certezas sobre a existência de um povoado no Morro do Castelo já na primeira metade do II milénio A.C. A escassez de contextos de povoamento com evidências claras explica-se por um lado pela acidez prevalecte nos solos, sobretudo nos do Maciço Antigo, o que não permite a formação de terrenos muitos férteis, não sendo como tal adequados para um uso continuado para a agricultura ou pastorícia, por outro lado, entre o intervalo 1600-1400 A.C. até 1300 A.C. houve um período de *frio-seco* na Península Ibérica, o que acentuou as desvantagens para uma exploração continuada de terrenos já por si pobres. A escolha estratégica influenciada por estes fatores ambientais poderia ter sido a de mudar periodicamente campos e pastos (talvez a cada poucas gerações) e, com estes, os povoados. E povoados de curta duração e sem estruturas demasiado permanentes, como muralhas, não deixam grandes evidências depois de muitos séculos...



II.5 RESIDUAL DE MINERAÇÃO ANTIGA DO OURO NO MÉDIO TEJO  
 REMAINS OF THE AURIFEROUS MINING IN MIDDLE TAGUS

II.6 EXEMPLO DE UMA MAMOA DA IDADE DO BRONZE FINAL: A MAMOA 1 DO SOUTO  
EXAMPLE OF A LATE BRONZE AGE TUMULI: THE MAMOA 1 OF SOUTO



Casos paradigmáticos são as arquiteturas funerárias chamadas “mamoas” que consistem em pequenas fossas, onde eram enterradas urnas com as cinzas dos falecidos, cobertas de seixos, formando um túmulo circular achatado [FIG. II.6]. Além da evidente rutura com os períodos precedentes no uso da incineração no ritual funerário, é igualmente notável a ausência de monumentalidade do túmulo na paisagem. Tal é algo que se pode constatar nas mamoas conhecidas no Concelho de Abrantes, as quais ficam quase invisíveis na paisagem, tendo sido aproveitados os seixos do contexto geológico local (Souto-Biucas, Porto Escuro e Fontes). Mas esta aparente invisibilidade pode ser aleatória, dado que as mamoas em questão estão implantadas ao longo de caminhos de cume que percorrem o lado sul do Vale do Zêzere, isto é, são quase invisíveis à distância, ao contrário dos megálitos do Neolítico, mas são perfeitamente visíveis como marcadoras dos antigos caminho terrestres. Os objetos desta exposição que testemunham os enterramentos nas mamoas, são, relativamente à mamoa 1 do Souto, uma urna [FIG. II.7], um púcaro [FIG. II.8] que se encontrou dentro da urna e que continha cinzas, ossos humanos queimados e fragmentos de fios de bronze [FIG. II.9] que provavelmente faziam parte quer de ornamentos pessoais, quer de uma decoração em bronze [FIG. II.10] do púcaro atrás referido e que foram derretidos na pira funerária, e, finalmente, uma malga que acompanhava os rituais depois do enterro [FIG. II.11].

A necessidade de controlar o território desde morros panorâmicos na paisagem leva à implantação de povoados de altura, frequentemente amuralhados [FIG. II.12]. Um exemplo disso é o povoado do Morro do Castelo de Abrantes [FIG. II.13]: a julgar pela datação atribuível a uma ponta de seta em cobre [FIG. II.14], provavelmente arsenical, recuperada por M.A. Horta Pereira durante as escavações no Palácio dos Governadores, o Morro do Castelo parece ter sido frequentado já desde o Bronze Pleno, embora algumas cerâmicas recuperadas durante obras e sondagens nos sécs. XX e XXI pareçam indicar que um verdadeiro povoado só foi implantado a partir do Bronze Final I. No Médio Tejo o fenómeno de ocupação de cabeços com dominação na paisagem constatou-se no Concelho de Vila de Rei (Cerro do Castelo) e de Mação (Castelo Velho do Caratão). Neste conjunto, possui particular relevância o Castelo de Abrantes: se por um lado é clara a intenção de dominar a paisagem num território rico em recursos auríferos, é também evidente que a instalação no Morro do Castelo de um povoado fortificado estava ligada à intenção de controlar o acesso ao Tejo, excelente estrada de água de e para a costa atlântica. É, provavelmente, através do Vale do Tejo e das ligações dele para o interior através dos caminhos de cume (marcados pelas mamoas) que os tráficos se poderiam desenvolver: o ouro, provavelmente explorado já antes dos romanos nos Concelhos de Vila de Rei, Mação e Abrantes, poderia ter sido levado para o Tejo (neste caso o povoado de Abrantes poderia ter funcionado como centro recetor e gestor) para ser trocado por produtos provenientes da costa atlântica, como, por exemplo, o sal, fundamental na dieta humana e na conservação de alguns alimentos. Quer o Tejo, quer o Zêzere eram estradas de acesso privilegiado à Beira Baixa, sendo o primeiro ainda navegável em tempos históricos com pequenos barcos até Vila Velha de Rodão. Assim, a posição estratégica do Médio Tejo [FIG. II.15], e em particular do território abrantino, permitia provavelmente um controlo dos tráfegos do ouro para o exterior e dos metais ou artefactos metálicos de regiões mais ricas em estanho e cobre como as Beiras.



II.7 URNA BICÓNICA COM PESCOÇO RETILÍNEO. MAMOA1 DO SOUTO (SOUTO). 1110-910 CAL. A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES: ALTURA 33 CM; DIÂMETRO 31 CM. BICONIC URN WITH STRAIGHT NECK. TUMULI 1 OF SOUTO. 1110-910 CAL. BC. POTTERY. DIMENSIONS: HEIGHT 33 CM; DIAMETER 31 CM.



II.8 PÚCARO. MAMOA1 DO SOUTO (SOUTO). 1110-910 CAL. A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES: ALTURA 8 CM; DIÂMETRO 12 CM. CUP. TUMULI 1 OF SOUTO. 1110-910 CAL. BC. POTTERY. DIMENSIONS: HEIGHT 8 CM; DIAMETER 12 CM.



II.9 - FRAGMENTOS DE FIOS DE BRONZE. MAMOA 1 DO SOUTO (SOUTO). 1110-910 CAL. A.C. BRONZE. DIMENSÕES MÉDIAS: ALTURA 0,2 CM; COMPRIMENTO 1,2 CM. FRAGMENTS OF BRONZE WIRES. TUMULI 1 OF SOUTO. 1110-910 CAL. BC. BRONZE. AVERAGE DIMENSIONS: HEIGHT 0,2 CM; LENGTH 1,2 CM.

II.10 RECONSTRUÇÃO EM 3D DO PÚCARO II. 4 COM DECORAÇÃO EM BRONZE.  
SOFTWARE USADO: 3DMAX. AUTORIA: ANDRADA STANCU  
3D RECONSTRUCTION OF CUP II.4 WITH BRONZE DECORATION.  
SOFTWARE USED: 3DMAX. AUTHORSHIP: ANDRADA STANCU



II.12 EXEMPLO DE POVOADO AMURALHADO DE ALTURA DA IDADE DO BRONZE FINAL:  
CASTELO VELHO DA ZIMBREIRA (MAÇÃO). RECONSTRUÇÃO DAS MURALHAS.  
AUTORIA: ANDRADA STANCU  
EXAMPLE OF HILLTOP WALLED SETTLEMENT OF THE LATE BRONZE AGE:  
CASTELO VELHO DA ZIMBREIRA (MAÇÃO). RECONSTRUCTION OF WALLS.  
AUTHORSHIP: ANDRADA STANCU



II.13 ESTRUTURAS DA MURALHA EM PEDRA  
A SECO DO POVOADO AMURALHADO  
DE ALTURA DO CASTELO DE ABRANTES  
EXAMPLE OF DRY STONE WALL IN THE  
HILLTOP WALLED SETTLEMENT  
OF THE CASTLE OF ABRANTES

II.11 MALGA. MAMOÁ DO SOUTO (SOUTO). 1110-910 CAL. A.C.  
CERÂMICA. DIMENSÕES: ALTURA 7,7 CM; DIÂMETRO 23,4 CM.  
BOWL. TUMULI I OF SOUTO. 1110-910 CAL. BC. POTTERY.  
DIMENSIONS: HEIGHT 7,7 CM; DIAMETER 23,4 CM.



II.14 PONTA DE SETA. CASTELO DE ABRANTES- PALÁCIO DOS GOVERNADORES.  
SÉCS. XVIII- XV A.C. COBRE. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 3 CM;  
LARGURA 2,5 CM.  
ARROW POINT. CASTLE OF ABRANTES- GOVERNOR'S PALACE. XVIII- XV BC.  
COPPER. DIMENSIONS: LENGTH 3 CM; WIDTH 2,5 CM





II.15 O RIO TEJO EM FRENTE AO CASTELO DE ABRANTES  
THE TAGUS RIVER IN FRONT OF THE CASTLE OF ABRANTES



II.16 A PLANÍCIE ALUVIAL DO TEJO PERTO DO POVOADO AGRÍCOLA DA QUINTA DA PEDREIRA (RIO DE MOINHOS)  
THE FLOODPLAIN OF THE TAGUS RIVER NEAR THE AGRICULTURAL SETTLEMENT OF QUINTA DA PEDREIRA (RIO DE MOINHOS)

A exploração agrícola da planície aluvial do Tejo é evidente nos achados de materiais, na maioria cerâmica e fragmentos de mós ou machados, em pontos de cota baixa ao longo do Tejo, sobretudo na parte a jusante do Morro do Castelo de Abrantes, onde começa a Lezíria Ribatejana. Um caso paradigmático, também porque é o único sítio deste tipo a ter sido alvo de escavações sistemáticas, é o povoado agrícola da Quinta da Pedreira (Rio de Moinhos): estruturada em cabanas de planta elíptica, com alicerces formados por blocos de quartzito e com paredes provavelmente compostas por entrançado de materiais vegetais e argila, foi implantado numa encosta suave correspondente a um terraço pleistocénico. É significativo que este povoado aberto não se encontra na planície argilosa do Tejo [FIG. II.16], mas numa encosta de conglomerados a poucas centenas de metros da planície, sendo que esta opção deve ter sido motivada em parte para evitar as cheias do Tejo, além de que o solo drenante permitia ter menos problemas com a humidade e a retenção da água.

#### A SEGUNDA PARTE DO BRONZE FINAL NO MÉDIO TEJO (SÉCS. IX-VIII A.C.) E A PRIMEIRA IDADE DO FERRO (SÉCS. VII A.C.): CONTATOS COM O MEDITERRÂNEO E ENCASTELAMENTO

A maioria das evidências em termos de cultura material e de estruturas da Idade do Bronze no Concelho, são da passagem do II para o I milénio A.C. Em termos gerais, este período é caracterizado na fachada atlântica pela chegada de grupos mediterrânicos, nomeadamente provenientes do Mediterrâneo Oriental (Fenícios), que se instalam ao longo dos principais rios (Guadiana, Tejo e Mondego) que permitiam a navegação e o contacto com o interior rico em cobre (Alentejo e Beira), estanho (Beira) e ouro (Médio Tejo e Beira).



II.17 MAPA DA PRESENÇA FENÍCIA NO VALE DO TEJO  
MAP OF PHOENICIAN PRESENCE IN THE TAGUS VALLEY

Qual era o contexto territorial e paisagístico que se formou com a presença dos Fenícios no Vale do Tejo, com implantações conhecidas desde Lisboa a Santarém [FIG. II.17]? Depois dos trabalhos de campo da última década surgiram cada vez mais dados, mas infelizmente ainda não há a certeza de que estas evidências sejam prévias ou uma consequência do contacto com o mundo mediterrânico (no âmbito do fenómeno dito “Orientalizante”). No Médio Tejo pode observar-se, por um lado, uma área de serra entre Vila de Rei e Mação rica em recursos de ouro e povoados amuralhados de altura, já existentes desde o Bronze Final I, e onde seriam construídos repentinamente entre o início do séc. VIII e os meados do séc. VII A.C. novos sítios amuralhados de altura e de pequena dimensão<sup>1</sup>; por outro lado, na parte ribeirinha da região, aparecem materiais de matriz mediterrânica (cerâmica de engobe vermelho e pasta vítrea), cuja datação relativa atinge os sécs. VII e VI A.C. no povoado amuralhado de altura de Abrantes e os sécs. VII-V A.C. no povoado agrícola da Quinta da Pedreira. Em função destes dados, é imprescindível ter em conta as causas que levaram os Fenícios a frequentar a fachada atlântica peninsular: entre os sécs. IX e VII A.C. houve um florescimento económico no Mediterrâneo Oriental que levou sobretudo a cidade fenícia de Tiro a uma expansão económica em direção ao Mediterrâneo Central e Ocidental; no entanto, entre o final do séc. VIII e o início do séc. VII A.C. houve uma pressão assíria cada vez maior sobre Tiro, o que levou à perda progressiva da independência desta cidade até à sua definitiva queda em finais do séc. VI A.C.

<sup>1</sup> DATAÇÕES POR AMS DE SEDIMENTOS CARBONOSOS DEBAIXO DAS MURALHAS DO CERRO DO CASTELO (VILA DE REI) E DO CASTELO VELHO DA ZIMBREIRA (MAÇÃO), RESPECTIVAMENTE CISC 1222: 2761±40/ CAL. 2 SIGMA 990-821 BC E BETA 379735: 2590±30/ CAL. 2 SIGMA 805-770 BC. CONTANDO COM UM ERRO RELACIONADO COM QUE O CONTEÚDO DE C14 NA ATMOSFERA NÃO É CONSTANTE, É POSSÍVEL PENSAR ESTAS DATAÇÕES MAIS RECENTES DE 100 ANOS.



II.18 FRAGMENTOS DE RECIPIENTES DE ARMAZENAMENTO DE ALIMENTOS. CASTELO DE ABRANTES-TORRE SUL. SÉCS. XII- IX A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 5,8 CM; LARGURA 4,2 CM. FRAGMENTS OF VESSEL USED FOR FOOD STORAGE. CASTLE OF ABRANTES-SOUTH TOWER. XII- IX BC. POTTERY. AVERAGE DIMENSIONS: HEIGHT 5,8 CM; LENGTH 4,2 CM.

II.19 FRAGMENTOS DE RECIPIENTES PARA GUARDAR ALIMENTOS. CASTELO DE ABRANTES- TORRE SUL. SÉCS. XII- IX A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 5,8 CM; LARGURA 4,2 CM. FRAGMENTS OF VESSEL USED FOR FOOD STORAGE. CASTLE OF ABRANTES-SOUTH TOWER. XII- IX BC. POTTERY. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 5,8 CM; WIDTH 4,2 CM.



II.20 FRAGMENTOS DE MALGAS E TAÇAS PARA CONSUMO DE ALIMENTOS. CASTELO DE ABRANTES- TORRE SUL. SÉCS. XII- IX A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 3,8 CM; LARGURA 2,7 CM. FRAGMENTS OF VESSEL FOR FOOD CONSUMPTION. CASTLE OF ABRANTES-SOUTH TOWER. XII- IX BC. POTTERY. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 3,8 CM; WIDTH 2,7 CM.

Portanto, as dinâmicas que decorreram no Médio Tejo e no Concelho de Abrantes podem ser analisadas em função destes acontecimentos: o fenómeno do encastelamento nas áreas de serra e o aparecimento de material mediterrânico no Castelo de Abrantes e na Quinta da Pedreira, em áreas ribeirinhas ao longo do Tejo, corresponde a uma fase de progressiva subordinação de Tiro à Assíria e ao conseqüente protagonismo das colónias fenícias do Mediterrâneo Ocidental, como Gades (Cádiz), que passaram a ter um papel cada vez mais independente nas relações com as populações locais na fachada atlântica. Considerando a datação absoluta do fenómeno de encastelamento serrano e a datação relativa de materiais mediterrânicos ao longo do Tejo, é evidente que pode haver uma relação direta entre a necessidade de uma maior defesa (e a conseqüente fortificação do território) com a chegada de material mediterrânico ao Castelo de Abrantes e à Quinta da Pedreira. Mas no território abrantino este fenómeno não parece estar associado a repentinas fortificações ou a grandes destruições no povoado de altura do Morro do Castelo de Abrantes, estando provavelmente a muralha proto-histórica ainda visível e intacta na Alta Média Idade e não tendo, para já, marcas evidentes de destruição violenta. Tal pode indicar talvez conseqüências diferentes no contacto com o mundo mediterrânico entre as áreas de serra e as áreas ribeirinhas, quer na paisagem, quer na população local.

#### OBJETOS DE VIDA QUOTIDIANA NA IDADE DO BRONZE FINAL NO CONCELHO DE ABRANTES

##### CASTELO DE ABRANTES

A vida quotidiana no povoado amuralhado de altura provavelmente mais importante da região, pela sua posição junto ao Tejo e pelas suas prováveis dimensões, é testemunhada por fragmentos de cerâmica relacionada com as fases de ocupação da Idade do Bronze Final, não sendo ainda bem claro se com a sua primeira ou segunda fase. Entre os artefactos móveis contam-se fragmentos relativos a formas de grande dimensão [FIG. II.18 e II.19] para conservar líquidos ou alimentos; fragmentos de formas mais pequenas [FIG. II.20], provavelmente relacionadas com o consumo de líquidos ou de alimentos; uma taça usada para beber líquidos [FIG. II.21] e fragmentos de bordos de recipientes com decoração [FIG. II.22]. Entre os artefactos imóveis, contam-se vários fragmentos de argila de revestimento [FIG. II.23], provavelmente relacionados com pisos ou paredes de unidades habitacionais, tendo normalmente estas sido construídas em chão de argila endurecida com o fogo e paredes de materiais vegetais, rebocadas com argila.



II.21 TAÇA. CASTELO DE ABRANTES- TORRE DE MENAGEM. SÉCS. XII- IX A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES: ALTURA 6,5 CM; DIÂMETRO 11 CM. CUP. CASTLE OF ABRANTES- DONJON. XII- IX BC. POTTERY. DIMENSIONS: HEIGHT 6,5 CM; DIAMETER 11 CM.



II.22 FRAGMENTOS DE BORDOS DECORADOS. CASTELO DE ABRANTES- TORRE SUL.  
SÉCS. XII- IX A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 5,4 CM; LARGURA 3 CM.  
FRAGMENTS OF EDGES WITH DECORATIONS. CASTLE OF ABRANTES- SOUTH TOWER.  
XII- IX BC. POTTERY. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 5,4 CM; WIDTH 3 CM.



II.23 FRAGMENTOS DE ARGILA DE REBOQUE. CASTELO DE ABRANTES, PORTA SUL.  
SÉCS. XII- IX A.C. ARGILA. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 2, 5 CM; LARGURA 1,9 CM.  
TOWING TERRACOTA. CASTLE OF ABRANTES- SOUTHERN GATE. XII- IX BC.  
TERRACOTTA. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 2,5 CM; WIDTH 1,9 CM.

II.24 FRAGMENTO DE GRANDE RECIPIENTE PARA GUARDAR ALIMENTOS OU LÍQUIDOS. QUINTA DA PEDREIRA. SÉCS. XII- IX A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES: COMPRIMENTO 18 CM; LARGURA 9,7 CM.  
FRAGMENT OF LARGE VESSEL TO STORE FOOD OF LIQUIDS. QUINTA DA PEDREIRA.  
XII- IX BC. POTTERY. DIMENSIONS: LENGTH 18 CM; WIDTH 9,7 CM.



II.25 FRAGMENTO DE FUNDO DE RECIPIENTE COM DECORAÇÃO BRUNIDA. QUINTA DA PEDREIRA. SÉCS. XII- IX A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES: COMPRIMENTO 6 CM; LARGURA 4,3 CM.  
FRAGMENT OF BOTTOM OF VESSEL WITH BURNISHED DECORATION. QUINTA DA PEDREIRA.  
XII- IX BC. POTTERY. DIMENSIONS: LENGTH 6 CM; WIDTH 4,3 CM.



#### QUINTA DA PEDREIRA

Num povoado aberto, ou seja sem muralhas, com vocação agrícola e implantado no fundo de um vale, a vida quotidiana não parece ter sido mais modesta que num povoado de altura: entre os materiais móveis conta-se um fragmento de um grande recipiente [FIG. II.24], um fragmento do fundo de um outro grande recipiente com decoração brunida formando um padrão reticulado [FIG. II.25] e duas malgas para o consumo de alimentos [FIG. II.26]. Várias atividades artesanais, típicas de um povoado deste período, são testemunhadas por outros materiais. Assim, dois cossoiros em cerâmica [FIG. II.27] testemunham a tecelagem; um outro conjunto de artefactos testemunha não só a metalurgia do bronze, mas também a provável reciclagem de sucatas deste precioso metal artificial, numa região

onde não há cobre e estanho: trata-se de um fragmento de machado [FIG. II.28] e de um fragmento da base de um punhal [FIG. II.29], que podem ser interpretadas como sucatas que seriam recicladas usando um fole com tubo [FIG. II.30] para alimentar de oxigénio uma fogueira onde se colocava o metal para derreter, sendo por último colocado num molde o bronze reciclado obtendo-se um novo artefacto. Finalmente, um curioso recipiente de forma oval com pequenos orifícios [FIG. II.31] e que pode ser atribuído ou à produção de queijo, para coalhar o leite, ou ao aquecimento das cabanas, colocando-se carvões quentes no interior do recipiente (os orifícios permitiam a entrada de oxigénio para não se apagarem os carvões), dado ser pouco provável que se utilizassem lareiras dentro de cabanas de pequenas dimensões.

II.26 FRAGMENTOS DE MALGAS CARENADAS. QUINTA DA PEDREIRA. SÉCS. XII- IX A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 15,3 CM; LARGURA 6,6 CM.  
FRAGMENTS OF SHROUDED BOWLS. QUINTA DA PEDREIRA.  
XII- IX BC. POTTERY. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 15,3 CM; WIDTH 6,6 CM.





II.27 COSSOIROS. QUINTA DA PEDREIRA. SÉCS. XII- IX A.C.  
CERÂMICA. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 3 CM;  
LARGURA 2 CM.  
ELEMENTS OF SPINDLES . QUINTA DA PEDREIRA. XII- IX BC.  
POTTERY. AVERAGE DIMENSIONS: LENGTH 3 CM; WIDTH 2 CM.



II.30 - FRAGMENTO DE TUBO DE FOLE. QUINTA DA PEDREIRA.  
SÉCS. XII- IX A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES: COMPRIMENTO 5,5 CM;  
LARGURA 3 CM.  
FRAGMENT OF BELLOWS'S TUBE . QUINTA DA PEDREIRA. XIV- XI BC.  
POTTERY. DIMENSIONS: LENGTH 5,5 CM; WIDTH 3 CM.

II.28 MACHADO. QUINTA DA PEDREIRA. SÉCS. XIV- XI A.C.  
BRONZE. DIMENSÕES: COMPRIMENTO 7 CM; LARGURA 6 CM.  
AXE . QUINTA DA PEDREIRA. XIV- XI BC. BRONZE.  
DIMENSIONS: LENGTH 7 CM; WIDTH 6 CM.



II.29 FRAGMENTO DE PUNHAL. QUINTA DA PEDREIRA. SÉCS. XI- VIII A.C.  
BRONZE. DIMENSÕES: COMPRIMENTO 5 CM; LARGURA 3 CM.  
FRAGMENT OF DAGGER . QUINTA DA PEDREIRA. XIV- XI BC.  
BRONZE. DIMENSIONS: LENGTH 5 CM; WIDTH 3 CM.



II.31 FRAGMENTO DE VASO COM BASE E ORIFÍCIOS NAS PAREDES.  
QUINTA DA PEDREIRA. SÉCS. XII- IX A.C. CERÂMICA.  
DIMENSÕES: COMPRIMENTO 24 CM; LARGURA 19 CM.  
FRAGMENT OF VESSEL WITH SMALL HOLES. QUINTA DA PEDREIRA.  
XII- IX BC. POTTERY. DIMENSIONS: LENGTH 24 CM; WIDTH 19 CM.

II.32 FOICE. QUINTA DO VALE DO ZEBRO. SÉCS. X- IX A.C.  
BRONZE. DIMENSÕES: COMPRIMENTO 12,5CM; LARGURA 4,5 CM.  
SICKLE . QUINTA DO VALE DO ZEBRO. X- IX BC. BRONZE.  
DIMENSIONS: LENGTH 12,5 CM; WIDTH 4,5 CM.



#### QUINTA DO VALE DO ZEBRO

Uma confirmação da ocupação de baixas cotas no Vale do Tejo para a exploração dos recursos agrícolas na planície aluvial, resulta de um achado isolado na Quinta do Vale do Zebro: uma foice [FIG. II.32], que atesta a exploração agrícola nestes solos já desde a Idade do Bronze Final.

#### OBJETOS DE MATRIZ E DE INFLUÊNCIA MEDITERRÂNICA NOS POVOADOS DO CONCELHO DE ABRANTES NO INÍCIO DA IDADE DO FERRO

Nos mesmos povoados onde há vestígios de vida quotidiana ao longo da Idade do Bronze Final, encontram-se artefactos que, tendo em conta a tecnologia necessária para os produzir, teriam de ser adquiridos a grupos ou indivíduos mediterrânicos (Fenícios) que dominavam as novas técnicas necessárias para a sua produção. Trata-se de pasta vítrea, presente na Quinta da Pedreira como uma conta oculada [FIG. II.33], e de cerâmica depurada feita ao torno, encontrada no Castelo de Abrantes em níveis associados com o povoado da Idade do Bronze Final [FIG. II.34]. Mas também foi encontrada cerâmica ao torno "cinzenta" [FIG. II.35] que é geralmente atribuída a uma técnica mediterrânica (o trabalho ao torno) mas com tradição indígena (a cor escura).

II.33 FRAGMENTO DE CONTA OCULADA.  
QUINTA DA PEDREIRA. SÉCS. VII- V A.C.  
PASTA VÍTREA. DIMENSÕES:  
COMPRIMENTO 2 CM; LARGURA 1,5 CM.  
FRAGMENT OF BEAD. QUINTA DA PEDREIRA.  
XII- IX BC. GLASS. DIMENSIONS:  
LENGTH 2 CM; WIDTH 1,5 CM.



II.34 FRAGMENTOS DE CERÂMICA DE ENGOBE VERMELHO. CASTELO DE ABRANTES- PORTA SUL.  
SÉCS. VII- VI A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 3,6 CM; LARGURA 2,1 CM.  
FRAGMENTS OF RED SLIP POTTERY . CASTLE OF ABRANTES- SOUTHERN GATE. VII- VI BC.  
POTTERY. DIMENSIONS: LENGTH 3,6 CM; WIDTH 2,1 CM.



II.35 FRAGMENTOS DE CERÂMICA “CINZENTA” CASTELO DE ABRANTES- PORTA SUL. SÉCS. VII- VI A.C. CERÂMICA. DIMENSÕES MÉDIAS: COMPRIMENTO 3,8 CM; LARGURA 2,8 CM. FRAGMENTS OF “GREY” POTTERY . CASTLE OF ABRANTES- SOUTHERN GATE. VII- VI BC. POTTERY. DIMENSIONS: LENGTH 3,8 CM; WIDTH 2,8 CM.

## BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, A.M. (2005) ORIENTALIZANTE E PÓS ORIENTALIZANTE NO SUDOESTE PENINSULAR: GEOGRAFIAS E CRONOLOGIAS, IN CELESTINO PEREZ, S.; JIMÉNEZ AVILA, J. (EDS.) EL PERIODO ORIENTALIZANTE, ACTAS DEL III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ARQUEOLOGIA DE MÉRIDA: PROTOHISTÓRIA DEL MEDITERRÁNEO OCCIDENTAL, ANEJOS DE ARQUIVO ESPAÑOL DE ARQUEOLOGIA, XXXV, PP. 277-304

CANDEIAS, J.C. (2011) O ANTIGO PORTO FLUVIAL DE ABRANTES. SUBSÍDIOS PARA UM ESTUDO, IN ZAHARA, 18, PP. 3-18

CANDEIAS, J.C.; BAPTISTA, A.; FELIX, P. (1999) UMA FOICE DO BRONZE FINAL PROVENIENTE DA QUINTA DO VALE DO ZEBRO (RIO DE MOINHOS, ABRANTES), ESTUDOS PRÉ-HISTÓRICOS, 7

CASSEN, S., WELLER, O. (2013) IDÉES ET FAIT RELATIFS À LA PRODUCTION DES SELS MARINS ET TERRESTRES EN EUROPE, DU VI<sup>e</sup> AU III<sup>e</sup> MILÉNAIRE, IN SOARES, J. (ED.) PRÉ-HISTÓRIA DAS ZONAS HÚMIDAS. PAISAGENS DE SAL, SETUBAL ARQUEOLÓGICA , 14, PP. 255- 290

CRUZ, A. (2008) RELATÓRIO TÉCNICO DA CAMPANHA DE ESCAVAÇÃO NA MAMOIA 2 DE PORTO ESCURO. LISBOA: DGPC.

CRUZ, A. (2011) - A PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO VALE DO BAIXO ZÉZERE: UM OLHAR DIACRÓNICO. IN ARKEOS. TOMAR: CEIPHAR, VOLUME 30.

CRUZ, A.; DELFINO, D., GRAÇA, A. (2013) REFLECTING THE DEATH IN ALTO RIBATEJO. MAMOIA 1 DO SOUTO CASE (ÁBRANTES, PORTUGAL), IN NEPOMUCENO BORGES, S.; OOSTERBEEK, L. (EDS.) IDENTITY AND CULTURAL DIVERSITY: ARCHAEOLOGICAL AND ANTHROPOLOGICAL HERITAGE FROM ALTO RIBATEJO.-PORTUGAL, TOMAR: FUND.A.C./C.E.I.P.H.A.R./ I.T.M., PP. 61-65

CRUZ, A.; DELFINO, D., GRAÇA, A. (2014) DECORAÇÃO E CONOTAÇÃO DE UM RECIPIENTE CERÂMICO: UTILIZAÇÃO DOMÉSTICA, FUNERÁRIA E SIMBÓLICA. AS MAIS ANTIGAS CERÂMICAS DO CONCELHO DE ABRANTES, IN DELFINO, D.; PORTOCARRERO, G. (EDS.) 8.000 ANOS A TRANSFORMAR O BARRO. CERÂMICAS DO M.I.A.A. CATÁLOGO DA ANTEVISÃO VI DO MUSEU IBÉRICO DE ARQUEOLOGIA E ARTE DE ABRANTES, ABRANTES: CÂMARA MUNICIPAL DE ABRANTES, PP. 10-35

DELFINO, D. (2012) - ARQUEOLOGIA DO CONTACTO: DINÂMICAS, PROBLEMAS E MODELOS INTERPRETATIVOS DA PROTO-HISTÓRIA NA FACHADA ATLÂNTICA DA PENÍNSULA IBÉRICA. IN

ARQUEOLOGIA IBERO-AMERICANA E ARTE RUPESTRE. TOMAR: C.E.I.P.H.A.R., ARKEOS 32, PP. 57-70.

DELFINO, D. (2012) ARQUEOLOGIA DO CONTACTO: DINÂMICAS, PROBLEMAS E MODELOS INTERPRETATIVOS DA PROTO-HISTÓRIA NA FACHADA ATLÂNTICA DA PENÍNSULA IBÉRICA, IN OOSTERBEEK, L.; CEREZER, J., CAMPOS, J.; ZOCHE, J. (EDS.) ARQUEOLOGIA IBERO-AMERICANA E ARTE RUPESTRE, ARKEOS 32, PP. 57-70

DELFINO, D.; CRUZ, A. (NO PRELO) MODEL OF METALWORK AND SCRAP'S BRONZE CIRCULATION DURING FINAL BRONZE AGE IN THE MIDDLE TAGUS, IN COIMBRA, F.; DELFINO, D.; GHEORGHU, D. (EDS.) EMERGENCE OF WARRIOR SOCIETIES AND ITS ECONOMIC, SOCIAL AND ENVIRONMENTAL CONSEQUENCES, PROCEEDING OF XVII WORLD CONGRESS OF INTERNATIONAL UNION OF PREHISTORIC AND PROTOHISTORIC SCIENCES (I.U.P.P.S./U.I.S.P.P.), B.A.R. INT. SERIES, OXFORD: ARCHAEOPRESS

DELFINO, D.; OOSTERBEEK, L.; COIMBRA, F., BAPTISTA, J.; GOMES, H.; BELTRAME, M.; CURA, P. (2013) A PROTO-HISTÓRIA NO CONCELHO DE MAÇÃO: NOVAS INVESTIGAÇÕES, NOVAS ABORDAGENS, NOVOS DADOS, IN CRUZ, A.; GRAÇA, A., OOSTERBEEK, L., ROSINA, P. (EDS.) I<sup>o</sup> CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA DO ALTO RIBATEJO-HOMENAGEM A JOSÉ DA SILVA GOMES, ARKEOS, 34, TOMAR: C.E.I.P.H.A.R., PP. 181-194

DELFINO, D.; ROMÃO, J.; GASPAS, F. (NO PRELO) AS CONHEIRAS DE VILA DE REI: PATRIMÓNIO GEO-ARQUEOLÓGICO ASSOCIADO Á OCUPAÇÃO HUMANA NO MÉDIO TEJO ENTRE PROTO-HISTÓRIA E IDADE ROMANA, GEO-NOVAS

DELIBES DE CASTRO, G.; MONTERO RUIZ, I. (1999) LAS PRIMERAS ETAPAS METALÚRGICAS EN LA PENINSULA IBERICA, TOMO I, ESTUDIOS REGIONALES, MADRID: INSTITUTO UNIVERSITÁRIO ORTEGA Y GASSET

FÉLIX, P. (1997) O FINAL DA IDADE DO BRONZE NO MÉDIO TEJO. QUINTA DA PEDREIRA (ÁBRANTES): NOTÍCIA DE DUAS CAMPANHAS DE ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS, IN AL-MADAN, 6, II, ALMADA: CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ÁLMADA, PP. 33-37

FÉLIX, P. (1999) O FINAL DA IDADE DO BRONZE NO CENTRO OESTE PENINSULAR: A CONTRIBUIÇÃO DO RIBATEJO NORTE, IN REVISTA DE GUIMARÃES, 2, GUIMARÃES: FUNDAÇÃO MARTIN SARMENTO, PP. 715-740

GASPAR, F. (2011), ALGUNS DADOS SOBRE A MINERAÇÃO ANTIGA NO CONCELHO DE ABRANTES, ATAS VI SIMPÓSIO SOBRE MINERAÇÃO E METALURGIA HISTÓRICAS NO SUDOESTE EUROPEU, PP. 201-214

OOSTERBEEK, L. (2010) ABRANTES, O SUDOESTE E O MUNDO MEDITERRÂNICO. O TEMPO, O ESPAÇO E OS INTERCÂMBIOS NAS COLEÇÕES DO M.I.A.A., ANTEVISÃO III DO MUSEU IBÉRICO DE ARQUEOLOGIA E ARTE DE ABRANTES, ABRANTES: CÂMARA MUNICIPAL DE ABRANTES, PP. 10-31

OOSTERBEEK, L.; DELFINO, D.; BAPTISTA PEREIRA, F.A.; PORTOCARRERO, G. (2010) OBJECTOS, ECONOMIA E SOCIEDADE NAS ORIGENS DA URBANIZAÇÃO NO SUDOESTE PENINSULAR, ANTEVISÃO III DO MUSEU IBÉRICO DE ARQUEOLOGIA E ARTE DE ABRANTES, ABRANTES: CÂMARA MUNICIPAL DE ABRANTES, PP. 149-154

ROVIRA LLORENS, S.; MONTERO RUIZ, I.; CONSUEGRA RODRIGUEZ, S. (1997) LAS PRIMERAS ETAPAS METALÚRGICAS EN LA PENINSULA IBERICA, TOMO I. ANALISIS DE MATERIALES, MADRID: INSTITUTO UNIVERSITÁRIO ORTEGA Y GASSET

VILAÇA, R.; ARRUDA, A.M. (2004) AO LONGO DO TEJO, DO BRONZE AO FERRO, CONIMBRIGA, 43, PP. 11-45

## ARTIGOS ELETRÓNICOS

BATISTA, A. (2013) VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICAS NA FREGUESIA DE RIO DE MOINHOS-ABRANTES, ANTROPE, 0, PP. 29-51, CONSULTÁVEL EM: [HTTP://WWW.CPH.IPT.PT/DOWNLOAD/ANTROPEDownload/ANTROPE%200/REVISTA\\_ANTROPE\\_No.PDF](http://www.cph.ipt.pt/download/ANTROPEDownload/ANTROPE%200/REVISTA_ANTROPE_No.PDF)

BATISTA, A.; GASPAS, F. (2013) DADOS ARQUEOLÓGICOS INÉDITOS A NORTE DO CONCELHO DE ABRANTES, ANTROPE, 0, PP. 29-51, CONSULTÁVEL EM: [HTTP://WWW.CPH.IPT.PT/DOWNLOAD/ANTROPEDownload/ANTROPE%200/REVISTA\\_ANTROPE\\_No.PDF](http://www.cph.ipt.pt/download/ANTROPEDownload/ANTROPE%200/REVISTA_ANTROPE_No.PDF)

CANDEIAS, J.; BATISTA, A.; GASPAS, F. (2010) CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE ABRANTES, CÂMARA MUNICIPAL DE ABRANTES, ABRANTES, CONSULTÁVEL EM: [HTTP://SIC.CM-ABRANTES.PT/CARTA\\_ARQUEOLOGICA/CARTA.HTML](http://sic.cm-abrantes.pt/carta_arqueologica/carta.html)

DELFINO, D. (2014) BRONZE AGE RECYCLING DURING THE BRONZE AGE: SOME CONSIDERATIONS ABOUT TWO METALLURGICAL REGIONS, ANTROPE, 1, PP. 120-143, CONSULTÁVEL EM: [HTTP://WWW.CPH.IPT.PT/DOWNLOAD/ANTROPEDownload/ANTROPE%201/ANTROPE-METODOLOGIAS-TRABALHO-ARQUEOLOGICO.PDF](http://www.cph.ipt.pt/download/ANTROPEDownload/ANTROPE%201/ANTROPE-METODOLOGIAS-TRABALHO-ARQUEOLOGICO.PDF)

DELFINO, D.; CRUZ, A.; GRAÇA, A.; GASPAS, F., BATISTA, A. (2014) A PROBLEMÁTICA DAS CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES NA IDADE DO BRONZE DO MÉDIO TEJO PORTUGUÊS, IN CRUZ, A. (ED.) A IDADE DO BRONZE EM PORTUGAL: OS DADOS E OS PROBLEMAS, ATAS DA MESA REDONDA NACIONAL DE ABRANTES, ANTROPE, SÉRIE MONOGRÁFICA, 1, PP. 147-202, CONSULTÁVEL EM: [HTTP://WWW.CPH.IPT.PT/DOWNLOAD/ANTROPEDownload/1\\_2014SERIE%20MONOGRAFICA/ANTROPE\\_SM12014.PDF](http://www.cph.ipt.pt/download/ANTROPEDownload/1_2014SERIE%20MONOGRAFICA/ANTROPE_SM12014.PDF)

# III. a romanização

GUSTAVO PORTOCARRERO  
DAVIDE DELFINO  
FILOMENA GASPAR



III.1 MAPA DE ALGUMAS DAS ESTAÇÕES ROMANAS NO MÉDIO TEJO  
MAP OF SOME ROMAN SITES IN THE MIDDLE TAGUS

- CONHEIRAS PEBLES
- ⬠ VICUS
- QUINTAS FARMS

A conquista romana do território de Abrantes e de toda a região do Médio Tejo ocorre nos séculos II-I A.C. Esta conquista provocou mudanças radicais em toda esta região, tendo sido introduzida uma forma de organização territorial – e civilizacional – comum a todo o império romano [FIG. III.1].

Assim, o território veio a fazer parte de uma circunscrição denominada *civitas*, controlada por um núcleo urbano que constituía o seu centro administrativo e económico. O território da *civitas* poderia também ter outros núcleos urbanos mais pequenos designados por *vicus*. Os campos em redor estavam cobertos por propriedades privadas de pequena dimensão (os casais) e de grande dimensão (as *villae*). A população estava assim instalada na planície e não havia estruturas militares, dado que as legiões garantiam a *Pax Romana* nas fronteiras do Império. O contraste é marcante quando se olha para a anterior organização territorial com povoados fortificados em altura (que são abandonados) e por uma posse coletiva da terra (substituída pela propriedade privada). Estamos perante uma forma de organização territorial que deixou uma marca profunda na paisagem e que ainda hoje em dia subsiste, malgrado uma certa militarização da paisagem em épocas posteriores (como se verá nos capítulos seguintes).

Desconhece-se se a *civitas* de que Abrantes fazia parte coincidia sensivelmente com o seu atual território, ou mais provavelmente, ocupava também algum território dos concelhos circunvizinhos. A atual divisão territorial em concelhos é de origem medieval os quais são, por norma, de dimensões mais pequenos que as *civitas*. Desconhece-se igualmente qual o nome romano da *civitas* a que Abrantes pertencia. Têm sido adiantados há já alguns séculos nomes como *Tibucci* ou *Aritium Vetus*, mas não há provas seguras. O próprio nome “Abrantes” é igualmente de origem desconhecida, sendo mencionado pela primeira vez num documento de 1173 d.C., quando D. Afonso Henriques doa o castelo e o termo de Abrantes à Ordem de Santiago da Espada. Também se desconhece onde se situava o principal núcleo urbano que controlava a *civitas* de que Abrantes fazia parte. Um possível local é a Quinta da Baeta, perto do Rossio ao Sul do Tejo onde foi descoberta há algumas décadas uma estátua de uma figura feminina (talvez uma divindade), com mais de dois metros de altura, sem cabeça, com manto, feita de acordo com os cânones clássicos e datável do século I d.C. [FIG. III.2], tratando-se de características comuns a estátuas que era vulgar encontrar nos fóruns das cidades. Foi também descoberta alguma cerâmica romana na zona, mas não é claro se havia um importante núcleo urbano, tendo em conta o assoreamento da margem. Outros núcleos urbanos romanos no concelho de Abrantes foram identificados em Casa Branca-Alvega, Fonte Sapo e Pedreira. Também próximo de Abrantes, no Sardal, o povoado do Cabeço das Mós é um bom candidato a capital de *civitas*.

III.2 DUAS ESTÁTUAS ROMANAS DE UMA FIGURA FEMININA, POSSIVELMENTE UMA DIVINDADE TUTELAR LOCAL. A DA ESQUERDA, DATÁVEL DO SÉC. I D.C., FOI ENCONTRADA NA QUINTA DA BAETA E A DA DIREITA, DATÁVEL DO SÉC. II D.C., FOI ENCONTRADA NA IGREJA DE SANTA MARIA DO CASTELO. TWO ROMAN STATUES OF A FEMALE FIGURE, POSSIBLY A LOCAL DIVINITY. THE ONE TO THE LEFT, DATED I A.D., WAS FOUND IN QUINTA DA BAETA, WHILE THE ONE TO THE RIGHT, DATED II A.D., WAS FOUND IN THE CHURCH OF SANTA MARIA DO CASTELO.



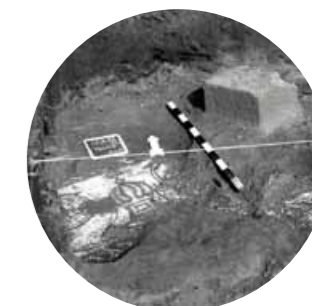
III.3 CANALIZAÇÃO DE ÁGUAS RESIDUAIS NA VILLA DO OLIVAL COMPRIDO. PLUMBING OF WASTEWATER IN THE VILLA OF OLIVAL COMPRIDO.



III.4 TANQUE DE PERISTILO NA VILLA DO OLIVAL COMPRIDO. TANK FROM PERISTYLE IN THE VILLA OF OLIVAL COMPRIDO.



III.5 MOSAICO ENCONTRADO NA VILLA DO OLIVAL COMPRIDO. MOSAIC FOUND IN THE VILLA OF OLIVAL COMPRIDO.



III.6 FORMENOR DO MOSAICO ENCONTRADO NA VILLA DO OLIVAL COMPRIDO. DETAIL OF MOSAIC FOUND IN THE VILLA OF OLIVAL COMPRIDO.



O mundo rural do território de Abrantes estava polvilhado de casais agrícolas, como o sítio do Surdo, Casais de Revelhos, Casal do Moura Neves, Foz, e de *villae*, como no Olival Comprido, Bicas, Moinho do Meio, Favaqueira, o que é indicativo do enorme desenvolvimento que a atividade agrícola conheceu na época romana. A riqueza de alguns destes sítios é bem visível na *villa* de Olival Comprido [FIG. III.3 e III.4] onde foi identificado um painel de mosaicos [FIG. III.5 e III.6]. É nesta altura que é introduzido no Médio Tejo a triade mediterrânica da alimentação: o trigo, a vinha e a oliveira, que ainda hoje em dia continuam a ter uma presença marcante na paisagem local. No caso de Abrantes, em particular, é notável a enorme quantidade de oliveiras que marca a paisagem [FIG. III.7]. Também é de destacar que a criação de cavalos lusitanos, que ainda hoje persiste no Médio Tejo, já vem de época romana, sendo este cavalo, aliás, famoso na Antiguidade [FIG. III.8].

Assiste-se igualmente neste período a uma intensificação da mineração do ouro não só no concelho de Abrantes, mas também em todo o Médio Tejo. O Vale do Tejo era uma das áreas mais ricas em recursos auríferos do Império Romano, como se pode ler nos escritos do geógrafo de língua grega Estrabão<sup>1</sup> e do naturalista latino Plínio o Velho<sup>2</sup>, tornando-se inclusivé um tópico literário (*Tagus aurifer*) já no séc. I A.C. com Cátulo e depois com Ovídio, Silo Itálico, Lucano, Séneca, Marcial e Juvenal.

O período de mais intensa exploração do ouro na Península Ibérica e, consequentemente, no território abrantino, coincidiu com os sécs. I e II D.C. quando o imperador Augusto, entre 23 A.C. e 19 A.C., procedeu a uma reforma monetária que incidiu em particular nas de prata (*denarius*) e em ouro (*aurum*), dado serem metais com qualidade de mais fácil controlo. Isso porque o valor nominal das moedas era igual ao valor efetivo em peso e era necessário ter moedas com peso sempre constante. Esta política monetária, que precisava de muita quantidade de ouro (e de prata) e causou uma exploração maciça também no Vale do Tejo, teve lugar durante toda a dinastia Júlio-Claudiana (com exceção do reinado do Nero) e desde o reinado de Domiciano (81 D.C.) até ao de Marco Aurélio (161 D.C.).

Desta intensa atividade mineira, terá resultado a maior parte das abundantes concheiras ribeirinhas visíveis por toda esta região. Trata-se de escombros formados por amontoados de seixos, resultantes de escavação a céu aberto de exploração mineira de ouro aluvionar. No caso de Abrantes destacam-se as concheiras de Matagozinha [FIG. III.9 e III.10], Machial do Além e Martinchel. Esta exploração aurífera em grande escala levou alguns investigadores a levantar a hipótese de o nome de Abrantes ter nascido da corrupção do latim *Aurantes* (participio que poderia ter significado “os que exploram o ouro” ou “os que manejavam o ouro”) em *AVRANTES* e, por corruptela, em Abrantes. Esta atividade mineira persistiu ainda durante a Idade Média, altura em que a exploração do ouro aluvionar terá deixado de ter a mesma rentabilidade.

1 ESTRABÃO (60 A.C.- 23 D.C.) ESCREVE SOBRE A RIQUEZA AURÍFERA DO RIO TEJO NO LIVRO III DA “GEOGRAFIA” DEDICADO À GÁLIA E PENÍNSULA IBÉRICA

2 PLÍNIO O VELHO (23- 79 D.C.) ESTEVE NA PENÍNSULA IBÉRICA COMO PROCURADOR IMPERIAL E ESCREVEU SOBRE A MINERAÇÃO DO OURO NO LIVRO XXXII DA “NATURALIS HISTORIA”



III.8 CRIAÇÃO DE CAVALOS NO MÉDIO TEJO, JÁ PRATICADA EM ÉPOCA ROMANA.  
HORSE BREEDING IN THE MIDDLE TAGUS, ALREADY PRACTICED  
DURING THE ROMAN ERA.

III.9 CONHEIRA DA MATAGOZINHA.  
HEAP OF PEBBLES OF MATAGOZINHA.



III.10 CONHEIRA DA MATAGOZINHA.  
HEAP OF PEBBLES OF MATAGOZINHA.



III.11 CONJUNTO FORMADO POR UMA TACINHA, DUAS GARRAFAS  
E UM RECIPIENTE PARA CREMES E PERFUMES. VILLA DO OLIVAL COMPRIDO.  
SÉCS. I-II D.C. VIDRO. DIMENSÕES MÉDIAS: ALTURA 10 CM; DIÂMETRO 7 CM.  
SET FORMED BY A SMALL CUP, TWO BOTTLES AND ONE CONTAINER  
FOR CREAMS AND PERFUMES. VILLA OF OLIVAL COMPRIDO.  
I-II AD. MEDIUM DIMENSIONS: HEIGHT 10 CM; DIAMETER 7 CM.

III.12 DOIS ANÉIS. VILLA DO OLIVAL COMPRIDO.  
SÉCS. I-II D.C. OURO. DIÂMETRO MÉDIO: 2CM.  
TWO RINGS. VILLA OF OLIVAL COMPRIDO. I-II AD.  
MEDIUM DIMENSIONS: 2 CM.



Durante a época romana, o Morro do Castelo de Abrantes, parece ter sido ocupado apenas por um templo, tendo em conta o achamento nessa zona de uma ara votiva e, na igreja de Santa Maria, de uma estátua de um metro de altura [FIG. III.2], datável do século II d.C. e em tudo semelhante aquela descoberta na Quinta da Baeta, atrás referida, tratando-se, possivelmente, da divindade tutelar da *civitas*.

Apresentam-se, de seguida, alguns fragmentos da vida quotidiana durante este período encontrados em escavações arqueológicas no concelho de Abrantes. Todos mostram a notável influência da romanização, isto é, assimilação da cultura romana, pela população local.

Assim, numa sepultura de uma *villa* romana no Olival Comprido foram achados vários objetos feitos em vidro, nomeadamente, uma tacinha, duas garrafas e cinco recipientes para cremes e perfumes [FIG. III.11].

Também associados ao mesmo enterramento, foram recolhidos dois anéis de ouro, quicá feitos com ouro local [FIG. III.12].

Provenientes desta *villa*, encontram-se também em exposição cerâmicas comuns romanas ligadas a várias atividades da vida quotidiana numa típica *villa*: um fragmento de ânfora para guardar azeite (sécs. II-III d.C.), que testemunha talvez a produção na *villa* deste importante elemento da dieta mediterrânica num lugar onde ainda hoje há oliveiras; um fragmento de púcaro para consumo cotidiano de alimentos (séc. II d.C.) [FIG. III.13]. Também um peso de tear testemunha a atividade de tecelagem que complementava as atividades desta “quinta” de época romana [FIG. III.14].

III.13 FRAGMENTOS DE ÂNFORA E PÚCARO. VILLA DO OLIVAL COMPRIDO. SÉCS. I-II D.C. CERÂMICA. DIMENSÕES: COMPRIMENTO 15,2 CM (ESQ.) E 8,5 CM (DIR.); LARGURA 8,7 CM (ESQ.) E 5 CM (DIR.).  
FRAGMENTS OF AMPHORA (LEFT) AND PITCHER (RIGHT). VILLA OF OLIVAL COMPRIDO. I-II AD. POTTERY. DIMENSIONS: LENGTH 15,2 CM (LEFT) AND 8,5 CM (RIGHT); WIDTH 8,7 CM (LEFT) AND 5 CM (RIGHT).



III.14 PESO DE TEAR. VILLA DO OLIVAL COMPRIDO. SÉCS. I-II D.C. CERÂMICA. DIMENSÕES: ALTURA 10 CM; DIÂMETRO 6 CM.  
LOOM WEIGHT. VILLA OF OLIVAL COMPRIDO. I-II AD. POTTERY. DIMENSIONS: HEIGHT 10 CM; DIAMETER 6 CM.



III.15 MOEDA DO IMPERADOR AUGUSTO (27 A.C.-14 D.C.) COM LEGENDA EMERITA AVGVSTA NO REVERSO. ABRANTES. BRONZE. DIÂMETRO: 22 MM.  
COIN OF EMPEROR AUGUSTUS (27 BC-14 AD) WITH THE INSCRIPTION EMERITA AVGVSTA ON THE REVERSE. ABRANTES. BRONZE. DIAMETER: 22 MM.



Em exposição encontra-se uma moeda do primeiro imperador romano, Augusto (27 A.C.-14 D.C.), emitida em Emerita Augusta (atual Mérida), capital da província da Lusitânia, de que Abrantes fazia parte [FIG. III.15]; a moeda tinha no anverso um dos títulos de Augusto, mas infelizmente essa parte encontra-se desgastada, pelo que não é possível lê-lo. Saltando alguns séculos, temos uma moeda do imperador Cláudio II (268-270 D.C.) com a legenda PAX AVGVSTI no reverso, ou seja, a “paz providenciada pelo imperador” [FIG. III.16]. Encontram-se também expostas cinco moedas do imperador Constantino (306-337 D.C.). Duas delas têm a legenda GLORIA EXERCITVS no reverso [FIG. III.17 e III.18], “glória do exército”, que celebra as derrotas sobre os povos Bárbaros que tentavam invadir o Império. Outras duas moedas de Constantino têm a legenda SOLI INVICTO COMITI [FIG. III.19 e III.20], literalmente “Sol invencível e companheiro (do imperador)”, tendo o sol sido a divindade protetora de Constantino até à sua conversão ao cristianismo. Uma última moeda de Constantino tem a legenda PROVIDENTIAE AVGG [FIG. III.21], ou seja, o imperador era a personificação da providência e, como tal, estava consciente das necessidades da população do império sabendo tomar as medidas necessárias para as satisfazer. Também do reinado de Constantino, mas com uma efígie do seu filho primogénito, Crispo (317-326 D.C.), uma moeda com a legenda VICTORIAE LAETAE PRINC PERP [FIG. III.22], “alegres vitórias do príncipe perpétuo”. De Constâncio II (337-361 D.C.), duas moedas com a legenda FEL TEMP REPARATIO [FIG. III.23 e III.24], “o retorno dos tempos felizes”.

Por último, encontram-se também em exposição 10 moedas de bronze, encontradas em diversos sítios do concelho de Abrantes. Foram os romanos que introduziram a economia monetária nesta região, a qual ainda persiste atualmente. No anverso encontra-se a efígie do imperador e no reverso uma mensagem de caráter propagandístico (um esquema que também persiste).

III.16 MOEDA DO IMPERADOR CLÁUDIO II (268-270 D.C.) COM A LEGENDA PAX AVGVSTI NO REVERSO. ABRANTES. BRONZE. DIÂMETRO: 17MM.  
 COIN OF EMPEROR CLAUDIUS II (268-270 AD) WITH THE INSCRIPTION PAX AVGVSTI ON THE REVERSE. ABRANTES. BRONZE. DIAMETER: 17 MM.



III.17 MOEDA DO IMPERADOR CONSTANTINO (306-337 D.C.) COM A LEGENDA GLORIA EXERCITVS NO REVERSO. ABRANTES. BRONZE. DIÂMETRO: 14 MM.  
 COIN OF EMPEROR CONSTANTINE (306-337 AD) WITH THE INSCRIPTION GLORIA EXERCITVS ON THE REVERSE. ABRANTES. BRONZE. DIAMETER: 14 MM.



III.18 MOEDA DO IMPERADOR CONSTANTINO (306-337 D.C.) COM A LEGENDA GLORIA EXERCITVS NO REVERSO. ABRANTES. BRONZE. DIÂMETRO: 16 MM.  
 COIN OF EMPEROR CONSTANTINE (306-337 AD) WITH THE INSCRIPTION GLORIA EXERCITVS ON THE REVERSE. ABRANTES. BRONZE. DIAMETER: 16 MM.



III.19 MOEDA DO IMPERADOR CONSTANTINO (306-337 D.C.) COM A LEGENDA SOLI INVICTO COMITI NO REVERSO. ABRANTES. BRONZE. DIÂMETRO: 19MM.  
 COIN OF EMPEROR CONSTANTINE (306-337 AD) WITH THE INSCRIPTION SOLI INVICTO COMITI ON THE REVERSE. ABRANTES. BRONZE. DIAMETER: 19 MM.



III.20 MOEDA DO IMPERADOR CONSTANTINO (306-337 D.C.) COM A LEGENDA SOLI INVICTO COMITI NO REVERSO. ABRANTES. BRONZE. DIÂMETRO: 19MM.  
 COIN OF EMPEROR CONSTANTINE (306-337 AD) WITH THE INSCRIPTION SOLI INVICTO COMITI ON THE REVERSE. ABRANTES. BRONZE. DIAMETER: 19 MM.

III.21 MOEDA DO IMPERADOR CONSTANTINO (306-337 D.C.) COM A LEGENDA PROVIDENTIAE AVGG NO REVERSO. ABRANTES. BRONZE. DIÂMETRO: 19MM.  
 COIN OF EMPEROR CONSTANTINE (306-337 AD) WITH THE INSCRIPTION PROVIDENTIAE AVGG ON THE REVERSE. ABRANTES. BRONZE. DIAMETER: 19 MM.



III.22 MOEDA DE CRISPO (317-326 D.C.) COM A LEGENDA VICTORIAE LAETAE PRINC PERP NO REVERSO. ABRANTES. BRONZE. DIÂMETRO: 17MM.  
 COIN OF CRISPUS (317-326 AD) WITH THE INSCRIPTION VICTORIAE LAETAE PRINC PERP ON THE REVERSE. ABRANTES. BRONZE. DIAMETER: 17 MM.



III.23 MOEDA DO IMPERADOR CONSTÂNCIO II (337-361 D.C.) COM A LEGENDA FEL TEMP REPARATIO NO REVERSO. ABRANTES. BRONZE. DIÂMETRO: 16 MM.  
 COIN OF EMPEROR CONSTANTINUS II (337-361 AD) WITH THE INSCRIPTION FEL TEMP REPARATIO ON THE REVERSE. ABRANTES. BRONZE. DIAMETER: 16 MM.



III.24 MOEDA DO IMPERADOR CONSTÂNCIO II (337-361 D.C.) COM A LEGENDA FEL TEMP REPARATIO NO REVERSO. ABRANTES. BRONZE. DIÂMETRO: 17 MM.  
 COIN OF EMPEROR CONSTANTINUS II (337-361 AD) WITH THE INSCRIPTION FEL TEMP REPARATIO ON THE REVERSE. ABRANTES. BRONZE. DIAMETER: 17 MM.



## BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, A.M.; VIEGAS, C.; BARGÃO, P. (2010) A CERÂMICA COMUM DE PRODUÇÃO LOCAL DE MONTE MOLLIÃO, IN *XELB (ACTAS DO 7º «ENCONTRO ARQUEOLOGIA NO ALGARVE»)*, 10, P. 285-304.

ARVEILLER-DULONG, V. e NENNA, M. D. (2005) *LES VERRES ANTIQUES DU MUSÉE DU LOUVRE*, VOL. II, PARIS: MUSÉE DU LOUVRE ÉDITIONS

BANHA DOS SANTOS, C.M.; MOURINHO ARSÉNIO, P.A. (1998) As ânforas VINÁRIAS DE SELINIUM (TOMAR), CONVENTUS SCALLABITANUS, IN *REVISTA PORTUGUESA DE ARQUEOLOGIA*, VOL. 1, N.º 2, PP. 165-190

BELLONI, G. (2004) *LA MONETA ROMANA*, ROMA: CAROCCI EDITORE

CADOSO, J.L.; GUERRA, A.; FABIÃO, C. (2011) ALGUNS ASPETOS DA MINERAÇÃO ROMANA NA ESTREMADURA E NO ALTO ALENTEJO, IN CADOSO, J.L.; ALMAGRO GORBEA, M. (EDS.) *LUCIUS CORNELIUS BOCCCHUS. ESCRITOR LUSITANO NA IDADE DA PRATA DA LITERATURA LATINA*, LISBOA-MADRID: ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA- REAL ACADEMIA DE LA HISTORIA, PP. 169-188

DELFINO, D.; GASPAR, F. (NO PRELO 2015) AS CONHEIRAS DO CONCELHO DE VILA DE REI: UM PATRIMÓNIO GEO-ARQUEOLÓGICO LIGADO À OCUPAÇÃO HUMANA NO MÉDIO ROMANA, *GEONOVAS*, 28

HIGGINS, R. (1980) *GREEK AND ROMAN JEWELLERY*, BERKELEY: UNIVERSITY OF CALIFORNIA PRESS

MARTINS BRAZ, C.M. (2008) *A EXPLORAÇÃO MINEIRA ROMANA E A METALURGIA DO OURO EM PORTUGAL*, DISSERTAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR, UNIVERSIDADE DO MINHO- INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

RIC-ROMAN IMPERIAL COINAGE

## ARTIGO ELETRÓNICO

CANDEIAS, J.; BATISTA, A.; GASPAR, F. (2010) *CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE ABRANTES*, CÂMARA MUNICIPAL DE ABRANTES, ABRANTES, CONSULTÁVEL EM: [HTTP://SIC.CM-ABRANTES.PT/CARTA\\_ARQUEOLOGICA/CARTA.HTML](http://sic.cm-abrantes.pt/CARTA_ARQUEOLOGICA/CARTA.HTML)



# IV. a reconquista cristã

GUSTAVO PORTOCARRERO  
FILOMENA GASPAR



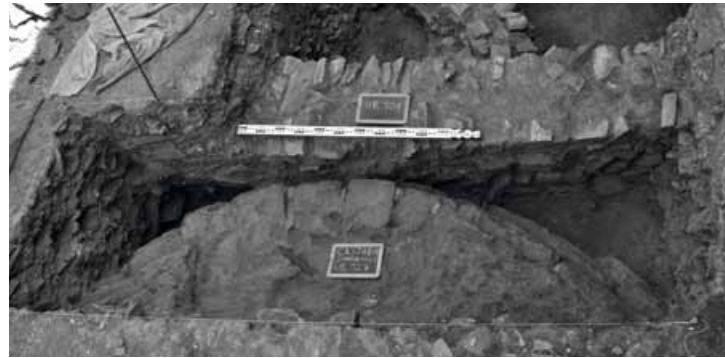
No ano 711 D.C., teve lugar um evento catastrófico que haveria de afetar durante vários séculos as populações autóctones cristãs da Península Ibérica, bem como toda a organização do território: a invasão islâmica. Em poucos anos a maior parte do território peninsular caiu sob o domínio político muçulmano, com exceção da franja norte. A partir de então, teve lugar um longuíssimo período de guerras sucessivas entre cristãos e muçulmanos – que ficou conhecido como Reconquista Cristã – que só terminaria com a expulsão muçulmana da Península Ibérica no ano 1492 D.C., com a conquista de Granada. Foi, aliás, neste contexto histórico que se formou o Reino de Portugal. A sua mais antiga referência data do século IX D.C., quando era um condado fronteiriço do Reino de Leão, abrangendo o território entre o Minho e o Douro; no final do século XI D.C., é-lhe acrescentado o território do Condado de Coimbra, que se situava entre o Douro e o Mondego. O primeiro rei português, D. Afonso Henriques, conseguiu que o papado, que na altura era o árbitro em matéria internacional entre os cristãos, reconhecesse a sua independência em 1178 D.C. (que já era, *de facto*, desde 1143 D.C.) ao mostrar a um papado até então hesitante na divisão dos reinos peninsulares face ao poderio muçulmano que não só era capaz de defender o território cristão, mas também, na linha da Reconquista Cristã, de reconquistar novo território, tendo alcançado o coração do Alentejo, e mostrando-se, além disso, um empenhado defensor da Igreja Católica e dos seus valores.

Uma das consequências mais marcantes e visíveis na paisagem resultantes da Reconquista Cristã foi a sua militarização. De fato, à medida que a linha de fronteira entre domínios cristãos e muçulmanos ia recuando para sul, as zonas fronteiriças iam-se enchendo de castelos em sítios elevados para proteção e defesa do território circundante [FIG. IV.1]. O contraste, em termos de organização do território, com a anterior época romana era marcante. Enquanto na época romana os centros de poder encontravam-se em cidades situadas em zonas baixas e a *Pax Romana* garantia a segurança da população, não havendo estruturas defensivas para sua proteção, no período da Reconquista Cristã, o centro de poder deslocou-se para castelos situados em zonas altas e boa parte da população também para aí se deslocou ou, pelo menos, caso permanecesse em zonas baixas, procurou ficar na proximidade de um castelo para aí se refugiar.

Também o território de Abrantes e de todo o Médio Tejo foi afetado por este processo durante um longo período de tempo entre os séculos IX-XIII D.C., altura em que era zona fronteiriça entre o condado, e mais tarde reino, de Portugal e os domínios islâmicos. Foram vários os castelos construídos neste vasto território como os de Abrantes, Tomar, Belver, Ourém, Torres Novas, Almouroul, Sertã, Dornes, Ozêzere, Ceras, Cardiga, Pias, a Torre de D. Gaião e o Castro de São Miguel.

IV.1 CASTELOS DO MÉDIO TEJO NO SÉCULO XII D.C.  
CASTLES IN THE MIDDLE TAGUS BY THE XII A.D.

CASTELOS  
CASTLES



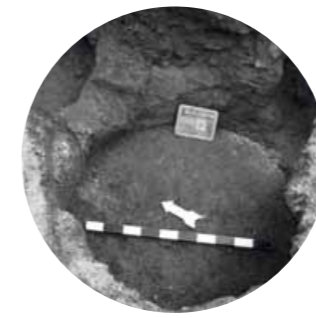
IV.2 BASE DE TORRE ISLÂMICA, FEITA COM TIJOLOS DE ADOBE, ENCONTRADA NO CASTELO DE ABRANTES.  
BASE OF ISLAMIC TOWER, MADE OF ADOBE BRICKS, FOUND IN THE CASTLE OF ABRANTES.

Até há poucos anos atrás, pouco se sabia sobre o início deste processo em Abrantes. Os mais antigos documentos atualmente existentes são posteriores à incorporação do território abrantino no Reino de Portugal. Um desses documentos, datado de 1173 d.C., diz respeito à doação do castelo de Abrantes e do seu termo à Ordem de Santiago da Espada. Como tal, alguns autores defenderam que Abrantes era uma zona deserta antes da incorporação do Médio Tejo no Reino de Portugal em 1147 d.C., tendo o castelo referido em 1173 d.C. sido fundado entre estas duas datas. No entanto, dados arqueológicos recentes permitiram obter uma melhor visão sobre as origens deste processo. Em 2014 foi descoberto no interior do castelo, próximo da Porta da Traição, parte de uma torre de adobe escalonada [FIG. IV.2]. Estas características construtivas indicam estarmos perante uma *zarpa*, isto é, um reforço defensivo das torres islâmicas, engrossada de forma escalonada, com vários ressaltos. Como se pode ver, o primeiro castelo de Abrantes era feita em adobe e segundo técnicas islâmicas, bem diferente do castelo atualmente visível, feito em pedra e cujas torres datam já dos séculos XIV e XV d.C. e maior parte dos panos de muralha da Idade Moderna [FIG. IV.3]. Foram também descobertas várias cerâmicas islâmicas no castelo, no heliporto (a norte do castelo), no Largo da Ferraria, na Rua Grande e na Misericórdia; além disso, neste três últimos sítios foram também descobertos silos para guardar e conservar alimentos [FIG. IV.4 e IV.5]. Ou seja, o encastelamento deste território foi anterior à sua incorporação no Reino de Portugal. Havia assim um castelo (que deveria coincidir grosso modo com os seus atuais limites) e um povoado adjacente cujos limites eram constituídos pelas ruas anteriormente referidas [FIG. IV.6], tendo-se alargado para os do atual Centro Histórico após a incorporação no Reino de Portugal. A datação das cerâmicas islâmicas mais antigas neste espaço é do século IX d.C. Ora foi precisamente neste século que as forças cristãs ocuparam Coimbra, tendo-se transformado o território do Médio Tejo numa zona fronteira e como tal sujeita ao processo de encastelamento.

Havia dois tipos de castelo nesta altura: um deles, ligado ao poder político, era constituído por castelos de maior dimensão, bem construídos e em zonas altas de onde se descortinava um vasto território sob o seu domínio. O outro tipo, da iniciativa das populações locais, era constituído por estruturas mais pequenas, de construção mais frágil e que muitas vezes chegava a aproveitar os acidentes do relevo e que situava em áreas relativamente discretas da paisagem, com o propósito de servir de abrigo temporário pelas populações vizinhas em caso de ataque inimigo.

No território do Médio Tejo, a maior parte dos castelos atrás mencionados, incluindo o de Abrantes, pertenciam ao primeiro tipo. Já do segundo tipo, somente foi identificado até hoje o Castro de São Miguel; sem dúvida que haveria mais castelos deste tipo neste território, mas a sua fragilidade dificulta a sua identificação.

IV.3 TORRES TARDO-MEDIEVAIS NO CASTELO DE ABRANTES. AS MURALHAS SÃO DO INÍCIO DO SÉC. XIX D.C.  
LATE MEDIEVAL TOWERS IN THE CASTLE OF ABRANTES. THE WALLS ARE EARLY XIX A.D.



IV.4 SILOS ISLÂMICOS ENCONTRADOS NA RUA GRANDE EM ABRANTES.  
ISLAMIC SILOS FOUND IN RUA GRANDE IN ABRANTES.

IV.5 SILOS ISLÂMICOS ENCONTRADOS NA RUA GRANDE EM ABRANTES.  
ISLAMIC SILOS FOUND IN RUA GRANDE IN ABRANTES.

IV.6 MAPA COM POSSÍVEIS ÁREAS DE OCUPAÇÃO DO CASTELO [●] E POVOADO [●] NA ÉPOCA ISLÂMICA EM ABRANTES.  
MAP WITH POSSIBLE AREAS OF OCCUPATION OF THE CASTLE [●] AND THE SETTLEMENT [●] DURING THE ISLAMIC PERIOD IN ABRANTES.





IV.7 ESTELAS FUNERÁRIAS TEMPLÁRIAS DO SÉCULO XII D.C.  
ACHADAS NO CASTELO DE ABRANTES E NO VIZINHO HELIPORTO.  
KNIGHTS' TEMPLAR FUNERARY STELAE FOUND  
IN THE CASTLE OF ABRANTES AND THE NEARBY HELIPORT.

IV.8 FRAGMENTO DE JARRO ISLÂMICO. CASTELO DE ABRANTES.  
SÉCS. IX-XI D.C. CERÂMICA DIMENSÕES: COMPRIMENTO 3,3 CM; LARGURA 2,5 CM.  
FRAGMENT OF ISLAMIC JAR. CASTLE OF ABRANTES.  
IX-XI AD. POTTERY. DIMENSION: LENGTH 3,3 CM; WIDTH 2,5 CM.



IV.9 CANDEIAS. CASTELO DE ABRANTES. SÉCS. XIII-XIV D.C.  
DIMENSÕES MÉDIAS: ALTURA 3 CM; DIÂMETRO 8 CM.  
CANDLES. CASTLE OF ABRANTES. XIII-XIV AD. POTTERY.  
DIMENSION: HEIGHT 3,3 CM; DIAMETER 2,5 CM.

O que se terá passado em 1147 d.C. em Abrantes, quando este território foi incorporado no Reino de Portugal? Se bem que o castelo tivesse uma guarnição composta por soldados muçulmanos, o povoado teria uma população mista de muçulmanos e moçárabes, sendo estes últimos cristãos autóctones que tinham o estatuto de *dhimmi*, pelo qual eram obrigados a pagar impostos suplementares e tinham menos direitos e responsabilidades legais e sociais que os muçulmanos. Para já, escavações arqueológicas em curso no castelo não identificaram nenhuma camada de destruição que pudesse estar relacionada com um assalto violento. Sendo assim, o mais provável é que se tenha passado com os muçulmanos de Abrantes, o mesmo que se passou em outros castelos da linha do Tejo: ou renderam-se, como em Sintra, ou abandonaram o território, como em Almada e Palmela. Quanto à população moçárabe, terá permanecido e constituído, juntamente com alguns imigrantes cristãos de regiões mais setentrionais, o núcleo populacional inicial deste novo território do Reino de Portugal.

Um último pormenor de interesse: é possível que entre 1147 e 1173 d.C., Abrantes tenha pertencido à Ordem do Templo, cujo quartel-general se situava no vizinho território de Tomar. Tal deve-se ao facto de terem sido descobertas em recentes escavações arqueológicas na área do castelo de Abrantes três estelas funerárias com a cruz da Ordem do Templo [FIG. IV.7].

Apresentam-se, de seguida, alguns fragmentos da vida quotidiana durante este período encontrados em escavações arqueológicas no castelo de Abrantes.

Um fragmento de cerâmica pintada de origem islâmica, datável dos séculos IX-XI d.C. e que provavelmente pertenceria a um jarro [FIG. IV.8].

Cinco candeias dos séculos XIII-XIV d.C., alimentadas a azeite e que tinham um pavio para iluminação [FIG. IV.9].

Duas fichas feitas em cerâmica para jogos de tabuleiro, datáveis dos séculos XII-XVI d.C. [FIG. IV.10]. Os jogos de tabuleiro mais populares em que estas fichas eram utilizadas eram os do galo, damas e moinho.

Um pequeno dado feito em osso, também dos séculos XII-XVI d.C., utilizado em jogos de azar [FIG. IV.11].

Três ceitis do século XV, do reinado de D. Afonso V [FIG. IV.12, IV.13 e IV.14]. Trata-se de moedas de cobre de ampla circulação nos séculos XV e XVI d.C.. A sua etimologia está relacionada com a cidade de Ceuta em Marrocos, conquistada pelos portugueses em 1415 d.C., e numa das faces pode ver-se a sua representação esquemática constituída por três torres banhadas pelo mar. Foi nesta altura que Portugal procurou conquistar Marrocos, escudando-se na ideologia da Reconquista Cristã (Marrocos tinha sido cristão antes da conquista islâmica) e o ceitel não deixa de ser a manifestação desse espírito.

Apesar de ela ter terminado no território português em 1249 d.C. com a conquista do Algarve, ela permaneceu viva entre os portugueses, os quais combateram ao lado dos castelhanos contra os muçulmanos de Granada como na Batalha do Salado em 1340 d.C. e mesmo na conquista de Granada em 1492 d.C., tendo nascido em Abrantes um dos portugueses que nela participou: D. Francisco de Almeida.



IV.10 FICHAS DE JOGO DE TABULEIRO. CASTELO DE ABRANTES.  
SÉCS. XII-XVI D.C. DIÂMETRO: 2 CM.  
PIECES OF BOARD GAME. CASTLE OF ABRANTES.  
XII-XVI AD. POTTERY. DIAMETER 2 CM.



IV.11 DADO. CASTELO DE ABRANTES.  
SÉCS. XII-XVI D.C. OSSO. DIÂMETRO: 7 MM.  
DICE. CASTLE OF ABRANTES.  
XII-XVI AD. BONE DIAMETER: 7 MM.



IV.12-14 CEITIL DO REINADO  
DE D. AFONSO V.  
CASTELO DE ABRANTES.  
COBRE. DIÂMETRO: 20 MM.  
CEITIL OF AFONSO V.  
CASTLE OF ABRANTES.  
COPPER. DIAMETER: 20 MM

#### BIBLIOGRAFIA

BETHENCOURT, F.; CURTO, D. R. (EDS.)  
(1991) *A MEMÓRIA DA NAÇÃO*, LISBOA:  
LIVRARIA SÁ DA COSTA EDITORA

CAMPOS, E. (1995) *NOTAS HISTÓRICAS SO-*  
*BRE A FUNDAÇÃO DE ABRANTES*, ABRANTES:  
CÂMARA MUNICIPAL DE ABRANTES

CAMPOS, E. (2002) *NOTAS SOBRE O CAS-*  
*TELO DE ABRANTES*, IN MORATO, MANUEL  
*MEMÓRIA HISTÓRICA DA NOTÁVEL VILA DE*  
*ABRANTES*, ABRANTES: CÂMARA MUNICIPAL  
DE ABRANTES, PP. 14-17

FERRARO VAZ, J. (1970) *LIVRO DAS MOE-*  
*DAS DE PORTUGAL*, BRAGA: LIVRARIA CRUZ

GASPAR, F. (2011) *SILOS MEDIEVAIS DE*  
*ABRANTES*, IN *ZAHARA*, 18, PP. 25-32

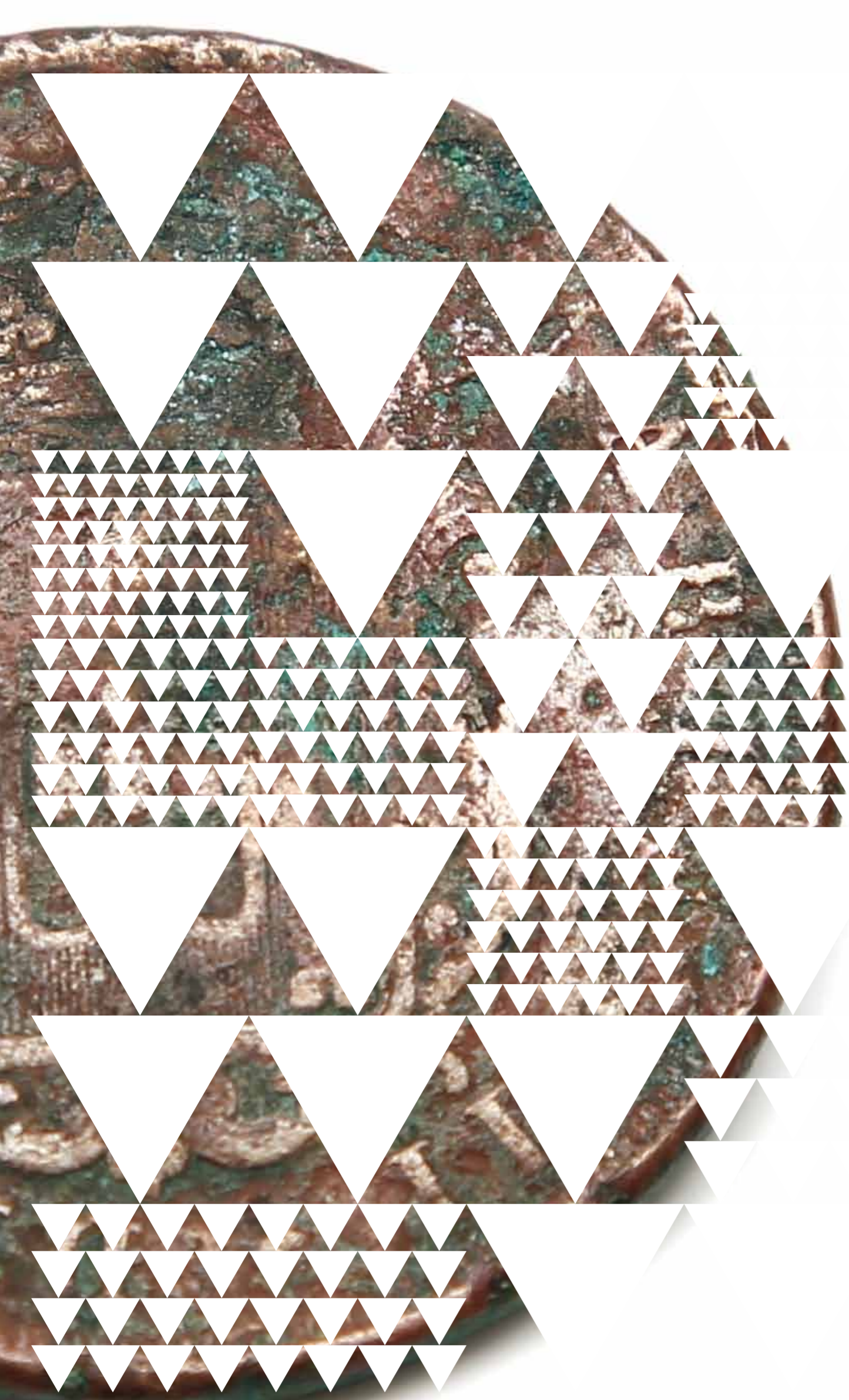
MORATO, M. (2002 [1860]) *MEMÓRIA*  
*HISTÓRICA DA NOTÁVEL VILA DE ABRAN-*  
*TES*, ABRANTES: CÂMARA MUNICIPAL DE  
ABRANTES

PORTOCARRERO, G. (2013) *O CASTELO*  
*DE ABRANTES DURANTE A IDADE MODERNA*,  
IN *ACTAS DAS II E III JORNADAS INTERNA-*  
*CIONAIS DO MIAA*, ABRANTES: CÂMARA  
MUNICIPAL DE ABRANTES, PP. 161-170

PORTOCARRERO, G.; DELFINO, D.; GAS-  
PAR, F.; BATISTA, Á.; CRUZ, A.; GRAÇA,  
A. (A PUBLICAR EM 2015) *RESULTADOS*  
*DA PRIMEIRA E SEGUNDA CAMPANHA DE*  
*ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO CASTELO*  
*DE ABRANTES EM 2013 E 2014, NO ÂMBI-*  
*TO DO PLANO NACIONAL DE TRABALHOS*  
*ARQUEOLÓGICOS CASTAB*, IN *ACTAS DAS*  
*IV E V JORNADAS INTERNACIONAIS DO*  
*MIAA*, ABRANTES: CÂMARA MUNICIPAL DE  
ABRANTES

#### ARTIGO ELETRÓNICO

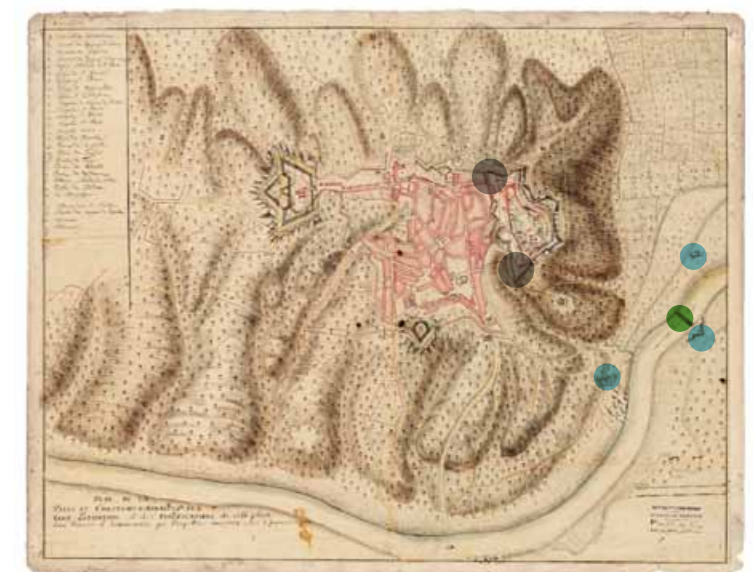
CANDEIAS, J.; BATISTA, A.; GASPAR,  
F. (2010) *CARTA ARQUEOLÓGICA DO*  
*CONCELHO DE ABRANTES*, CÂMARA  
MUNICIPAL DE ABRANTES, ABRANTES,  
CONSULTÁVEL EM: [HTTP://SIC.CM-ABRANTES.  
PT/CARTA\\_ARQUEOLOGICA/CARTA.HTML](http://sic.cm-abrantes.pt/carta_arqueologica/carta.html)



# v. a chave da estremadura

GUSTAVO PORTOCARRERO  
FILOMENA GASPAR

Com a Restauração de Portugal em 1640, tem início um novo período de conflitos bélicos, já não com o Islão, mas desta vez com potências europeias e que se prolonga até ao século XIX. A primeira foi a Guerra da Restauração entre 1640-68 que culminou no reconhecimento espanhol da independência portuguesa. Outras seguiram-se: a Guerra da Sucessão de Espanha (1704-13), a Guerra dos Sete Anos (1762-63), a Guerra das Laranjas (1801) e as Invasões Francesas (1807-15). Acrescenta-se ainda as guerras civis de 1832-34 e 1847-48. O território de Abrantes, a meio caminho entre a capital de Portugal e a fronteira, vai passar a ter uma enorme importância estratégica no sentido de travar invasões com início na fronteira espanhola e de apoiar logisticamente os exércitos portugueses em campanha nesta zona. Era tal a importância estratégica deste território que o rei D. Pedro II no início do século XVIII designou Abrantes como a *Chave da Estremadura*.



O aumento da atividade bélica neste território provocou mudanças na paisagem, tornando-se perceptível uma maior militarização da mesma. Assim, logo em 1663-64, na fase mais aguda da Guerra da Restauração, foram levadas a cabo obras no castelo de Abrantes com vista a melhorar o seu potencial defensivo. Foram construídos dois baluartes, um encostado à extremidade norte do castelo e um outro à extremidade sul, com vista a interceptar com artilharia quaisquer tentativas de invasão da cidade pela entrada junto à igreja de São Vicente ou a partir do Rio Tejo [FIG. v.1 e v.2]. Além disso, foram construídos no interior do castelo, a sul da velha torre de menagem, dois paíóis de munições, delimitados e protegidos por muros altos [FIG. v.3]. Também a muralha sul foi reconstruída, tendo sido aí aberta uma porta (localmente conhecida por Porta da Traição) que permitia um mais rápido municionamento dos baluartes.

v.1 MAPA DE ABRANTES DE 1731. OS DOIS BALUARTES CONSTRUÍDOS EM 1663-64 JUNTO AO CASTELO DE ABRANTES, BEM COMO A PONTE SOBRE O RIO TEJO E AS FORTIFICAÇÕES QUE A PROTEGIAM, ENCONTRAM-SE ASSINALADOS. MAP OF ABRANTES IN 1731. THE TWO BASTIONS BUILT IN 1663-64 NEAR THE CASTLE OF ABRANTES, AS WELL AS THE BRIDGE OVER THE RIVER TAGUS AND THE FORTIFICATIONS THAT PROTECTED IT ARE MARKED.



V.2 BALUARTE CONSTRUÍDO JUNTO AO CASTELO DE ABRANTES EM 1663-64.  
BASTION BUILT NEAR THE CASTLE OF ABRANTES IN 1663-64.



V.3 PAIÓIS E RESPECTIVO MURO DELIMITADOR NO INTERIOR DO CASTELO DE ABRANTES, CONSTRUÍDOS EM 1663-64.  
MAGAZINES AND ENCLOSING WALL INSIDE THE CASTLE OF ABRANTES.



V.4 MAPA DE ABRANTES DO SÉC. XIX, ONDE SÃO VISÍVEIS AS FORTIFICAÇÕES QUE RODEAVAM A CIDADE.  
NINETEENTH CENTURY MAP OF ABRANTES SHOWING THE FORTIFICATIONS SURROUNDING THE TOWN.

Mas a obra mais marcante teria lugar a partir de 1704, aquando do início da participação portuguesa na Guerra da Sucessão de Espanha, quando foi decidido cercar toda a cidade de Abrantes com uma muralha abaluartada. As obras decorreram ao longo de todo o século XVIII e nunca chegaram a terminar. No primeiro mapa conhecido de Abrantes datado de 1731, da autoria do Engenheiro Engelée, são visíveis, a vermelho, várias das obras até então efetuadas, enquanto que a azul estão obras projetadas, da autoria desse engenheiro, mas que nunca chegaram a ser executadas [FIG. v.1]. O resultado final das obras de fortificação da cidade de Abrantes pode ser visto num mapa de inícios do século XIX e ainda hoje subsistem vários baluartes e panos de muralha. [FIG. v.4, v.5, v.6 e v.7]

A partir de 1798, o castelo tornou-se um espaço exclusivamente militar. Até então, tinha um estatuto ambíguo, dado também ser a residência dos marqueses de Abrantes, mas nesta data, com receio de uma invasão a partir de Espanha, instalou-se no palácio dos marqueses a Legião Portuguesa, uma unidade de elite do exército português, tendo também sido construído um novo aquartelamento, encostado às muralhas, no espaço onde atualmente se situa o parque radical [FIG. v.8]. O quartel permaneceu no castelo até meados do século XX, altura em que foi transferido para Vale de Roubam, tendo os aquartelamentos sido destruídos em 1969-71 pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.



V.5 BALUARTE SETECENTISTA DE SÃO PEDRO, PRÓXIMO DO CASTELO DE ABRANTES E COM VISTA SOBRE O RIO TEJO.  
EIGHTEENTH CENTURY BASTION OF SÃO PEDRO, WITH A VIEW OVER THE RIVER TAGUS.



V.6 BALUARTE SETECENTISTA DE SANTO ANDRÉ NA RUA DA BARCA, COM O CASTELO DE ABRANTES EM SEGUNDO PLANO.  
EIGHTEENTH CENTURY BASTION OF SANTO ANDRÉ IN ROAD OF BARCA, WITH THE CASTLE OF ABRANTES IN THE BACKGROUND.



V.7 BALUARTE SETECENTISTA DE SÃO DOMINGOS, PRÓXIMO DO CONVENTO EPÓNIMO.  
EIGHTEENTH CENTURY BASTION OF SÃO DOMINGOS, NEAR THE EPONYMOUS CONVENT.



V.8 QUARTEL CONSTRUÍDO JUNTO AO CASTELO DE ABRANTES PARA ALOJAR A LEGIÃO PORTUGUESA EM 1798.  
BARRACK BUILT NEAR THE CASTLE OF ABRANTES TO HOUSE THE LEGIÃO PORTUGUESA IN 1798.

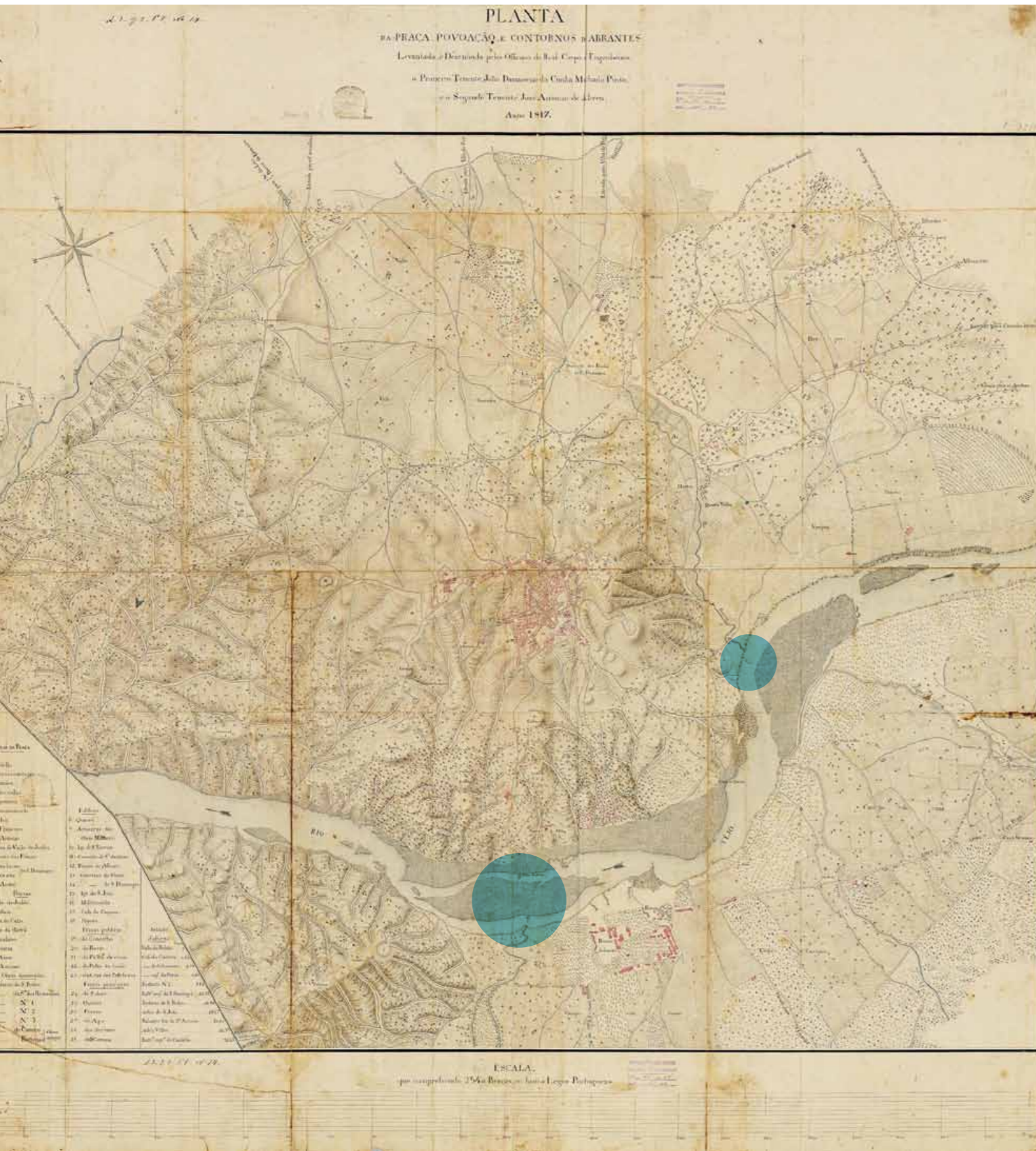
V.9 RUÍNAS DA CASERNA/PAIOL CONSTRUÍDA NO INÍCIO DO SÉCULO XIX NO CASTELO DE ABRANTES.  
RUINS OF THE BARRACK/MAGAZINE BUILT IN THE EARLY 19TH CENTURY IN THE CASTLE OF ABRANTES.



No início do século XIX, também foram feitas novas obras no castelo e que ainda hoje se mantêm. Assim, as velhas muralhas medievais nos lados virados a Abrantes e ao Rio Tejo foram adaptadas a cortinas escarpadas, tendo sido instaladas várias canhoneiras nos seus parapeitos e o terreno no interior do castelo foi terraplano de modo a servir simultaneamente de reforço das muralhas contra ataques de artilharia, assentamento das peças de artilharia no interior do castelo e de praça de armas. A sua importância como depósito de abastecimentos militares aumentou com a construção de mais um paiol junto à torre de menagem (demolido no século XX) e de uma caserna, também com munições, junto à Porta da Traição e cujas ruínas são ainda visíveis [FIG. V.9].

Outra consequência da maior atividade militar neste território foi a construção de pontes de barcas para facilitar a travessia do Rio Tejo. Em períodos mais calmos eram utilizados vaus para atravessar o Rio Tejo. Um mapa do século XIX mostra a localização de dois desses vaus: um na desembocadura do Rio Torto e outro entre as desembocaduras do Rio das Hortas e da Ribeira de Coalhos [FIG. V.10]. A mais antiga ponte conhecida é visível no mapa de 1731, na zona deste último vau [FIG. V.1]. Nota-se que foram construídos vários redutos nas duas margens (dois a norte e um a sul) na proximidade desta ponte para proteger os seus acessos.

Esta ponte não durou muito tempo e em 1797, quando havia receio de novas invasões a partir da fronteira espanhola foi construída uma nova ponte de barcas sobre o Tejo pelo Real Corpo de Engenheiros. O seu projeto é conhecido e visível numa imagem da época, tendo sido feita onde atualmente se situa o açude [FIG. V.11]. Note-se inclusive o pormenor na parte superior da imagem da forma como a ponte foi feita. Tal como a anterior ponte, também esta foi protegida por vários redutos em seu redor, em ambas as margens do Rio Tejo e cujas ruínas são ainda atualmente visíveis. Assim, na margem sul foi construído um reduto circular no Caneiro [FIG. V.11 e V.12] de onde partiam duas trincheiras em direção ao rio, bem como um outro reduto quadrangular para leste, enquanto na margem norte foi construído um reduto circular na Cidade Desportiva, um outro semi-circular onde atualmente se situa a Escola Dr. Manuel Fernandes e uma bateria em linha a sul da anterior [FIG. V.11 e V.13].



V.10 MAPA DE 1817 COM INDICAÇÃO DOS VAUS NO RIO TEJO [●].  
MAP OF 1817 SHOWING THE FORDS IN RIVER TAGUS [●].

V.11 MAPA DE 1797 COM INDICAÇÃO DA PONTE DE BARCAS CONSTRUÍDA SOBRE O RIO TEJO E COM DIVERSOS FORTES E TRINCHERAS DEFENSIVAS EM SEU REDOR EM AMBAS AS MARGENS. NOTE-SE, NA PARTE SUPERIOR DO MAPA, UM DESENHO EXPLICANDO O FUNCIONAMENTO DA PONTE.  
MAP OF 1797 SHOWING THE PONTOON BRIDGE ON RIVER TAGUS AND SEVERAL FORTS AND TRENCHES AROUND IT ON BOTH BANKS. NOTICE, ON THE UPPER PART OF THE MAP, A DRAWING EXPLAINING THE OPERATION OF THE BRIDGE.



V.12 MARGEM SUL DO RIO TEJO, SENDO VISÍVEL, DA ESQUERDA PARA A DIREITA, A LOCALIZAÇÃO DAS OBRAS FEITAS EM 1797: O REDUTO DA ESCOLA DR. MANUEL FERNANDES, A PONTE E O REDUTO DO CANEIRO.  
SOUTHERN BANK OF THE RIVER TAGUS, BEING VISIBLE, FROM LEFT TO RIGHT, THE LOCATION OF THE WORKS MADE IN 1797: THE FORT OF ESCOLA DR. MANUEL FERNANDES, THE BRIDGE AND THE FORT OF CANEIRO.



V.13 MARGEM NORTE DO RIO TEJO, SENDO VISÍVEL, DA ESQUERDA PARA A DIREITA, A LOCALIZAÇÃO DAS OBRAS FEITAS EM 1797: REDUTO DA CIDADE DESPORTIVA, O REDUTO DA ESCOLA DR. MANUEL FERNANDES, A PONTE E AINDA O SECULAR CASTELO DE ABRANTES. NORTHERN BANK OF THE RIVER TAGUS, BEING VISIBLE, FROM LEFT TO RIGHT, THE LOCATION OF THE FORT OF CIDADE DESPORTIVA, THE FORT OF ESCOLA DR. MANUEL FERNANDES, THE BRIDGE AND ALSO THE CASTLE OF ABRANTES.



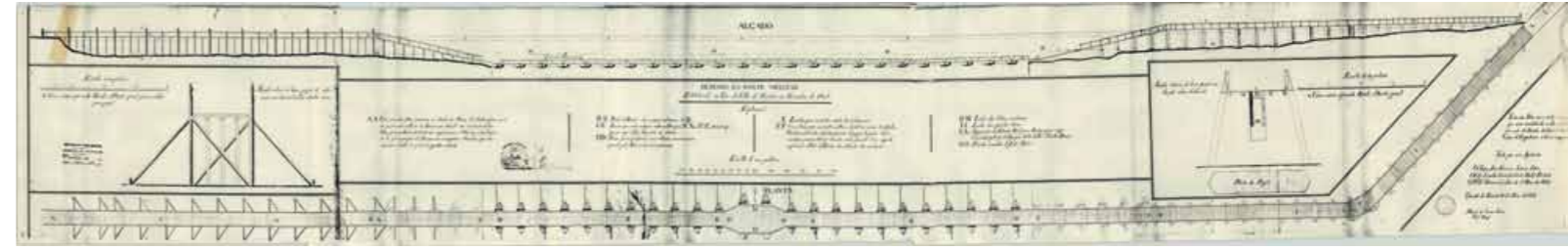
V.14 OS MOURÕES NO RIO TEJO.  
THE MOURÕES ON RIVER TAGUS.

Em 1808-9 foi construída uma nova ponte de barcas, também pelo Real Corpo de Engenheiros, no local onde atualmente se podem ver as ruínas ditas dos *Mourões*, junto ao Rossio ao Sul do Tejo [FIG. V.14]. A tradição local atribui a sua construção ao tempo em que os mouros estavam em Abrantes, tal como indica a designação dessas ruínas. Na realidade, olhando para um mapa dessa ponte datado de 1812, pode ver-se que os ditos *Mourões* são afinal pilares de sustentação da dita ponte de barcas [FIG. V.15]. A atribuição de ruínas arqueológicas aos mouros tem uma longa história em Portugal, recuando à Idade Média, às guerras da Reconquista Cristã, quando o *Outro* para as comunidades cristãs era o mouro. Assim, como as ruínas arqueológicas não faziam parte do mundo cristão, eram assumidas como pertencendo ao *Outro* mouro. A força deste conceito era tal que em pleno século XIX, apesar de já não haver muçulmanos em Portugal, bastou que os pilares da ponte ficassem arruinados para que a sua origem fosse atribuída aos mouros.

Ainda hoje Abrantes e o Médio Tejo mantêm esta vertente militar, sendo nesta região que se concentram a maior parte das unidades militares portuguesas com as mesmas funções dos últimos séculos.

Apresentam-se, de seguida, alguns fragmentos da vida quotidiana durante este período encontrados em escavações arqueológicas no castelo de Abrantes.

Um dos mais antigos é um cachimbo de caulino datável de meados do século XVII [FIG. V.16], altura em que tiveram lugar as obras de fortificação da Guerra da Restauração. De origem americana, o consumo de tabaco difundiu-se na Europa a partir de finais do século XVI. Ao contrário do que se passa atualmente em que se usam sobretudo cigarros, nessa altura o tabaco era consumido sobretudo por intermédio de cachimbos.



V.15 MAPA DE 1812 DE UMA PONTE DE BARCAS CONSTRUÍDA EM 1808-9 NO RIO TEJO NO SÍTIO DOS MOURÕES, SENDO VISÍVEL, NO LADO DIREITO DO MAPA, QUE ESTES ÚLTIMOS SÃO, AFINAL, PILARES DA PONTE.  
MAP OF 1812 OF A PONTOON BRIDGE BUILT ON THE RIVER TAGUS IN 1808-9 IN THE MOURÕES, BEING VISIBLE, ON THE RIGHT SIDE OF THE MAP, THAT THESE ARE, AFTER ALL, PILLARS OF THE BRIDGE.



V.16 CACHIMBO DE CAULINO. CASTELO DE ABRANTES.  
MEADOS DO SÉC. XVII. DIMENSÕES: COMPRIMENTO 5 CM; LARGURA 2,7 CM.  
CLAY PIPE. CASTLE OF ABRANTES. MIDDLE 17TH CENTURY.  
DIMENSIONS: LENGTH 5 CM; WIDTH 2,7 CM.

V.17 CINCO BOTÕES USADOS EM UNIFORMES MILITARES.  
 CASTELO DE ABRANTES, SÉCS. XVIII (ESQ.) E XIX (DIR.).  
 BRONZE (ESQ.) E LATÃO (DIR.). DIÂMETRO MÉDIO: 9 MM.  
 FIVE BUTTONS USED IN MILITARY UNIFORMS.  
 CASTLE OF ABRANTES, XVIII (LEFT) AND XIX CENTURIES (RIGHT).  
 BRONZE (LEFT) AND BRASS (RIGHT). AVERAGE DIAMETER: 9 MM.



V.18 QUATRO BOTÕES USADOS NA ROUPA INTERIOR DOS MILITARES.  
 CASTELO DE ABRANTES, SÉC. XIX. OSSO. DIÂMETRO MÉDIO: 1,5 CM  
 FOUR BUTTONS USED IN MILITARY UNDERWEAR. CASTLE OF ABRANTES.  
 XIX CENTURY, BONE. AVERAGE DIAMETER: 9 MM.

Encontraram-se também diversos botões de metal [FIG. v.17] e osso [FIG. v.18] utilizados pelos militares. Os de metal, datáveis dos séculos XVIII e XIX, eram usados nos uniformes dos militares e davam-lhes um ar mais aprumado. Já os de osso, material menos nobre, eram utilizados na roupa interior; os exemplares apresentados datam do século XIX.

Uma peça curiosa é um soldadinho de chumbo do século XIX [FIG. v.19]. Até finais do século XIX, os soldadinhos de chumbo eram utilizados por oficiais para jogos de guerra. Somente com a invenção de métodos industriais nessa altura que permitiram uma produção massificada e mais barata desses soldadinhos é que passaram também a ter o uso que é mais habitual atualmente: para brincar e colecionar.

Também exposta encontra-se uma bala de espingarda *Mauser*, datável dos inícios do século XX [FIG. v.20].



V.20 BALA DE ESPINGARDA MAUSER. CASTELO DE ABRANTES.  
 MEADOS DO SÉC. XX. LATÃO. DIMENSÕES: ALTURA 5,4 CM; DIÂMETRO: 1,3 CM.  
 BULLET OF MAUSER RIFLE. CASTLE OF ABRANTES. MIDDLE 20TH CENTURY.  
 BRASS. DIMENSIONS: LENGTH 5,4 CM; WIDTH 1,3 CM.

V.19 SOLDADINHO. CASTELO DE ABRANTES. SÉC. XIX. CHUMBO.  
 DIMENSÕES: COMPRIMENTO 4,5 CM; LARGURA: 2 CM.  
 TOY SOLDIER. CASTLE OF ABRANTES. XIX CENTURY. LEAD.  
 DIMENSIONS: LENGTH 4,5 CM; WIDTH 2 CM.





V.21 MOEDA DE 3 VINTÉNS DE D. PEDRO II. CASTELO DE ABRANTES. PRATA. DIÁMETRO: 18 MM.  
COIN OF 3 VINTÉNS OF D. PEDRO II. SILVER. DIAMETER: 18 MM



V.22 MOEDA DE 3 VINTÉNS DE D. PEDRO II. CASTELO DE ABRANTES. PRATA. DIÁMETRO: 18 MM.  
COIN OF 3 VINTÉNS OF D. PEDRO II. SILVER. DIAMETER: 18 MM



V.23 MOEDA DE 5 RÉIS DE D. JOÃO V. 1713. COBRE. DIÁMETRO: 31 MM.  
COIN OF 5 RÉIS OF JOÃO V. 1713. COPPER. DIAMETER: 31 MM.



V.24 MOEDA DE 10 RÉIS DE D. JOÃO V. 1748. COBRE. DIÁMETRO: 34 MM.  
COIN OF 10 RÉIS OF JOÃO V. 1748. COPPER. DIAMETER: 34 MM.



Por último, encontra-se exposto um conjunto de moedas achadas no castelo e que estão relacionadas com vários momentos da história militar de Abrantes. Duas moedas de 3 vinténs em prata do reinado de D. Pedro II [FIG. v.21 e 22], altura em que se iniciou a construção de uma cerca abaluartada em redor de Abrantes. Uma moeda de cobre de 5 réis de 1713 [FIG. v.23], aquando da participação portuguesa na Guerra da Sucessão de Espanha. Duas moedas de cobre de 10 réis, uma de 1748 [FIG. v.24] e outra de 1764 [FIG. v.25], sensivelmente na altura da participação portuguesa na Guerra dos Sete Anos, quando se instalaram vários regimentos no castelo de Abrantes. Uma moeda de cobre de 5 réis do Príncipe Regente D. João, da altura das Invasões

Francesas [FIG. v.26]. Uma moeda de cobre espanhola de 4 maravedis, do reinado de Carlos IV de Espanha e cunhada na primeira década do século XIX (o último algarismo não é claro) [FIG. v.27]; trata-se, decerto, de uma moeda levada pelas forças que invadiram Portugal em 1807 e que instalaram uma guarnição em Abrantes, a qual foi expulsa no ano seguinte por uma sublevação popular. Um pataco de bronze de 1826 do reinado de D. Pedro IV [FIG. v.28], o rei que viria a travar a guerra de civil de 1832-34 com o seu irmão D. Miguel. Uma moeda de cobre de 10 réis de 1842 [FIG. v.29], pouco antes da eclosão da guerra civil de 1847-48 e uma outra de 20 réis de 1848 [FIG. v.30] já durante o decorrer da guerra.



V.25 MOEDA DE 10 RÉIS DE D. JOSÉ. 1764. COBRE. DIÁMETRO: 30 MM.  
COIN OF 10 RÉIS OF JOSÉ I. 1764. COPPER. DIAMETER: 30 MM.



V.26 MOEDA DE 5 RÉIS DO PRÍNCIPE REGENTE D. JOÃO. COBRE. DIÂMETRO: 34 MM.  
COIN OF 5 RÉIS OF PRINCE REGENT JOÃO. COPPER. DIAMETER: 34 MM.



V.27 MOEDA DE 4 MARAVEDIS DE CARLOS IV DE ESPANHA. 180[...].  
COBRE. DIÂMETRO: 26 MM.  
COIN OF 4 MARAVEDIS OF CARLOS IV OF SPAIN. 180[...].  
COPPER. DIAMETER: 26 MM.



V.28 PATACO DE D. PEDRO IV. 1826. BRONZE. DIÂMETRO: 34 MM.  
PATACO OF PEDRO IV. 1826. BRONZE. DIAMETER: 34 MM.



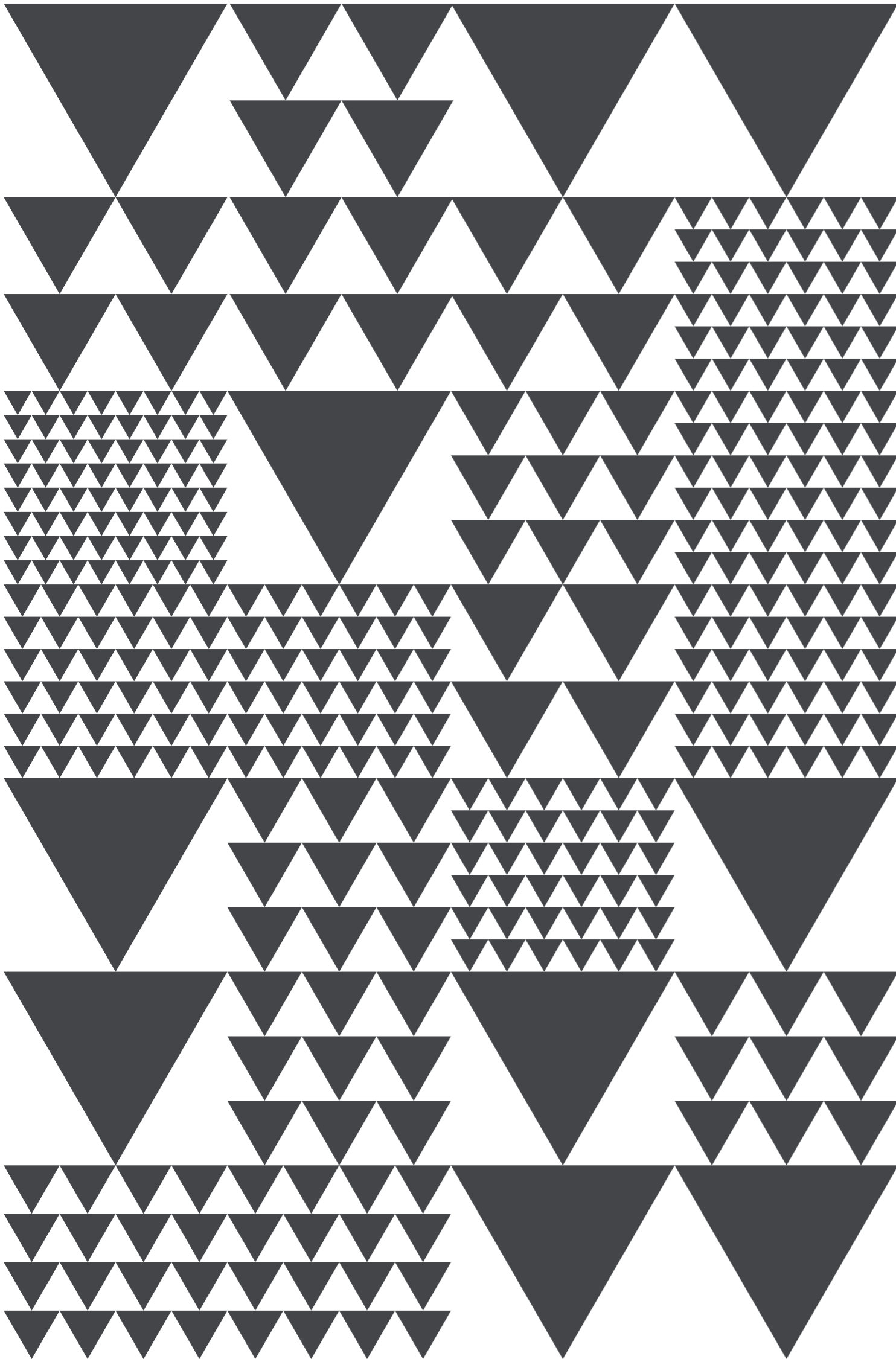
V.29 MOEDA DE 10 RÉIS DE D. MARIA II. 1842. COBRE. DIÂMETRO: 31 MM.  
COIN OF 10 RÉIS OF MARIA II. 1842. COPPER. DIAMETER: 31 MM.

V.30 MOEDA DE 20 RÉIS DE D. MARIA II. 1848. COBRE. DIÂMETRO: 36 MM.  
COIN OF 20 RÉIS OF MARIA II. 1848. COPPER. DIAMETER: 36 MM.



#### BIBLIOGRAFIA

- CAMPOS, E. (2002) NOTAS SOBRE O CASTELO DE ÁBRANTES, IN MORATO, MANUEL *MEMÓRIA HISTÓRICA DA NOTÁVEL VILA DE ÁBRANTES*, ÁBRANTES: CÂMARA MUNICIPAL DE ÁBRANTES, PP. 14-17
- FERRARO VAZ, J. (1970) *LIVRO DAS MOEDAS DE PORTUGAL*, BRAGA: LIVRARIA CRUZ
- HUME, I. N. (1985) *ARTIFACTS OF COLONIAL AMERICA*, NEW YORK: KNOPF
- MORATO, M. (2002 [1860]) *MEMÓRIA HISTÓRICA DA NOTÁVEL VILA DE ÁBRANTES*, ÁBRANTES: CÂMARA MUNICIPAL DE ÁBRANTES
- OPIE, J. (1993) *THE GREAT BOOK OF BRITAINS: 100 YEARS OF BRITAINS TOY SOLDIERS 1893-1993*, LONDON: NEW CAVENDISH
- PORTOCARRERO, G. (2013) O CASTELO DE ÁBRANTES DURANTE A IDADE MODERNA, IN *ACTAS DAS II E III JORNADAS INTERNACIONAIS DO MIAA*, ÁBRANTES: CÂMARA MUNICIPAL DE ÁBRANTES, PP. 161-170
- PORTOCARRERO, G.; DELFINO, D.; GASPAR, F.; BATISTA, Á.; CRUZ, A.; GRAÇA, A. (A PUBLICAR EM 2015) RESULTADOS DA PRIMEIRA E SEGUNDA CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO CASTELO DE ÁBRANTES EM 2013 E 2014, NO ÂMBITO DO PLANO NACIONAL DE TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS CASTAB, IN *ACTAS DAS IV E V JORNADAS INTERNACIONAIS DO MIAA*, ÁBRANTES: CÂMARA MUNICIPAL DE ÁBRANTES



# estágio de fotografia aplicada no âmbito do projeto MIAA

nuno miguel queiroz

O estágio do Mestrado em Fotografia (do Instituto Politécnico de Tomar), que me encontro a realizar, tem como principais objectivos: questionar o papel da fotografia e como esta ajuda a divulgação, no contexto da Fotografia Aplicada ao Património, mais concretamente à Arqueologia; e adquirir mais conhecimento e experiência profissional nesta área. Desta forma procurei um estágio ao abrigo do Instituto Terra e Memória (ITM) que me encaminhou para o projeto do Museu Ibérico de Arte e Arqueologia e Abrantes (MIAA).

## INTRODUÇÃO

Durante vários séculos o desenho e a pintura foram os principais métodos de registo, mas com o aparecimento da Fotografia, no século XIX, iniciou-se uma inventariação imagética ainda mais exaustiva de todo o Património.

A Fotografia começou a ser utilizada para reproduzir antiguidades relativamente cedo. William Henry Fox Talbot<sup>1</sup> – um antiquário, entre outras coisas – fotografou manuscritos, gravuras e bustos. Em 1852, os curadores do British Museum consultaram Fox Talbot, Brooke (Departamento Fotográfico do Royal Observatory), e Wheatstone (físico e pai da electro-telegrafia) sobre a possibilidade de fotografar placas cuneiformes<sup>2</sup> nesse museu. E em 1853 Roger Fenton apresentou um relatório sobre os custos de construção de uma casa de vidro e uma câmara escura para fotografar os artefactos recorrendo à Calotípiã<sup>3</sup>, neste mesmo museu.

## FOTOGRAFIA APLICADA À ARQUEOLOGIA

Hoje em dia a maioria das pessoas aceita falsas perspectivas e distorções produzidas pela câmara, mas esta aceitação é perigosa no que diz respeito à arqueologia. O que é aceitável para a maioria, não é necessariamente aceitável para o arqueólogo, que espera uma imagem o mais fiel ao objecto.

É preciso lembrar que, a câmara fotográfica, se não for utilizada com conhecimento das suas limitações, nem sempre registará fielmente o objecto.

Os requisitos e conhecimentos para reproduzir objetos arqueológicos diferem consideravelmente dos da fotografia de produto. Nas imagens para estudo arqueológico pretende-se uma reprodução factual do original, mostrando todas as suas características.

Segundo Peter Dorrell<sup>4</sup> “o objectivo da fotografia arqueológica deve ser registar corretamente o máximo de informação, evitando distorções de forma, proporção, textura e cor”. Este, defende ainda que uma fotografia deverá ser tão informativa como o próprio objeto.

Para ser o mais rigorosa possível, a reprodução fotográfica deve seguir determinados padrões, de modo a permitir uma leitura uniforme por especialistas. Para tal foram estabelecidos alguns preceitos, muitos deles transcritos do desenho técnico aplicada à arqueologia, como por exemplo: a orientação dos objetos e escalas dependem do material e da sua função; a luz, que na maior parte dos casos, deve ser orientada de cima para baixo a partir das 10h e a 45° do objecto; etc.

Assim a Fotografia Aplicada à Arqueologia vem ajudar os especialistas (neste caso os arqueólogos) a estudar um conjunto de peças de uma forma precisa, rápida e eficaz.



QR CODE  
PARA ACEDER AOS PROCEDIMENTOS  
DE FOTOGRAFIA APLICADA  
À ARQUEOLOGIA

1 FOX TALBOT (1800-1877) - ESCRITOR E CIENTISTA INGLÊS, PIONEIRO DA FOTOGRAFIA.

2 CUNEIFORME - ESCRITA DESENVOLVIDA PELOS SUMÉRIOS.

3 CALOTÍPIA - PROCESSO FOTOGRÁFICO INTRODUZIDO EM 1841 POR FOX TALBOT.

4 DORRELL, PETER - PHOTOGRAPHY IN ARCHEOLOGY AND CONSERVATION, 1989.



QR CODE  
PARA ACEDER AOS PROCEDIMENTOS  
DE FOTOGRAFIA APLICADA  
À PAISAGEM

#### FOTOGRAFIA APLICADA À PAISAGEM

Dar a conhecer os lugares das descobertas arqueológicas ajuda-nos a situar e a criar uma ligação mais próxima com artefactos aí encontrados.

Realizaram-se duas abordagens fotográficas distintas: na primeira dá-se a conhecer a paisagem envolvente do local, de modo a imaginar a vista que os povoados teriam. Para tal recorreu-se a uma técnica fotográfica que consiste em capturar um elevado número de fotografias, que posteriormente unidas formam um mosaico uniforme, criando assim uma única imagem de alta resolução, que quando ampliada permite analisar imensos detalhes; na segunda revela-se o local propriamente dito, recorrendo a imagens de arquivo, pois alguns dos locais encontram-se bastante alterados no presente.

#### NOVAS FORMAS DE VISUALIZAÇÃO

Vivendo num mundo em que a fotografia (digital) deixou de ter suporte físico (o que possibilita novas formas de visualização) exploram-se configurações que visam libertar esta da impressão em papel. Para tal recorreu-se a códigos QR, que nos possibilitam, através de um intermediário (smartphone ou tablet), o acesso a conteúdos multimédia, tendo como propósito divulgar de uma forma interativa e cativante, suscitando interesse e consciencialização da população pela conservação e restauro destes artefactos arqueológicos.

Como é possível verificar, estes conteúdos multimédia, já implementados nesta edição, são uma mais valia na forma como o público pode aceder a conteúdos que permitem uma visão acrescentada da fotografia e do objeto.



Série de lâminas; sílex  
Colos (São Facundo, Abrantes); V-IV milénio a.C.  
dimensões variáveis  
ESPÓLIO DA CMA



Pátera; bronze  
Romano; séc. I-II d.C.  
29,6 cm (C), 15,8 cm (L), 2,4 cm (A)

COLEÇÃO DA FUNDAÇÃO ESTRADA



Capacete Apulo - Coríntio; bronze  
Sul Itália; sécs. V-IV a.C.  
31,2 cm (C), 26,5 cm (A), 23 cm (L)

COLEÇÃO DA FUNDAÇÃO ESTRADA



Espada de Antenas com bainha; ferro  
Celtibérico; séc. IV a.C.  
62,5 cm (A), 6,5 cm (C), 0,9 cm (L)

COLEÇÃO DA FUNDAÇÃO ESTRADA



Adaga; bronze  
Luristão; sécs. IX-VII a.C.  
38,6 cm (A), 4,5 cm (C), 0,6 cm (L)

COLEÇÃO DA FUNDAÇÃO ESTRADA



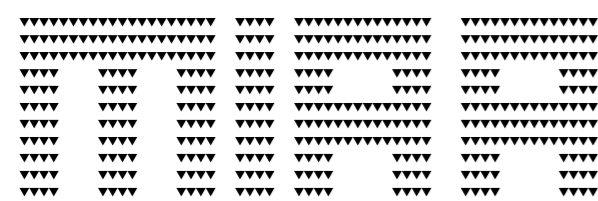
Olpe; bronze  
Romano; séc. I-II d.C.  
15,2 cm (A), 5,8 cm (D)

COLEÇÃO DA FUNDAÇÃO ESTRADA



RESTAURO DE PEÇAS EFETUADO PELO IPT  
FINANCIADO PELA FUNDAÇÃO ESTRADA

© Nuno Miguel Queiroz



museu ibérico  
de arqueologia  
e arte de abrantés

